

**NATÁLIA DEL PONTE DE ASSIS**

**“VADIAS OU CERTINHAS”: ESTUDO  
PSICANALÍTICO SOBRE O SOFRIMENTO DE  
MENINAS ADOLESCENTES**

**PUC-CAMPINAS  
2019**

**NATÁLIA DEL PONTE DE ASSIS**

**“VADIAS OU CERTINHAS”: ESTUDO  
PSICANALÍTICO SOBRE O SOFRIMENTO DE  
MENINAS ADOLESCENTES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
*Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da  
Vida – PUC- Campinas, como requisito para obtenção  
do título de Doutora em Psicologia como Profissão e  
Ciência.

Orientadora: Professora Livre Docente Dra. Tânia  
Maria José Aiello-Vaisberg

**PUC-CAMPINAS**

**2019**

**NATÁLIA DEL PONTE DE ASSIS**

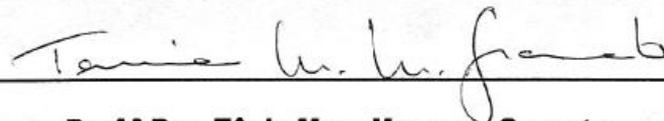
**“VADIAS OU CERTINHAS”: ESTUDO  
PSICANALÍTICO SOBRE O SOFRIMENTO DE  
MENINAS ADOLESCENTES**

**BANCA EXAMINADORA**



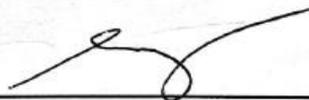
---

**Presidente Prof.ª Livre Docente Tânia Maria Jose Aiello Vaisberg**



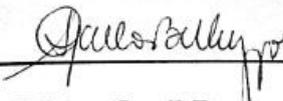
---

**Prof.ª Dra. Tânia Mara Marques Granato**



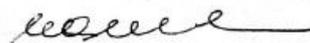
---

**Prof.ª Dra. Vera Engler Cury**



---

**Prof.ª Dra. Sueli Regina Gallo Belluzzo**



---

**Prof.ª Dra. Marcela Casácio Ferreira-Teixeira**

**PUC - CAMPINAS  
2019**

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

155.5 Assis, Natália Del Ponte de.  
A848v "Vadias ou certinhas": estudo psicanalítico sobre o sofrimento de meninas adolescentes / Natália Del Ponte de Assis.- Campinas: PUC-Campinas, 2019.  
185f.

Orientadora: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.  
Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.  
Inclui anexo e bibliografia.

1. Psicologia do adolescente. 2. Sofrimento. 3. Feminismo. 4. Opressão (Psicologia). 5. Adolescentes (Meninas). 6. Psicanálise do Adolescente. I. Vaisberg, Tânia Maria José Aiello. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD – 22. ed. 155.5

*Saber viver*

*Não sei se a vida é curta ou longa para nós,  
mas sei que nada do que vivemos tem sentido,  
se não tocarmos o coração das pessoas.*

*Muitas vezes basta ser:  
colo que acolhe,  
braço que envolve,  
palavra que conforta,  
silêncio que respeita,  
alegria que contagia,  
lágrima que corre,  
olhar que acaricia,  
desejo que sacia,  
amor que promove.*

*E isso não é coisa de outro mundo,  
é o que dá sentido à vida.  
É o que faz com que ela não seja nem curta,  
nem longa demais,  
mas que seja intensa,  
verdadeira,  
pura enquanto durar.*

*(Cora Coralina)*

*Dedico este trabalho às pessoas  
que têm coragem e disposição  
para transformar situações  
de humilhação e injustiça*

**Agradecimentos**

Agradeço à querida orientadora, Professora Livre Docente Tânia Maria Jose Aiello Vaisberg, pela relação respeitosa, produtiva e alegre que cultivamos nos últimos anos. Sua experiência e sensibilidade, bem como nossa mútua confiança, permitiram aprendizagens significativas, que se espalham por diversas áreas da minha vida.

Aos colegas do grupo de pesquisa, que despertam em mim profunda admiração, devido ao compromisso e rigor com que desenvolvem suas pesquisas e buscam por uma psicologia mais ética e solidária. Destaco a companhia da Vanessa Tonon Calderelli Winkler pela afinidade, otimismo e parceria, dentro e fora do contexto acadêmico.

Aos meus pais, Irma Margaret Del Ponte de Assis e Marcio de Assis, que sempre apoiam, de modo fiel e incansável, minhas escolhas. Agradeço a ambos por tanto amor, cuidado e admiração.

Sou muito grata à minha irmã, Marília Del Ponte de Assis, pela valiosa amizade e cumplicidade, que estabelecemos ao longo da vida, e por compartilharmos, em sintonia, cada etapa do doutorado, entrelaçando referências, sonhos e afetos.

As conversas reflexivas e autênticas com meu irmão, Marco Antônio Del Ponte de Assis, sempre ampliam minhas perspectivas sobre os mais variados assuntos. Agradeço-o, pois nosso vínculo é parte significativa das minhas escolhas.

Reconheço, também, o grande valor da amizade, lembrando aqui de minhas amigas, mulheres determinadas, corajosas e amáveis. Sou grata pelas risadas que curam, abraços que confortam e conversas que resgatam. Não poderia deixar de mencionar aquela que me acompanha desde a infância, despertando sempre o melhor de mim, Luana Resende Ladeira.

Também lembro das amigas e colegas de profissão, que se fizeram tão presentes durante o percurso acadêmico. Maura Assad Pimenta Neves, regando minha vida com pesquisa, música e poesia e Mariana Biffi Carvalho Gomes, que se revelou uma grande parceira, sempre disponível com seus sorrisos largos e abraços carinhosos.

À Cristiane Maretti Marangoni Valli, que tem sido fundamental para mim, pela presença viva, sustentadora e bastante cuidadosa. Seu trabalho é fonte de inspiração, que há anos enriquece meu viver, despertando sentimentos de profunda gratidão.

À Jussara Miller, pelas aulas de dança e consciência corporal, que me lembram da responsabilidade e do prazer em cuidar do “corpo sentado”. A disposição com a qual se dedica a ensinar movimentos simples, que auxiliam a viver com mais flexibilidade, presença e arte, é, realmente, notável.

À Professora Doutora Marly Aparecida Fernandes, que me recebeu de forma muito amistosa em um Estágio de Docência, contribuindo com minha formação. Sua criatividade e empenho me encantam desde a época da graduação.

Como membros da Banca do Exame de Qualificação para o Doutorado, as professoras doutoras Tania Mara Marques Granato e Cristiane Helena Dias Simões, brindaram-me com contribuições primorosas e significativas. Por esse motivo, fica aqui expresso o meu muito obrigada.

Às secretárias da Pós-Graduação em Psicologia, Maria Amélia Domingues Gonçalves e Elaine Cristina Machado de Oliveira, pela prontidão e paciência em esclarecer dúvidas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Resumo

ASSIS, Natália Del Ponte de Assis. “Vadias ou Certinhas”: Estudo psicanalítico sobre o sofrimento de meninas adolescentes. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2019.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar imaginários coletivos sobre o sofrimento de meninas adolescentes, considerando a condição de intersecção entre ser mulher e ser adolescente. Organiza-se metodologicamente por meio do estudo psicanalítico de uma série televisiva estadunidense recente, *13 Reasons Why*, material selecionado por tematizar manifestamente o sofrimento emocional vivido na adolescência e por ter gerado alta repercussão entre os telespectadores de diversos países. Exposições à série, em estado de atenção flutuante e associação livre de ideias, permitiram a produção de narrativas transferenciais a partir das quais interpretamos dois campos de sentido afetivo-emocional: "Vadias ou certinhas" e "Sem aprovação não sou ninguém". O primeiro campo organiza-se ao redor da crença segundo a qual meninas adolescentes, que expressam qualquer sexualidade fora de relacionamentos sérios, comportam-se de modo imoral. O segundo campo se organiza ao redor da crença de que meninas corretas são aquelas que se comportam de modo a obter a aprovação dos outros. O quadro geral revela um imaginário conservador, que oprime a espontaneidade da mulher em diversas esferas do viver, incluindo a sexualidade. Nesse contexto, a luta pela aprovação social apresenta-se como articulação entre a tendência a se submeter e a esperança de alcançar reconhecimento enquanto pessoa. Pode-se concluir, portanto, que a opressão social contra a mulher, que corresponde, reconhecidamente, a um sofrimento social, provavelmente se intensifica na fase da adolescência.

**Palavras-chave:** Meninas adolescentes, Adolescência, Pesquisa psicanalítica, Feminismo.

## Abstract

ASSIS, Natália Del Ponte de Assis. *“Sluts or Prudes”*: *Psychoanalytic study about the the suffering of adolescent girls*. Thesis (PhD in Psychology) – Pontifical Catholic University of Campinas, Life Sciences Center, graduate program in Psychology, Campinas, 2019.

The present research aims to investigate collective imaginaries about the suffering of adolescent girls, considering the condition of intersection between being women and adolescents. It is organized methodologically through the psychoanalytic study of a recent television series, "13 reasons why", material selected because it shows the emotional suffering of adolescent girls and for having generated high repercussion between the viewers of different countries. Expositions to the series, in a state of floating attention and free association of ideas, allowed the production of transferential narratives from which we were able to interpretate two fields of affective-emotional meaning: "Sluts or Prudes" and "I am nobody without approval". The first field is organized around the belief that adolescent girls who express any sexuality outside of a serious relationship behave in an immoral way. The second field is organized around the belief that correct girls are those who behave in order to obtain the approval of the others. The general picture reveals a conservative imaginary, which oppresses the spontaneity of the girls in various spheres of living, including sexuality. In this context, the struggle for social approval is presented as an articulation between the tendency to submission and the hope of achieving recognition as a person. It can be concluded, therefore, that the social oppression against women, which is known to be a social suffering, probably intensifies in during adolescence.

**Keywords:** Adolescent girls, Adolescence, Psychoanalytic research, Feminism.

## Resumen

ASSIS, Natália Del Ponte de Assis. “Perras ou Comportadas”: Estudio psicoanalítico sobre el sufrimiento de las adolescentes. 2019. Tesis doctoral (PhD en Psicología) – Pontificia Universidad Católica de Campinas, centro de Ciencias de la vida, Programa de Postgrado en Psicología, Campinas, 2019.

La presente investigación pretende conocer los imaginarios colectivos sobre el sufrimiento de las niñas adolescentes, teniendo en cuenta la condición de intersección entre ser mujer y ser adolescente. Se organiza metodológicamente por medio del enfoque psicoanalítico de una serie televisiva norteamericana, *13 Reasons why*, material seleccionado por tematizar el sufrimiento emocional vivido en la adolescencia y por haber alcanzado un alto rebote entre espectadores de diferentes países. Exposiciones a la serie, en un estado de atención flotante y libre asociación de ideas, permitieron la producción de narrativas transferenciales lo que permitió la interpretación de dos campos de sentido afectivo-emocional: “Perras o comportadas” y “Sin aprobación no soy nadie”. El primer campo se organiza en torno a la creencia de que las adolescentes que expresan cualquier sexualidad fuera de un contexto amoroso se comportan de una manera inmoral. El segundo campo se organiza en torno a la creencia de que las niñas correctas son las que se comportan con el fin de obtener la aprobación de las otras personas. El cuadro general revela un imaginario conservador, que oprime la espontaneidad de las niñas en diversas esferas de la vida, incluyendo la sexualidad. En este contexto, la lucha por la aprobación social se presenta como una articulación entre la tendencia a someterse y la esperanza de lograr el reconocimiento como persona. Se puede concluir, así, que la opresión social contra la mujer, que se sabe que es un sufrimiento social, se intensifica probablemente en la fase de la adolescencia.

**Palabras clave:** Adolescentes, Adolescencia, Investigación psicoanalítica, Feminismo.

## Sumário

Apresentação.....	12
Capítulo I - Adolescência e Sofrimento.....	18
Sofrimento e Preconceito na Adolescência.....	19
Teorias Psicanalíticas e Adolescência .....	24
Capítulo II - Literatura feminista e psicanálise.....	51
Adolescência feminina e drama: reflexões-propositivas .....	53
Feminismo ou feminismos? Um breve histórico .....	61
Teorias feministas e psicanalíticas: um diálogo possível?.....	68
Capítulo III - Fundamentos e Estratégias Metodológicas.....	75
Fundamentação Teórica e Principais Conceitos .....	76
Procedimentos Investigativos .....	84
Capítulo IV - Narrativa Transferencial .....	88
Narrativa Transferencial .....	90
Capítulo V - Interpretações e Interloquções Reflexivas .....	121
Considerações Finais .....	135
Referências.....	143
Apêndice .....	173
Apêndice 1- Narrativa da Trajetória da Pesquisadora .....	174
Apêndice 2 - Lista de personagens da série “13 Reasons Why” .....	182



*"(...)Eu sempre sonho que uma coisa gera,*

*nunca nada está morto.*

*O que não parece vivo, aduba.*

*O que parece estático, espera"*

*(Adélia Prado)*

O presente trabalho se inclui em um conjunto de pesquisas sobre sofrimentos sociais e adolescência, realizado no âmbito do Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPQ “Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção”. Trata-se do estudo empírico de uma produção cultural que tem como objetivo investigar o imaginário coletivo sobre o sofrimento emocional de meninas adolescentes.

Partimos de uma visão segundo a qual a adolescência feminina pode ser produtivamente considerada quando lançamos mão do conceito de interseccionalidade, que veio a ser forjado pela feminista estadunidense Kimberly Crenshaw (2012), a partir da constatação de que as mulheres negras pobres sofreriam opressões triplas, derivadas de machismo, racismo e classe social. Tal conceito tem sido bastante utilizado em pesquisas acadêmicas<sup>1</sup> e ilumina, a nosso ver, de modo sensível, o estudo de condições concretas de vida, evitando abstrações e naturalizações, possíveis de ocorrer quando estudamos, por exemplo, “problemas da adolescência”, ou “problemas femininos”. Por tais razões, concordamos com pesquisadores que defendem que quanto mais interseccionalidades forem passíveis de serem reconhecidas, mais ampla e profunda será a compreensão dos fenômenos, de modo que aprovamos sua utilização no campo das ciências humanas.

---

<sup>1</sup> Realizamos uma busca, no dia 21 de novembro de 2018, utilizando apenas o filtro para espécies humanas, com o descritor “intersectionality”, na base internacional Pubmed, e nos deparamos com 319 artigos sobre diversas condições de opressão, tais como: machismo, classismo, racismo e xenofobia, entre outras.

Entretanto é necessário lembrar que a expansão do uso do termo interseccionalidade desperta preocupações no que diz respeito a um referido “risco de esvaziamento” do conceito (Akotirene, 2018, p. 14). Reconhecemos que tal preocupação seja louvável, mas consideramos descabida a proposta de manter seu uso restrito ao feminismo negro. A nosso ver, trata-se de conceito dotado de grande poder heurístico, que permite um equacionamento bastante concreto de variadas problemáticas do campo de estudo dos sofrimentos sociais, não havendo sinais de que sua utilização venha a desvirtuar seu sentido, antes o contrário. Cumpre, aliás, registrar, que os pesquisadores não deixam de reconhecer que corresponda a uma interessante contribuição teórica que nasce no âmbito do feminismo negro.

Nossa trajetória acadêmica permitiu que estudos acerca de imaginários coletivos sobre adolescência apontassem para um fenômeno que, a nosso ver, merece certa atenção: o preconceito contra adolescentes (Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016). Desse modo, optamos por fazer um recorte no que diz respeito à questão de gênero, e fomos nos deparando com imaginários machistas, opressivos e que revelam indiferença em relação ao sofrimento de meninas adolescentes. Imaginariamente, o sofrimento destas seria pueril, exagerado e abstrato (Assis, Calderelli & Aiello-Vaisberg, 2017; Assis, Melo, Oliveira, Carlos, Nardim, Nogueira, Corsetti & Aiello-Vaisberg, 2016). Entretanto, na clínica institucional e privada, bem como no ambiente virtual, observamos sintomas muito preocupantes, tais como a autolesão praticada predominantemente por meninas adolescentes (Tostes, Assis, Corbett & Aiello-Vaisberg, 2018), o que nos motivou a buscar conhecer mais a fundo as dramáticas de vida de meninas que sofrem nos dias de hoje.

Reconhecendo que são muitas as possibilidades de investigar essa intenção, optamos por realizar um estudo sobre imaginário coletivo, que nos parece particularmente apropriado quando estamos interessadas no estudo de sofrimentos emocionais socialmente determinados. De fato, a pesquisa sobre o imaginário coletivo permite que nos situemos, de saída, numa

posição de valorização da conduta como fenômeno que não emana exclusiva e diretamente de interioridades psíquicas, mas se plasma intersubjetivamente no âmbito de campos vinculares, que denominamos campos de sentido afetivo-emocional, os quais, por seu turno, inserem-se em contextos macrossociais. Sendo variados os materiais de pesquisa, quando focalizamos o imaginário, escolhemos trabalhar com uma produção cultural que gerou grande repercussão em termos de audiência. Trata-se de uma série televisiva estadunidense recente, *13 Reasons Why*, selecionada por tematizar manifestamente o sofrimento emocional vivido na adolescência e por ter gerado impacto notável entre os telespectadores de diversos países.

No capítulo introdutório, intitulado “Adolescência e Sofrimento”, discorremos sobre sofrimentos vividos na adolescência contemporânea, sustentando a defesa de que essa fase é melhor compreendida quando reconhecemos a sua pluralidade, evitando cair em universalismos e abstrações reducionistas. Também nos dedicamos a apresentar estudos psicanalíticos, refletindo criticamente acerca das visões predominantes. Desse modo, concluímos que, muitas vezes, a opressão na adolescência pode estar velada sob a ideia de cuidado.

No segundo capítulo, intitulado “Literatura feminista e psicanálise” oferecemos uma reflexão-propositiva sobre os feminismos nos dias de hoje, apoiadas na psicologia psicanalítica concreta blegeriana. Assim, levamos em conta aspectos que compõem a dramática de vida das meninas adolescentes, que passam, a partir das transformações pubertárias, a compartilhar de opressão feminina pela via da objetificação sexual velada ou explícita. Em seguida, apresentamos uma revisão sobre algumas autoras relevantes do movimento feminista, à luz da psicanálise. Deparamo-nos com algumas tensões, mas também com convergências entre essas duas áreas do saber, reconhecendo que os textos feministas favorecem, de modo geral, a percepção do sofrimento feminino como histórica, social e culturalmente determinado, o que se afina com teorizações da psicologia psicanalítica concreta.

Dedicamos o terceiro capítulo, “Fundamentos e Estratégias Metodológicas”, a discorrer sobre a fundamentação teórica na qual nos baseamos para pesquisar psicanaliticamente uma produção cultural. Nesse sentido, explicamos os principais conceitos utilizados em nosso grupo de pesquisa, bem como os procedimentos investigativos de operacionalização do método psicanalítico na pesquisa qualitativa.

Em seguida, no quarto capítulo, intitulado “Narrativa Transferencial”, trazemos nosso material de pesquisa, o que demanda algum esclarecimento. Temos cultivado, ao longo dos anos uma forma de registro peculiar, que é coerente com o uso do método psicanalítico, na medida em que este depende, fundamentalmente, de capacidade de compreensão emocional de manifestações humanas. Tal capacidade é posta em marcha na medida em que o pesquisador se deixa impressionar afetivo-emocionalmente pelo acontecer humano com o qual se defronta, seja esse uma experiência de atendimento ou, como no nosso caso, a exposição a um material cultural. Assim, depois de nos expormos ao material, elaboramos narrativas nas quais incluímos relatos sobre o enredo dos filmes e impactos transferenciais, ocorridos durante a exposição à série. Essa forma psicanalítica de registro, que vem sendo bastante utilizada em nossas pesquisas, vem revelando potencial heurístico significativo (Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron & Beaune, 2009; Aiello-Vaisberg & Machado, 2005). Ressaltamos que esse procedimento narrativo foi desenvolvido com vistas a favorecer o uso do método psicanalítico por pesquisadores acadêmicos, que nem sempre atuam como psicanalistas clínicos.

No quinto capítulo, propomos interpretações e reflexões sobre dois campos criados/encontrados psicanaliticamente, que intitulamos “Vadias ou Certinhas” e “Sem aprovação não sou ninguém”. Aqui os resultados são equivalentes às interpretações do inconsciente intersubjetivo, vale dizer, aos campos habitados por indivíduos e coletivos. Desse modo, consideramos os campos à luz do pensamento de outros autores das ciências humanas,

pois pensamos a produção de conhecimento segundo uma perspectiva que busca ampliação das reflexões e discussões a partir de outros olhares, num diálogo intersubjetivo.

Finalmente, cabe comunicar que disponibilizamos como anexo uma “Narrativa da Trajetória da Pesquisadora”, em que focalizamos o caminho profissional e alguns aspectos da vida pessoal, para que o leitor se aproxime da intersubjetividade envolvida no processo interpretativo. Tomamos essa iniciativa em função do reconhecimento de que no campo das ciências humanas, usando o método psicanalítico, a subjetividade do pesquisador exerce uma importante influência no material pesquisado. Nesse sentido, consideramos que o leitor interessado pode ler sobre a trajetória da pesquisadora, em estado de atenção flutuante e livre associação de ideias, juntamente com a narrativa transferencial do filme.

Finalizamos sublinhando que esperamos cumprir, por meio da presente tese, com as exigências acadêmicas do doutorado. Visamos produzir conhecimento compreensivo que possa ser útil no âmbito da comunidade científica, que se dedica ao estudo do sofrimento de adolescentes e de mulheres, no âmbito da proposição de práticas psicoprofiláticas e psicoterapêuticas, no campo psicologia clínica social, bem como no âmbito dos movimentos sociais e da sociedade civil.



*minha voz  
não chega aos teus ouvidos  
meu silêncio não toca  
teus sentidos  
sinto muito  
mas isso é tudo que sinto*  
(Alice Ruiz)

Este capítulo é dedicado a um aprofundamento das questões sobre a fase da adolescência. Visando apresentar o sofrimento da menina adolescente numa perspectiva interseccional entre geração e gênero, dividimos o presente capítulo em duas partes.

Na defesa de que o sofrimento na adolescência é melhor compreendido quando percebemos que essa fase é vivida de modo bastante diverso, a depender do contexto social onde ocorre, abordamos na primeira parte aspectos que demonstram tal pluralidade. Nesse sentido, demarcamos a urgência em desmistificar a adolescência de modo universalizante e preconceituoso.

Em seguida, na segunda parte, interessamo-nos em conhecer como os psicanalistas estão lidando com a questão da adolescência, considerando que vivemos em um país marcado por desigualdades sociais. Portanto, apresentamos visões psicanalíticas predominantes na literatura científica brasileira, que podem contribuir para a compreensão do sofrimento vivido nessa fase, mas que também podem ser interpretadas como visões reducionistas e preconceituosas. Assim, concluímos que na adolescência a opressão pode ser velada sob a ideia de cuidado.

### **Sufrimento e Preconceito na Adolescência**

Há indícios de que a adolescência, tal como é produzida na sociedade contemporânea, configura-se como fase de vida durante a qual o sofrimento socialmente determinado apresenta-se como relevante, desafiando profissionais da saúde e das ciências humanas (Assis, Aiello-Vaisberg & Aiello-Vaisberg, 2017; Barus-Michel, 2005; Carreteiro, 2003). Como nossa sociedade é complexa e multifacetada, sabemos que a adolescência poderá ser vivida de formas muito diversas conforme condições de classe, gênero, entre outras.

Algumas observações clínicas, realizadas a partir do trabalho em consultórios e em instituições, vinculadas ao sofrimento emocional de adolescentes, revelam a existência de impasses nos modos como adultos cuidam dos mais jovens. Professores, familiares, médicos e outros profissionais questionam-se sobre os limites da liberdade e da autonomia, a serem concedidas, bem como sobre a intensidade e os limites de cobrança. Tais indagações encontram-se diretamente ligadas ao fato de os adolescentes ainda não serem totalmente encarregados por seus atos, do ponto de vista civil e criminal, mas já terem condição de agir de modo a produzirem efeitos que envolvem alta responsabilidade, tais como gerar um filho, por exemplo.

Desse modo, adolescentes parecem ser vistos de modo ambivalente, sendo admirados e invejados por conta dos padrões de beleza socialmente difundidos nos dias de hoje, por conta da liberdade de opções, ou até mesmo por conta do modo como se vestem (Calligaris, 2000). Ao mesmo tempo, também podem ser vistos como seres fúteis e infantis, que pouco aproveitam as oportunidades de amadurecimento e crescimento profissional, ou como seres problemáticos e, até mesmo, perigosos, podendo causar danos aos outros e a si mesmos (Assis, Aiello-Fernandes & Aiello Vaisberg, 2016).

Durante a adolescência podem surgir novas configurações nas formas de relacionamento com os pais e com o mundo. Reconhecemos que o crescimento pode ser vivido, muitas vezes, de modo entusiasmante, entretanto, diversas mudanças corporais podem marcar

constantes estranhamentos e inseguranças na percepção que o jovem tem de si mesmo. Assim, é possível que, por estarem em uma fase de transição, entre o luto do corpo infantil para a elaboração de um novo esquema corporal mais adulto, surja uma condição de vulnerabilidade. Desse modo, podem adotar o olhar de terceiros como sendo o correto, o que vai afetar as relações entre grupos de amigos, familiares e a sociedade de modo geral (Aberastury & Knobel, 1989).

Fredrickson e Roberts (1997) por meio da teoria da objetivação, também concluíram que a adolescência seria uma fase que favoreceria o aparecimento de inseguranças, ansiedades e desconfortos em meninas adolescentes. Para os autores, as meninas poderiam internalizar visões alheias como sendo próprias, o que, dependendo do contexto, favoreceria, inclusive, o desenvolvimento de transtornos alimentares, problemas sexuais, entre outros.

Como pesquisadoras voltadas à produção de conhecimento útil para as clínicas psicológicas compreensivas, interessamo-nos por investigar dimensões inconscientes relativas ao sofrimento emocional de meninas adolescentes. Consideramos relevante admitir que a dramática da adolescência feminina difere em relação à adolescência masculina, devido ao modo como ainda se dão as relações de gênero atualmente. Assim, reconhecemos a pertinência da realização de pesquisas que abordem separadamente “ser menina” e “ser menino”, não numa linha essencialista e abstrata, mas de modo atento às situações concretas de vida. Tal consideração se fundamenta na adoção da psicologia psicanalítica concreta como referencial teórico-metodológico que jamais desconsidera o contexto social, histórico, econômico e político em que estamos inseridos (Bleger, 1963/2007).

Pensamos que a adolescência feminina pode ser considerada fruto da articulação de duas dimensões que se apresentam como desafios: ser adolescente e ser mulher. A nosso ver, tal articulação pode ser compreendida como forma de interseccionalidade, que é um conceito, cunhado por Crenshaw (2012), para indicar que as mulheres negras enfrentavam opressões

derivadas do sexismo, do racismo e da pobreza. A dimensão de gênero será melhor contemplada adiante, no capítulo dois, pois compreendemos que olhar para as sobreposições de situações opressoras é um modo de nos aproximarmos maximamente da concretude do drama (Bleger, 1963/2007), afastando-nos das abstrações e generalizações psicológicas. Quanto mais intersecções são consideradas, melhor compreendida será a experiência emocional da personalidade coletiva<sup>2</sup> em questão. Desse modo, reconhecemos que a mulher, negra, pobre e homossexual viverá dramas muito divergentes da mulher, branca, rica e heterossexual, assim como o adolescente negro e pobre viverá situações muito diversas do adolescente branco e rico.

Consideramos que, no caso da menina adolescente, percebemos o enfrentamento de uma forma específica de etarismo, além do machismo. Apesar do termo etarismo referir-se mais frequentemente aos idosos (Goldani, 2010), nossos estudos revelam indícios de que os adolescentes parecem ser discriminados simplesmente por estarem numa certa faixa de idade e não, necessariamente, por se vincularem a outras condições que também geram preconceito, tais como: racismo, pobreza, deficiências físicas, doenças, entre outras (Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016). Nesse sentido, reconhecemos que o sofrimento na adolescência pode ser potencializado a um nível tal que até mesmo o suicídio se apresente em casos mais extremos (Botega, 2015).

A preocupação acerca da adolescência vem despertando nosso interesse já há algum tempo. Nesse sentido, realizamos, em nosso grupo de pesquisa, diversos estudos empíricos (Tostes et al., 2018; Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016; Assis et al., 2016;

---

<sup>2</sup> O conceito de personalidade coletiva corresponde a um modo de considerar a conduta no âmbito coletivo, como propõe Bleger (1963/2007), a partir da concepção marxista segundo a qual o sujeito de um ato humano pode ter caráter transindividual (Goldmann, 1971). Tal noção é bastante utilizada e considerada como evidente em campos tais como a publicidade e o *marketing*, quando visam produzir efeitos sobre a conduta do torcedor de futebol, da dona de casa, do consumidor de deste ou daquele produto ou do eleitor, entre outros. Cada uma dessas personalidades é composta por várias individualidades sem se comportar como uma soma. Sem habitar um corpo único e compartilhado, as personalidades coletivas não são uma abstração na medida em que seus atos geram efeitos concretos, como a eleição de um presidente.

Barcelos, 2014; Montezi, Barcelos, Ambrosio, & Aiello-Vaisberg, 2013; Montezi, Zia, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2011; Pontes, Barcelos, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2011; Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010; Pontes et al., 2010; Cabreira, Pontes, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2007), organizados ao redor do método psicanalítico, que revelaram condutas imaginativas pouco acolhedoras e esperançosas direcionadas aos adolescentes, inclusive expressas por eles mesmos. Inicialmente, buscávamos contribuições sobre as perspectivas dos próprios adolescentes, num período de aceleradas mudanças culturais, ligadas ao advento da internet. Entretanto, nos deparamos com imaginários que revelaram profundo sofrimento entre os participantes. O ódio e a violência entre pares apareceram em estudo sobre o adolescente contemporâneo. Na época, um grupo conhecido como “emos”, despertava intenso desconforto em outros jovens, por serem tristes, deprimidos, usarem roupas escuras, enfim, por parecerem não adaptados socialmente. As condutas imaginativas também apontaram uma crítica explícita segundo a qual os jovens que sofriam eram passivos, pois, aparentemente, poderiam construir sozinhos um novo modo de vida (Cabreira *et al.* 2007).

Em outro estudo, Barreto e Aiello-Vaisberg (2010), buscaram compreender como adolescentes interioranos imaginam a vida adulta, e percebemos condutas de insegurança, possivelmente resultantes de uma divisão comum que a sociedade faz entre os mundos infantil e adulto, o que, certamente, contribuiu para o medo do futuro. Esse imaginário vinculado à insegurança e dúvida sobre as próprias capacidades, e também as capacidades parentais, já havia sido manifesto em estudo anterior de Pontes (2011).

Nesse sentido, questionamo-nos acerca do imaginário dos profissionais que lidavam com esses jovens diretamente. Quando nos propusemos a pesquisar o imaginário coletivo de professores sobre o adolescente, deparamo-nos com um quadro geral preconceituoso, que toma os jovens como seres passivos, infelizes, incompetentes e dependentes (Montezi *et al.*, 2011). Um imaginário preconceituoso e discriminatório surgiu em pesquisa recente que buscou

investigar as percepções coletivas de idosos sobre o adolescente dos dias de hoje (Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016). O adolescente era visto ora como ser problemático, que poderia causar dano a si ou aos outros, ora como ser invisível ou negado, como se fosse apenas uma criança grande, tola e fútil, que desperdiçaria as boas oportunidades da vida.

Dentre os estudos, vale citar também Barcelos (2014), que investigou a experiência emocional de meninos pobres ao viverem perdas de coetâneos, concluindo que, para os participantes, essa experiência agudiza a descrença e desesperança em relação ao futuro. Sendo assim, poucas manifestações saudáveis apareceram nos desenhos-estórias, apenas crimes, prisões e mortes. Também encontramos em uma produção fílmica imaginários coletivos que reconhecem o tornar-se adulto como difícil devido à ausência da figura paterna, bem como do *holding* social (Montezi *et al.*, 2013).

Em seu conjunto, esses estudos revelam que existe no imaginário uma visão de ser humano descolada do meio social, vale dizer, como se a responsabilidade por ser alguém maduro ou decente coubesse somente a ele próprio, numa linha essencialista e biologizante. A família, quando mencionada, também aparecia de forma abstrata, como algo descolado da realidade, poucas vezes vista como socialmente produzida. Em estudo mais recente, investigamos a experiência de adolescentes que se autolesionavam e, mais uma vez, percebemos um imaginário que reconhece a família de modo natural e abstrato. Nele, pudemos observar um quadro indicando que as meninas que se cortam habitavam imaginariamente mundos hostis, desprovidos de afeto e cuidado, não recebendo requisitos básicos para serem consideradas pessoas (Tostes, *et al.*, 2018).

### **Teorias Psicanalíticas e Adolescência**

Ora, se estamos mergulhados em um contexto que tende a olhar o sofrimento de adolescentes de modo pouco acolhedor, questionamo-nos sobre como tem sido esse cuidado

da parte de profissionais que lidam diretamente com essas dramáticas. Realizamos, portanto, uma revisão crítica quando nos interessamos em conhecer a literatura científica publicada no Brasil<sup>3</sup> sobre adolescência na perspectiva psicanalítica. Selecionamos os estudos sobre a população brasileira uma vez que reconhecemos os desafios de lidar com jovens que vivem em um contexto marcado por desigualdades de várias ordens: econômicas, culturais, políticas, familiares, entre outras. Há, ainda, o acréscimo do desafio dos psicanalistas em adaptar e contextualizar teorias formuladas para pacientes com características muito diversas das que vivemos. Desafio, este, encontrado, por exemplo, no esforço para não biologizar o vínculo mãe-bebê, patologizando a condição de crianças adotivas (Ferreira & Aiello-Vaisberg, 2004), questão altamente relevante que revela falhas na formação profissional que não apresenta condições para lidar com a concretude da dramática a qual se insere e exige maior criatividade e flexibilidade para cuidar desses fenômenos (Safra, 2001; Aiello-Vaisberg, 1999b).

Encontramos tendências preconceituosas, uma vez que o sofrimento adolescente parece estar vinculado às práticas opressivas veladas sob a ideia de cuidado. Entretanto, é importante ressaltar que cada estudo traz em si mesmo altas contribuições, o que não é de se surpreender, visto que são publicados por pesquisadores responsáveis e sensíveis ao sofrimento de jovens. Sendo assim, de modo geral, o exame dessa literatura permitiu, inicialmente, a consideração de que psicanalistas vêm se dedicando a fenômenos específicos que geram sofrimento em adolescentes, revelando atenção às suas vidas emocionais: consumo de drogas, condutas antissociais, violência, abuso sexual, maternidade, questões escolares, problemas alimentares, depressão, surdez, cultura narcísica, exclusão social, entre outras, como podemos observar na tabela abaixo:

---

<sup>3</sup> Quando utilizamos apenas o descritor “adolescência”, na base de dados Scielo regional, sem aplicação de filtros, obtivemos um retorno de 4240 artigos. Combinando “adolescência” e “psicologia” obtivemos 621 estudos. Com vistas a especificar e delinear nosso objetivo, utilizamos os descritores “adolescência” e “psicanálise”, e selecionamos todos os artigos publicados em língua portuguesa, resultando em 38 estudos realizados entre 1998 e 2018. A busca foi finalizada em 28 de novembro de 2018.

Nº	Ano Autores	Título	Tipo de Estudo Aplicação da Psicanálise Autor Privilegiado	Apreciação Geral
01	2018 Vlândia dos Santos JUCÁ; Angela Maria Resende VORCARO	Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica	Teórico Referencial Teórico-clínico e Análise do Material Lacan	Refletem sobre agressividade na adolescência, incluindo práticas de automutilações, tentativas de suicídio, fugas e impulsividade. Por meio da perspectiva de passagem ao ato, concluem que os adolescentes atendidos no Capsi lançam mão desse recurso quando: 1- o jovem aparecia como objeto de um gozo mortífero; 2- perante a inconstância do Outro prestativo; 3- quando não era possível formular de outro modo a questão do significado e do valor de si para o Outro. Consideram que tais atos são sintomas de apelo para inserção no campo social.

02	2018 Cristiana CARNEIRO	O estudo de casos múltiplos: estratégia de pesquisa em psicanálise e educação	Teórico Referencial Teórico e Análise de Tratamento Freud	Discutir o estudo de caso como metodologia sobre pesquisas que articulam psicanálise e educação. Percebe que o mal estar na escolarização é ponto de convergência em casos singulares e pode iluminar questões contemporâneas que inclui adolescentes e sofrimento.
03	2018 Luciana Gageiro COUTINHO; Cristiana CARNEIRO; Larissa Magalhães SALGUEIRO	Vozes de crianças e adolescentes: o que dizem da escola?	Empírico Referencial Teórico e Análise do Material Freud	Aborda a relevância de considerar crianças e adolescentes como sujeitos, e não como seres em formação. Por meio de falas de crianças e adolescentes em contexto escolar, provocam reflexões acerca da ambiguidade em relação aos ideais e as demandas sociais hegemônicas que regem a escola. Por fim, criticam a escola tecnicista e instrumentaliza, que recai num esvaziamento de sentido e propõe uma escola viva, que estimula a promoção de criatividade e autenticidade.

- |    |  |  |   |  |
|----|--|--|---|--|
| 04 | 2017<br>Paula Cristina Monteiro de BARROS;<br>Nanette Zmeri FREJ;<br>Maria de Fátima Vilar de MELO             | Na exclusão social, palavras que alimentam e incluem o sujeito           | Teórico Referencial Teórico<br>Freud e Lacan  | Aborda a complexidade da situação de meninos de rua, vítimas de violência, abandono e exclusão social. O sofrimento psíquico pela busca de sobrevivência levam ao apelo por um lugar de endereçamento, que, frequentemente, é a instituição, que, alimentando os meninos com palavras, parece cumprir o papel de Outro.  |
| 05 | 2017<br>Sueli Regina GALLO-BELLUZZO;<br>Marcela Casacio FERREIRA-TEIXEIRA;<br>Tânia Maria José AIELLO-VAISBERG | O Imaginário de Adolescentes Sobre o Vestibular: Um Estudo Psicanalítico | Empírico Referencial Teórico-Clínico, Uso do Método Psicanalítico e Análise dos Resultados Bleger e Winnicott | Investigam o imaginário de adolescentes em relação ao vestibular. As manifestações dos participantes sustentam a interpretação de dois campos de sentido afetivo-emocional “responsabilidade individual” e “chave para o sucesso”, revelando que a aprovação é concebida como fruto direto da competência e talento do jovem, que lhe garantiriam uma vida de sucesso profissional, segundo uma visão simplificadora, que desconsidera a |

				importância do contexto social.
06	2017 Humberto Moacir de OLIVEIRA; Bruno Curcino HANKE	Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise	Teórico Referencial Teórico Lacan	Considera a adolescência como crise sintomática da puberdade e aborda a suposta fragilidade do “pai”, inconsistência do “Outro” e imperativo de gozo como fatores que pioram essa crise.
07	2016 Rose GURSKI; Marcelo Ricardo PEREIRA	A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea	Teórico Referencial Teórico Lacan	Sugere cautela no diagnóstico do sofrimento adolescente, uma vez que durante essa fase o jovem carrega de forma aguda sintomas do laço social e da cultura. O tempo é importante para o adolescente se expressar, falar de si, se narrar, enfim, sentir-se vivendo uma experiência real.

08	2015 Maria Cristina POLI; Katia Regina FAISSOL	Adolescer com Arte (e psicanálise): projetos escolares	Empírico Referencial Teórico e Análise do Material Lacan	A partir de trabalho desenvolvido com adolescentes e seus familiares por meio de recursos artísticos (poesia, desenhos, textos, música, etc.), conclui que houve ampliação do universo simbólico dos participantes.
09	2015 Daniela Teixeira Dutra VIOLA; Angela Maria Resende VORCARO	O problema do saber na adolescência e o real da puberdade	Teórico Referencial Teórico Freud e Lacan	Reflete sobre adolescência e psicanálise considerando a puberdade como o real que irrompe a crise da adolescência, fase em que o jovem fica mais propenso ao ato.
10	2015 Laura Oliveira TOMASI; Mônica Medeiros Kother MACEDO	Adolescência em Conflito com a Lei: A Intensidade da História de Vida em Ato	Empírico Referencial Teórico e Análise do Material Freud	Aborda o ato infracional entrevistando adolescentes em conflito com a Lei. Constata que houve vivências violentas e negligentes com figuras parentais. Nota-se fragilidade de recursos

psíquicos para significar experiências com limites, bem como de reconhecer a Lei como condição protetora.

- |    |  |  |  |   |
|----|--|--|--|---|
| 11 | 2014<br>Kate Delfini<br>SANTOS;<br>Ivonise<br>Fernandes da<br>MOTTA  | O significado da<br>maternidade na<br>trajetória de três<br>jovens mães: um<br>estudo psicanalítico                      | Empírico<br>Referencial<br>Teórico, Uso do<br>Método<br>Psicanalítico e<br>Análise do<br>Material<br>Winnicott | Apresenta significados<br>acerca da experiência<br>da maternidade em<br>adolescentes abrigadas.<br>Conclui que<br>maternidade pode<br>significar esperança,<br>quando encontram<br>apoio.   |
| 12 | 2014<br>Marta CONTE;<br>Marília<br>SILVEIRA;<br>Sandra<br>Djambolakdjian<br>TOROSSIAN;<br>Maria Cecília de<br>Souza MINAYO | Oficinas de história<br>de vida: uma<br>construção<br>metodológica no<br>enlace entre<br>psicanálise e saúde<br>coletiva | Teórico<br>Referencial<br>Teórico<br>Winnicott   | Apresenta “História de<br>Vida” como recurso<br>metodológico eficaz de<br>trabalho com grupos de<br>adolescentes ditos<br>violentos. Faz uma<br>aproximação entre<br>Psicanálise e Saúde<br>Coletiva, no intuito de<br>pensar práticas coletivas<br>de expressão<br>psicossocial para além<br>da clínica psicológica. |

- |    |   |   |   |   |
|----|---|---|---|---|
| 13 | 2014<br>Leônia<br>Cavalcante<br>TEIXEIRA    | O sujeito<br>adolescente e a<br>intervenção<br>psicanalítica: notas<br>a partir de um caso<br>clínico   | Teórico<br>Referencial<br>Teórico- Clínico<br>Rassial (Lacan) | Problematiza a<br>aplicação (ou a falta<br>dela) de medidas<br>socioeducativas na<br>adolescência. Utiliza<br>um caso para ilustrar o<br>processo de constituição<br>subjéctiva que insere<br>uma adolescente (que<br>praticava furto) no<br>campo do social em<br>detrimento do familiar<br>“cúmplice”, que a<br>protegia para preservar<br>a família de classe<br>social elevada. Abaliza<br>sobre perversão social,<br>bem como sugere<br>interfaces entre<br>psicanálise e direito. |
| 14 | 2014<br>Silvia Maria<br>Abu-Jamra<br>ZORNIG | O abuso de<br>substâncias tóxicas<br>na adolescência:<br>uma tentativa de<br>incorporação do<br>objeto? | Teórico<br>Referencial<br>Teórico- Clínico<br>Winnicott       | Apresenta elucubrações<br>teóricas por meio de<br>vinheta clínica e<br>defende que na<br>adolescência podem<br>existir falhas nas<br>relações objetais do<br>início da vida,<br>contrariando estudos<br>psicanalíticos que veem<br>a adolescência como<br>fase de apropriação<br>subjéctiva. Defende, por<br>fim, a presença viva do<br>analista para que os<br>buracos do<br>desenvolvimento   |

				emocional primitivo sejam superados.
15	2014 Marcelo Ricardo PEREIRA; Rose GURSKI	A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adultez erodida	Teórico Referencial Teórico Lacan	Faz uma crítica à idealização da adolescência, que atrapalha o atravessamento da fase. Também critica o discurso capitalista que iguala sujeito a objeto, e alimenta a adolescentização da cultura.
16	2014 Andréa Maris Campos GUERRA; Cristiane de Freitas CUNHA; Maria Helena COSTA; Thaís Limp SILVA	Risco e Sinthome: A Psicanálise no Sistema Socioeducativo	Teórico Referencial Teórico e Clínico Freud e Lacan	Discute a aplicação de teorias psicanalíticas nas políticas públicas voltadas ao adolescente infrator. Apresenta o caso de uma adolescente infratora e relaciona sua subjugação à violência ao “masoquismo feminino” e busca do abandono da posição infantil para entrada no mundo adulto. Considera que intervenções institucionais quando

aliadas à terapia psicanalítica podem ser eficazes.

- |    |   |  |   |   |
|----|---|--|---|---|
| 17 | 2013<br>Eliane Gomes dos SANTOS;<br>Maria da Gloria Schwab SADALA | Alteridade e adolescência: uma contribuição da psicanálise para a educação | Teórico Referencial<br>Teórico<br>Freud e Lacan | Pretende contribuir com formulações psicanalíticas para o campo da Educação e, para tal, apresenta o conceito de alteridade e contribuições freudianas e lacanianas sobre psiquismo.  |
| 18 | 2012<br>Tiago Corbisier MATHEUS                                   | Diálogos sobre a adolescência e a ameaça de exclusão dos privilegiados     | Teórico Referencial<br>Teórico<br>Lacan         | Propõe um diálogo entre psicanálise e sociologia. Diferencia visões subjetivas das sociais e aborda a relevância da escuta de adolescentes para compreender fenômenos atuais. Por fim, denuncia, tendo como base sua experiência de docência com universitários, que a possibilidade de exclusão ameaça tanto desfavorecidos como privilegiados, uma vez que há angústia de |



de “turma especial” da qual fazem parte.

- |    |   |   |   |   |
|----|---|---|---|---|
| 21 | 2012<br>Tiago Corbisier<br>MATHEUS                  | O sujeito adolescente e a ameaça de exclusão na contemporaneidade | Teórico Referencial<br>Teórico-Clínico<br>Freud e Lacan | Aborda o ideário de jovens sobre inclusão/exclusão. Constata, em sua escuta clínica, a fantasia sobre estarem dentro ou fora de cada contexto específico. Apresenta vinhetas ilustrativas e finaliza com a consideração de que existe uma lógica dicotômica que tende a restringir recursos simbólicos. |
| 22 | 2011<br>Mirela STENZEL;<br>Vinicius Anciães DARRIBA | O ato na adolescência como resposta à inconsistência do Outro     | Teórico Referencial<br>Teórico-Clínico<br>Lacan         | Analisa o ato na adolescência e sua relação com as ditas “más companhias”. Conclui que o ato na adolescência pode ser uma resposta à inconsistência no Outro e, por meio da transgressão, atinge a representação do vazio.  |

23	2011 Renata Cardoso Plácido AYUB; Mônica Medeiros Kother MACEDO	A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico	Empírico Referencial Teórico e Análise dos Resultados Contemporâneos Freudianos (Birman, Zimmerman, Kupermann)	Objetiva conhecer e compreender as características e as peculiaridades da clínica contemporânea da adolescência, considerando o exercício da escuta psicanalítica. Por meio de entrevistas e posterior análise de conteúdo, confirma a relevância do trabalho clínico, conhece transformações na prática clínica, demandas culturais atuais e modalidades psicopatológicas contemporâneas.
24	2010 Aline Bedin JORDÃO; Vera Regina Röhnelt RAMIRES	Vínculos afetivos de adolescentes borderline e seus pais	Empírico Referencial Teórico-Clínico Análise dos Resultados Autores das relações objetais	Investiga vínculos afetivos entre adolescentes <i>borderlines</i> e seus pais por meio de aplicação de testes projetivos e inventário. Identifica

violências de variadas ordens e histórias de vidas com experiências traumáticas. Conclui a prevalência fragilidade vincular, marcada por abandono, negligência e desamparo, e enfatiza a dimensão transgeracional na compreensão dos casos.

- |    |   |  |  |  |
|----|---|--|--|--|
| 25 | 2009<br>Bianca Bergamo<br>SAVIETTO;<br>Marta Rezende<br>CARDOSO | A drogadicção na<br>adolescência<br>contemporânea      | Teórico<br>Referencial<br>Teórico<br>Freud | Analisa drogadicção na adolescência vinculada ao desamparo. Aborda a família como instituição enfraquecida, assim como outras instituições contemporâneas. Levanta a hipótese do uso de drogas como resposta defensiva à situação de desamparo. Finaliza apresentando a noção de transmissão psíquica articuladas com questões levantadas. |
| 26 | 2008<br>Marta CONTE;<br>Ronaldo César<br>HENN;                  | "Passes" e impasses:<br>adolescência -<br>drogas - lei | Teórico<br>Referencial<br>Teórico<br>Lacan | Problematiza os atos toxicomaníacos e delinquentiais na adolescência e as  |

	Carmen Silveira de OLIVEIRA; Maria Palma WOLFF			intervenções clínicas e legais que ocorrem nestas situações. Aborda a ineficácia judicial e falta de adesão ao tratamento em saúde mental. Reflete sobre as interfaces da psicanálise com sistema judicial.
27	2008 Tiago Corbisier MATHEUS	Quando a adolescência não depende da puberdade	Teórico Referencial Teórico Freud	Critica a noção desenvolvimentista da adolescência enquanto crise necessária. Contextualiza historicamente a fase e retoma a obra freudiana. Apresenta uma apreciação crítica e afinada com teorias sociológicas.
28	2008 Eduardo Scarantti BREMM; Cláudia Alquati BISOL	Sinalizando a adolescência: narrativas de adolescentes surdos	Empírico Análise dos Resultados Benoît Virole	Analisa narrativas de adolescentes surdos a fim de compreender os significados atribuídos à adolescência. Após entrevista, trata os dados

hermeneuticamente e conclui que muitos conflitos são similares aos vividos por ouvintes. No que tangencia a surdez, encontra conflito relacionado ao nível de dependência e à reavaliação das decisões feitas pelos pais.

- |    |   |  |  |   |
|----|---|--|--|---|
| 29 | 2007<br>Luciana Gageiro<br>COUTINHO;<br>Ana Paula<br>Rongel ROCHA             | Grupos de reflexão<br>com adolescentes:<br>elementos para uma<br>escuta psicanalítica<br>na escola | Teórico<br>Referencial<br>Teórico-Clínico<br>Freud e Lacan | Apresenta reflexões<br>sobre intervenções<br>clínicas com grupos de<br>adolescentes em<br>contextos institucionais.<br>Destaca pressupostos e<br>conceitos psicanalíticos<br>que orienta o trabalho<br>de modo clínico e<br>teórico. Finaliza com<br>relato de experiência. |
| 30 | 2007<br>Kátia Cristine<br>Cavalcante<br>MONTEIRO;<br>Ana Maria<br>Vieira LAGE | A depressão na<br>adolescência   | Teórico<br>Referencial<br>Teórico<br>Freud e<br>Wnnicott   | Propõe uma leitura<br>crítica da visão<br>psiquiátrica<br>biologizante sobre<br>adolescente. Apresenta<br>a psicanálise<br>relacionando a<br>depressão na   |

adolescência com os  
lutos pela estrutura  
infantil.

31	<p>2007 Maria Auxiliadora BARRETO; Tania AIELLO- VAISBERG</p>	<p>Escolha profissional e dramática do viver adolescente</p>	<p>Empírico Referencial Teórico-Clínico, Uso do Método Psicanalítico e Análise dos Resultados Bleger e Winnicott</p>	<p>Investiga o imaginário de estudantes de psicologia e pedagogia sobre adolescentes em vias de escolha profissional. A partir de entrevistas organizadas ao redor do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema, revela dúvida, o desejo parental e a falta de confiança em si. Conclui a necessidade de cuidar para que o adolescente se aproprie de seu destino, pois a dúvida incessante acerca de suas capacidades – e das capacidades parentais – resulta em intenso sofrimento.</p>
----	---	--	--	--

- |    |   |  |   |   |
|----|---|--|---|---|
| 32 | 2005<br>Fernanda Costa<br>MOURA                                 | Adolescência:<br>efeitos da ciência no<br>campo do sujeito                     | Teórico<br>Referencial<br>Teórico<br>Lacan  | Analisa manifestações<br>da adolescência,<br>considerada como crise,<br>na correlação com o<br>funcionamento social<br>contemporâneo. Aborda<br>dificuldades de<br>elaboração de uma<br>referência à alteridade e<br>os conflitos diante do<br>sexo e da morte, e como<br>estes de vinculam pelas<br>transformações da<br>prática da ciência. |
| 33 | 2004<br>Fuad Kyrillos<br>NETO;<br>Christian Ingo<br>Lenz DUNKER | O ineditismo na<br>adolescência:<br>originalidade,<br>igualdade e<br>repetição | Teórico<br>Referencial<br>Teórico-Clínico<br>Contemporâneos<br>Freudianos<br>(Birman) | Aborda os efeitos de<br>uma sociedade narcísica<br>e consumista na vida<br>psíquica do adolescente.<br>Aponta aspectos<br>clínicos psicanalíticos<br>articulados com essa<br>cultura. Marca que a<br>escuta terapêutica pode<br>ser positiva na clínica<br>com adolescentes.  |

- |    |   |  |   |  |
|----|---|--|---|--|
| 34 | 2003<br>Isabel da Silva<br>Kahn MARIN   | Violência e<br>transgressão:<br>interrogando a<br>adolescência | Teórico<br>Teórico-Clínico<br>Freud       | Discute a relação entre<br>subjetividade<br>adolescente e<br>transgressão/violência,<br>aqui reconhecidas como<br>fundamentais para a<br>constituição subjetiva e<br>transformadora da<br>ordem social.  |
| 35 | 2003<br>Felix Kessler,<br>Lisia von<br>DIEMEN, Ana<br>Carolina<br>SEGANFREDO;<br>Iversom<br>BRANDÃO;<br>Patrícia de<br>SAIBRO;<br>Bruno<br>SCHEIDT;<br>Rodrigo<br>GRILLO;<br>Sérgio de Paula<br>RAMOS | Psicodinâmica do<br>adolescente<br>envolvido com<br>drogas     | Revisão<br>Não se aplica<br>Não se aplica | Objetiva descrever<br>achados que relacionem<br>adolescência e drogas,<br>especialmente fatores<br>de risco e proteção.<br>Também analisa e<br>discute algumas das<br>principais teorias<br>psicanalíticas sobre<br>dependência química na<br>adolescência. Constata<br>carência de trabalhos<br>psicanalíticos, mas os<br>existentes indicam<br>falhas na maternagem,<br>características da<br>constituição do<br>indivíduo, ou ambos.<br>Existe consenso entre<br>os autores revisados de<br>que as drogas seriam a<br>fonte de prazer<br>narcísico. |

36	2002 Sônia ALBERTI	O adolescente e seu <i>pathos</i>	Teórico Referencial Teórico-Clínico Lacan	Objetiva articular teoria psicanalítica com a clínica adolescente. Fundamenta teoricamente a constituição do sujeito e apresenta o caso de um jovem obeso em contexto de desentendimento familiar. Ressalta a relevância dos pais para a saúde psíquica dos adolescentes.
37	2001 Elaine Christovam de AZEVEDO	Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual	Teórico Referencial Teórico-Clínico Ferenczi	Discorre sobre atendimento psicanalítico a vítimas de abuso sexual, bem como algumas repercussões traumáticas que marcam a trajetória dos que sofreram tal violência.

38	1998 Victor Eduardo Silva BENTO	Formulando uma Psicopatologia Fundamental, justificando-a e ilustrando-a a partir da psicanálise da adolescência de Dora	Revisão Referencial Teórico-Clínico Freud	Busca fundamentos para uma “Psicopatologia Fundamental”. Examina o Relatório de Atividades do primeiro Laboratório de Psicopatologia Fundamental brasileiro (PUC-SP) e relaciona os achados com pressupostos freudianos extraídos do caso Dora. Destaca a “neurose de transferência” como principal fundamento para tal.
----	---------------------------------------	---	--	--

---

*Tabela 1. Adolescência e Psicanálise na Literatura Científica Brasileira*

A partir do exame da literatura, notamos um predomínio de teorias psicanalíticas lacanianas, totalizando 19 artigos, sendo que sete destes também se articulam marcadamente com o pensamento freudiano, e outros 12 estudos assumem-no como teórico privilegiado, vinculando ou não sua teoria a outros psicanalistas contemporâneos. Cinco artigos adotam a visão intersubjetiva winnicottiana, sendo que dois deles foram realizados por nosso grupo de pesquisa e é pautado pela perspectiva da psicologia concreta blegeriana. Apenas um artigo aproveita as contribuições de Ferenczi (1992) como autor privilegiado; um cita diversos autores das teorias objetais; um se debruça sobre a obra do francês Benoît Virole (2001, 2003, 2005), um autor relevante no assunto da pesquisa, que é a surdez; e um é uma revisão que aprecia a literatura sobre adolescência e drogadição, sem se pautar por um referencial teórico específico.

As pesquisas que retornam, quando usamos psicanálise como termo de busca, podem relacionar-se com esse campo de saber basicamente de três formas, como bem demonstra

Herrmann (2001): tomando teorias psicanalíticas como objeto de estudo a partir de métodos hermenêuticos; tomando a teoria como referencial associado ao uso de métodos não-psicanalíticos de pesquisa ou tomando a psicanálise como método investigativo<sup>4</sup>. Podemos afirmar que entre os estudos aqui considerados prevalece o uso da psicanálise como referencial teórico, não necessariamente associado ao método investigativo. Apenas três estudos utilizaram a psicanálise enquanto método (Gallo-Belluzzo, Ferreira-Teixeira & Aiello-Vaisberg, 2017; Santos & Motta, 2014; Barreto & Vaisberg, 2007).

Percebemos, assim, que as perspectivas freudianas, lacanianas e winnicottianas foram predominantes, com tendências gerais a concordarem no sentido de que a adolescência seria uma fase de transição delicada, em que muitos conflitos surgiriam e que os adolescentes tenderiam a ser desafiadores, questionadores, transgressores e complicados. Ora, como sabemos, a adolescência é um fenômeno contemporâneo, que nem sempre foi reconhecida como uma fase específica da vida, levando em conta que os papéis eram mais definidos do que atualmente (Levinsky, 1997). Nesse sentido, é importante lembrar que as jovens que Freud atendeu eram tratadas como adultas, não adolescentes. Por exemplo Dora, com 18 anos quando iniciou seu tratamento, mas que havia apresentado sintomas histéricos aos 16, não foi vista propriamente como uma adolescente (Freud, 1905/1972). No entanto, o autor não chega a falar sobre adolescência, mas puberdade, que seria após o período de latência, momento em que as pulsões transbordariam e que diversos sintomas neuróticos e histéricos surgiriam.

A perspectiva lacianiana, por exemplo, que foi a mais citada, assume que a adolescência é vivida como crise, fortemente marcada pelo imperativo de gozo. A passagem para o ato seria mais propensa a ocorrer nessa fase, cujos sintomas denunciariam as fragilidades do laço social na sociedade contemporânea, vale dizer, violência, incentivo ao prazer sem limites, acesso irrestrito às informações, erotização precoce, entre outros (Viola & Vorcaro, 2015). A

---

<sup>4</sup> Retornaremos à questão dos tipos de pesquisa em psicanálise no capítulo 3 da presente tese.

adolescência seria, então, um sintoma da puberdade, nessa linha teórica considerada como o real, que inauguraria novas escolhas de objeto e de posição no laço social:

Ao reatualizar essas escolhas, o sujeito percebe que não mais pode contar com o Outro, nem com o pai, nem com as fantasias infantis e nem mesmo com a imagem do próprio corpo que está em abundante metamorfose. Imaginário e Simbólico falham; o real aparece (Oliveira & Hanke, 2017, p. 299).

Grosso modo, notamos que essa visão segue uma linha pulsional e universalizante, que, apesar de reconhecer que o contexto no qual o adolescente circula é importante, acaba por priorizar um essencialismo abstrato, patologizando, assim, a adolescência. Entretanto, vale lembrar que essa perspectiva vem sendo criticada por psicanalistas pesquisadores, especialmente aqueles que articulam fenômenos contemporâneos sociais, priorizando a historicidade em detrimento da ideia de “crise adolescente” (Matheus, 2012a, 2012b, 2008).

A visão winnicottiana, por sua vez, não reduziria a adolescência ao problema da administração dos instintos, embora considere que exista mais fragilidade psíquica nessa fase. Entretanto, enfatiza que a principal questão é que o adolescente estaria em busca por ser alguém em algum lugar e que, durante a adolescência, haveria um retorno ao desenvolvimento emocional primitivo, com o acréscimo de duas potências físicas que não estavam presentes na primeira infância: agredir e procriar. Esse processo seria impulsionado por duas tendências básicas e inatas: a necessidade de ser e se integrar. Nessa teoria, o bebê nasceria extremamente imaturo, e sua existência dependeria totalmente do ambiente, seguindo uma série de conquistas ou integrações que o levariam a ser uma pessoa inteira que se relaciona com outras inteiras, e não parciais. Esse ambiente seria a mãe, ou seu substituto, que, inicialmente, precisaria se sensibilizar e até mesmo se identificar com o bebê para atendê-lo em suas necessidades físicas, psicológicas e emocionais. Essa abordagem enfatiza o papel de uma mãe suficientemente boa, uma pessoa capaz e preparada para reconhecer a fragilidade e dependência, amparando e se

adaptando, constantemente, para oferecer sustentação ao chamado ser em desenvolvimento nos estágios mais precoces da vida, fundamentais para que o bebê se integre e siga adquirindo conquistas evolutivas para o amadurecimento pessoal (Winnicott, 1960/1990).

O adolescente seria visto, na teoria winnicottiana, como um ser isolado, uma vez que buscaria apenas encontrar a si mesmo na solidão, e viveria em busca de sua identidade – os grupos seriam aglomerados de seres isolados que se uniriam por causa de afinidades de ideias, vestimentas e gostos. Eles não aceitariam falsas soluções para seus conflitos, pois estariam em busca de verdades, questionando, assim, valores sociais pré-estabelecidos. A cura e superação desse período chegariam com a passagem do tempo— desde que existissem cuidados ambientais adequados. Portanto, nessa perspectiva, a sociedade deveria aceitar a imaturidade dos adolescentes e oferecer sustentação em ambiente acolhedor e suficientemente bom para que ele atinja uma falsa maturidade e possa *se curar* (sic) com o tempo (Oliveira & Fulgêncio, 2010).

Apesar de ser uma visão intersubjetiva, é perceptível que a relação é reduzida ao familiar, escolar e ao núcleo de amigos. Desse modo, não podemos considerar que essa visão seja concreta, pois não abarca questões sociais mais amplas, o que resulta em conceber a família de modo abstrato e distante do contexto no qual está inserido. Ambas as visões retiram a concretude do drama adolescente, pois, de fato, negam essa fase quando a definem como um retorno ao desenvolvimento infantil. Nesse sentido, não seria diferente do fenômeno que encontramos em pesquisa empírica no imaginário de idosos sobre os adolescentes dos dias atuais, em que o adolescente seria um ser invisível enquanto coletivo passível de ser identificado, pois apenas se referiram a ele indicando aspectos da infância ou da adultez (Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016). Desse modo, pensar a adolescência como uma fase que “precisa ser superada” invalida seus aspectos vivenciais positivos, bem como sua experiência dramática propriamente dita.

Portanto, concordamos com Coutinho, Carneiro e Salgueiro (2018), quando afirmam que é fundamental olhar para os adolescentes como sujeitos e não apenas seres em formação, valorizando quem são no presente e não simplesmente quem pretendem ser quando forem profissionais, como ocorre, frequentemente, no contexto escolar que instrumentaliza saberes em demasia, esvaziando a criatividade e o sentido das atividades que envolvem aprendizagem. Essa questão se vincula intimamente com nossos achados sobre o imaginário acerca do vestibular (Gallo-Belluzzo, Ferreira-Teixeira & Aiello-Vaisberg, 2017), uma vez que os adolescentes encontram-se extremamente ansiosos, imaginando que dependeria apenas de suas capacidades individuais para passarem em uma boa faculdade, garantindo, desse modo, sucesso profissional, desconsiderando o contexto em que se encontram, marcado por desemprego e desigualdades sociais.

É importante lembrar, ainda que não nos aprofundemos por ora, que as diferentes linhas psicanalíticas divergem marcadamente do ponto de vista antropológico. Assim, podemos fazer uma leitura freudiana que vê o homem como habitado por uma espécie de fera que precisa ser domesticada a bem da sobrevivência da espécie; uma leitura lacaniana, que vê o sujeito como resultante da estrutura social; ou então uma leitura blegeriana e winnicottiana, autores que assumem a primazia do ambiente, mas acreditam que o homem teria capacidade criadora de transformar ambientes sociais.

Nesse sentido, acreditamos que uma forma de nos aproximarmos da concretude do drama adolescente seria aproveitar criticamente teorias pré-estabelecidas, conscientes de que foram criadas em outros contextos políticos, históricos, sociais e culturais, e pesquisar, em postura fenomenológica, a adolescência nos dias de hoje, levando em conta seus afetivo-emocionais, bem como a concretude dos contextos sociais mais amplos nos quais a vida humana transcorre.

Observamos na literatura científica brasileira o predomínio de pesquisas que usam a psicanálise enquanto referencial teórico, especialmente num paradigma estrutural pulsional. Assim, vale refletir sobre a possibilidade de a psicologia e, mais especificamente, a psicanálise, enquanto ciência e profissão, estar também, de algum modo, alimentando um imaginário que vincula adolescência à doença ou à crise. Nesse sentido, podemos seguir reproduzindo condutas preconceituosas, de modo velado, até mesmo na produção de conhecimento e nas práticas psicológicas realizadas em diversos contextos, mas encobertos por uma crença vinculada ao cuidado, ou alterar este quadro e propor reflexões que de fato considerem os sofrimentos vivenciados por adolescentes de forma a abarcar suas particularidades.

**Capítulo II**

**Literatura feminista e psicanálise**

*Mulher da Vida,  
Minha irmã.  
De todos os tempos.  
De todos os povos.  
De todas as latitudes.  
Ela vem do fundo imemorial das idades  
e carrega a carga pesada  
dos mais torpes sinônimos,  
apelidos e ápodos:  
Mulher da zona,  
Mulher da rua,  
Mulher perdida,  
Mulher à toa.  
Mulher da vida,  
Minha irmã.  
(Cora Coralina)*

Considerando nosso interesse de pesquisa sobre o sofrimento de meninas adolescentes, sob a perspectiva da interseccionalidade entre gênero e geração, concebemos o presente capítulo no intuito de oferecer uma visão panorâmica acerca das contribuições de feministas e psicanalistas. Para dar conta de nossa intenção, organizamos a exposição em três partes.

Na primeira, oferecemos uma reflexão-propositiva sobre os feminismos nos dias de hoje, apoiadas na psicologia psicanalítica concreta blegeriana. Assim, levamos em conta aspectos que compõem a dramática de vida das meninas adolescentes, que passam, a partir das transformações pubertárias, a compartilhar de opressão feminina pela via da objetificação sexual velada ou explícita.

A segunda parte consiste na apresentação de uma revisão de tipo narrativo acerca da literatura feminista. Consideramos que os termos que aqui utilizamos, para propor nosso problema de pesquisa, evitando as abstrações metapsicológicas e enveredando para a consideração de determinantes sociais do sofrimento subjetivo, sejam em boa parte tributários

dos movimentos sociais conhecidos como feminismos, motivo pelo qual sua abordagem nos parece indispensável. Além disso, não nos devemos esquecer de que a pesquisa universitária desempenha, desde as décadas finais do século passado, um importante papel nas transformações sociais que caminham no sentido de maior equidade entre homens e mulheres (Pedro, 2005).

Por fim, na terceira parte, abordamos encontros possíveis entre a psicanálise e a literatura feminista, levando em conta aproximações e afastamentos dessas duas áreas de saber. Ambas se debruçam sobre sofrimento feminino, são multifacetadas e transformam-se continuamente.

### **Adolescência feminina e drama: reflexões-propositivas**

O sexismo contra mulheres é histórico, perdura até os dias de hoje e pode ser encontrado na base de assédios, estupros, objetificações e outros modos mais sutis de violência, como mostram pesquisas recentes (Sousa, 2017; Costa, Grossi & Macarro, 2017; Brancaglioni & Fonseca, 2016; Stocker & Dalmaso, 2016; Campos, 2015; Das, 2007; Formiga, 2007; Bartky, 1990, 2002). O machismo é reconhecido pela ampla literatura feminista que há décadas busca – de modo bastante divergente – a equidade de gênero (Crescêncio, 2012). As reivindicações das mulheres são antigas e abarcam direitos reprodutivos, desmitificação da maternidade, legalização do aborto, criminalização dos feminicídios, igualdade salarial, entre outras questões que serão melhor discutidas adiante. Vale lembrar que as conquistas nem sempre são permanentes, uma vez que a vida social é inerentemente dinâmica de modo que novas questões emergem continuamente. Consideramos, portanto, a condição de gênero como um fenômeno concreto, que reconhecidamente resulta em diversas formas de sofrimento social, tais como humilhação, culpa, desamparo, vergonha e injustiça. Assim, constatamos que, a depender do modo como são vividas as opressões, podemos nos deparar com vivências de

despersonalização/desumanização, uma vez que as mulheres são constantemente reduzidas à condição de objeto sexual (Aiello-Vaisberg, 2017).

O reconhecimento da dimensão de gênero enquanto fenômeno concreto ocorre, por exemplo, quando nos deparamos com achados que revelam a condição de vulnerabilidade em que se encontram mulheres-mães, em casos, por exemplo, de violência doméstica (Corbett, 2014). Ou então, quando percebemos, estudando psicanaliticamente manifestações de internautas em *blogs*, as altas exigências e expectativas sociais acerca da maternidade, resultando em constante luta e esforço físico e emocional para alcançarem ideais maternos, que podem comprometer a saúde emocional das mulheres (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Schulte, 2016). Também merece atenção o fato de mulheres presidiárias, que vivem em situações economicamente e socialmente precárias, perceberem-se protegidas e estimuladas a participar de organizações ilegais, tais como o tráfico de drogas, na esperança de conquistarem certo prestígio social. Nesse sentido, propomos um olhar em que a tendência antissocial feminina seria sintoma de humilhação, desamparo e injustiça (Chinalia, Assis; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2018; Chinalia, 2012).

Quando recorremos à produção científica recente sobre adolescência feminina, encontramos estudos sobre insatisfação com imagem corporal e transtornos alimentares (Marini, 2016; Martins & Petroski, 2015); estupro (Costa, Grossi & Macarro, 2017); gravidez/maternidade na adolescência (Thomazini, Wysocki, Cunha, Silva, & Ruiz, 2016; Quaresma da Silva, 2016); formas de violência e abuso (Brancaglioni & Fonseca, 2016; Souza, Silva & Faro, 2015); prostituição (Gomes-San & Almanza-Alvendaño, 2013), entre outros. Em seu conjunto revelam-se convergentes no sentido de atribuir importância ao sofrimento feminino na adolescência, bem como no esforço de olharem criticamente para os ambientes familiares e sociais, reconhecendo-os como decisivos na recuperação das jovens.

No contexto de produção de conhecimento sobre a menina adolescente, torna-se indispensável considerar a especificidade da situação daquelas que acabam de se tornar não propriamente *pessoas* sexualmente visíveis, mas, dadas certas condições macrosociais, *corpos* sexualmente visíveis, o que inaugura, assim, novas dramáticas de vida. Os sentidos atribuídos à sexualidade da menina adolescente vão sendo produzidos socialmente, por vários grupos sociais. No que diz respeito ao imaginário dos próprios adolescentes, encontramos uma configuração que parece apontar para um entrelaçamento de imaginários judicativos e temerosos. Nessa linha, deparamo-nos, por exemplo, com uma produção imaginativa de acordo com a qual a gravidez seria o castigo pelo crime da moça ter transado (Pontes *et al.*, 2010). Desse modo, tivemos a oportunidade de problematizar a inabilidade social para lidar com a sexualidade na adolescência, gerando submissão em vez de um viver autêntico e saudável (Winnicott, 1960/1990).

Nesse sentido, concordamos com Nogueira, Saavedra e Costa (2008), quando dizem que não é difícil notar que existe resistência por parte da sociedade em abordar a sexualidade de meninas adolescentes sem recair em crenças alarmantes, higienistas, moralistas, conservadoras e preconceituosas. A literatura feminista denuncia a ausência de discursos emancipadores na sociedade, que possibilite maior autonomia das meninas em relação aos seus corpos. Também não parece fomentar suficientemente a inclusão de meninos no que diz respeito às questões vinculadas à reprodução, às discussões sobre assimetria de experiências sexuais, nas quais eles são incentivados a se relacionarem sexualmente cada vez mais cedo e com mais parceiras, enquanto as meninas são constantemente vigiadas e censuradas, ou, então, influenciadas a adotar posturas submissas, típicas de um amor idealizado e romântico:

De facto, se a narrativa romântica é considerada advogar uma identidade sexual ultrafeminina, caracterizada pela passividade, pela sensibilidade, pela contenção, pela responsabilidade e pela sensibilidade emocional, então a narrativa da igualdade sexual

pode ser vista como advogando uma identidade sexual ultramasculina, caracterizada por um comportamento predatório, promíscuo, irresponsável e descomprometido emocionalmente. A igualdade sexual e a libertação para as mulheres deveriam estar muito para lá das alternativas existentes conhecidas no presente e que se referem essencialmente àquelas que são oferecidas como tipicamente masculinas. A liberdade sexual para as mulheres deveria ser muito mais do que o direito de se comportar de acordo com as maneiras tradicionalmente associadas à sexualidade masculina. Pelo contrário, trata-se de as jovens mulheres terem a possibilidade de livremente experimentar a sexualidade, sem se sentirem pressionadas a fazê-lo de determinada maneira e sem serem estigmatizadas como resultado disso (Nogueira, Saavedra & Costa, 2008, p.72).

Sabemos que a menina adolescente está sujeita a transformações físicas e psicológicas que a inserem em dramáticas de vida diversas daquelas vivenciadas durante a infância. Perceber-se num corpo que está crescendo e amadurecendo sexualmente pode comportar vivências gratificantes, alegres e realizadoras, uma vez que crescer é, muitas vezes, desejo comum e evento esperado entre crianças. Entretanto, segundo uma observação clínica habitual, reconhecer que seu corpo desperta desejo sexual provoca, em nosso contexto social, várias reações emocionais, que podem incluir medo, vergonha, humilhação, confusão e ansiedade, mas, também, em muitos casos, a sensação de desenvolvimento de certas capacidades e potencialidades e, em registro menos saudável, a conquista de poderes que podem ser usados para dominar o outro e/ou para se defender.

Na linha mais comprometida, em termos de amadurecimento emocional, do surgimento de novos poderes, um corpo desejável pode se tornar um trunfo, ainda que exija, paradoxalmente, que a própria pessoa o tome como objeto. Tal conduta, claramente contraditória, é compreensível diante do fato da objetivação resultar em valorização e cobiça

do corpo objeto (Bartky, 1990; 2002). Evidentemente, não são impossíveis experiências saudáveis de atração sexual, principalmente em relações de mutualidade, nos quais não ocorra objetivação do corpo feminino de forma acentuada, possivelmente por conta de diversas conquistas feministas ao longo das últimas décadas. Entretanto, provavelmente estas são mais raras, dadas as relações de gênero predominantemente vigentes. Desta feita, entendemos porque são comuns as experiências de humilhação e vergonha, ou seus avessos, que se apresentam quando a jovem aceita e reproduz condutas que despertam a atenção alheia para seus atributos sexuais. É importante lembrar nossos contextos sociais diversos, uns mais protegidos do que outros, por isso, reações muito diferentes podem ocorrer durante o adolescer feminino. Assim, o fato da menina tomar o próprio corpo como objeto é assunto que merece mais investigações, tendo em vista o reconhecimento do sofrimento envolvido nessa situação.

Diversas outras vivências podem aparecer nesse contexto, desde a insensibilização sexual, de caráter defensivo, até a irritabilidade da mulher diante da própria excitação que, muitas vezes, comprometem o potencial gratificante das relações amorosas. Tivemos oportunidade de abordar um pouco da complexidade dessa situação em estudo anterior (Assis et al., 2016), no qual focalizamos uma produção cinematográfica que retrata o sofrimento de uma menina adolescente que acredita só conseguir ser reconhecida, amada e aceita como pessoa se puder despertar o desejo sexual masculino. Deste modo, a jovem acaba tolhida numa verdadeira armadilha, pois só teria condição de posicionar-se como sujeito caso concordasse em ser tratada como objeto. Resulta, assim, uma situação praticamente enlouquecedora, na qual a subjetividade é profundamente atingida.

O material dessa pesquisa se revelou bastante emblemático, pois percebemos a prevalência de um imaginário segundo o qual a menina sofreria por ter seu corpo objetificado conforme amadurecia biologicamente – na fase da adolescência- algo que provocaria ambivalência, pois, ao mesmo tempo que as mudanças físicas provocam sentimentos de

autoafirmação, acabam por gerar ansiedade, medo e confusão, resultantes de olhares e práticas objetivantes. Importante lembrar que também encontramos condutas imaginativas que concebem o sofrimento da adolescente como exagerado e infundado. A família – vista de modo idealizado e descolado dos contextos macrossociais – tenderia, motivada por cuidado e preocupação, a apaziguar e acalmar o drama da jovem, mas tais condutas também podem ser compreendidas, concomitantemente, como modos de deslegitimar a sua dor (Assis et al., 2016).

Em estudo psicanalítico sobre imaginários coletivos, de estudantes de psicologia, relativo ao sofrimento da menina adolescente, encontramos crenças vinculadas a um viver solitário e introspectivo, como se a adolescente sofresse de “vazio interior”, por questões naturais, essencialistas e abstratas (Bleger, 1963/2007). Circula nesse imaginário uma fantasia segundo a qual o sofrimento seria amenizado com afastamento das pessoas e do mundo, de modo que a solidão favoreceria a chegada a um estado de paz interior. Desse modo, notamos pouca vinculação ao contexto concreto de vida, como se o sofrimento da adolescente fosse algo típico da condição feminina, apresentando traços de condutas esquizoides, que se distanciam da visão concreta, que concebe o ser humano como essencialmente social, bem como da própria prática psicológica que, quando não é reducionista, reconhece o valor dos vínculos humanos (Assis, Calderelli & Vaisberg, 2017).

Consideramos que conhecer imaginários coletivos sobre o sofrimento de meninas adolescentes pode contribuir significativamente com a produção de conhecimento sobre questões de gênero, bem como revelar fantasias, crenças e ideias sobre as motivações inconscientes que compõem o sofrimento de jovens. Assim, esperamos ampliar a discussão sobre o tornar-se mulher adulta, reconhecendo que esse processo será entrelaçado por dramáticas intersubjetivamente produzidas em contextos de opressão feminina e de adultocentrismo, como aponta a literatura acima comentada (Bartky, 1990; 2002; Assis, Calderelli & Vaisberg, 2017; Assis et al., 2016). Obviamente, como estamos em períodos de

profundas transformações sociais, a opressão atingirá de formas mais ou menos claras, parcelas da sociedade mais ou menos protegidas. Desse modo, visamos produzir conhecimento que possa ser usado como subsídios de práticas psicoterapêuticas e psicoprofiláticas que visem transformações sociais éticas e humanizadas. Tais subsídios não serão aplicados, de modo direto e mecânico, que opera por meio de generalizações, mas poderão fecundar, de modo criativo, diversas intervenções clínicas, num movimento de singularizações, conforme peculiaridades dos grupos atendidos.

De acordo com nossa perspectiva, o sofrimento feminino é social, correspondendo a uma forma de padecimento que surge em contextos de opressão, discriminação e exclusão, gerando humilhação, desamparo, culpa, vergonha e sentimentos de injustiça. Compreendemos que tais dramáticas se assentam sobre vivências de despersonalização/desumanização, que ocorrem em interações, atualizando formas violentas de organização social (Almeida, 2018). Desse modo, o sofrimento feminino, salvas suas particularidades, pode ser bem compreendido quando verificamos outros tipos de opressão, como as vivenciadas pelos negros (Fanon, 1952) ou por judeus (Levi, 1947/1988).

Ao olhar para o feminismo atual, reconhecemos a valia de nos apropriarmos da ideia de interseccionalidade (Crenshaw, 2012), pois compreender o contexto social, político, histórico, cultural e econômico é fundamental para evitar reducionismos de forma descontextualizada (Bleger, 1963/2007). Sendo assim, não é difícil perceber, por exemplo, que uma mulher branca, rica, com nível superior e sem filhos, lide com dramáticas muito diversas de uma negra, pobre, desempregada, sem estudos e com cinco filhos para cuidar. Ambas compartilham da opressão feminina, mas, certamente, de forma diversa. Como psicólogas, sabemos que mulheres que buscam ajuda em consultório particular apresentam sofrimentos distintos de mulheres que buscam ajuda em – ou são encaminhadas para – uma clínica institucional. Ainda que compartilhem alguns problemas similares, como, por exemplo, dupla

jornada ou até mesmo histórias de abusos, o modo como foram expostas às situações de opressão variam marcadamente.

Diante de tantas vivências de submissão, opressão, violência e silêncio, indagamo-nos sobre como a psicologia psicanalítica concreta poderia contribuir significativamente com cuidado direcionado ao sofrimento feminino. Neste sentido, temos sido beneficiadas por formulações winnicottianas, que se vinculam à necessidade de que o terapeuta seja uma presença viva, real e ativa, evitando tornar-se invasivo (Winnicott, 1960/1990). Também defendemos que a base da saúde psíquica se encontra no fato de a pessoa ser capaz de viver autêntica e criativamente, saindo da condição submissa e desesperançada.

Afirmamos, então, que a clínica psicológica<sup>5</sup> tem espaço próprio para lidar com o sofrimento feminino, sem anular ou se confundir com outras iniciativas, como, por exemplo, a militância feminista. Obviamente, na vida particular, o terapeuta tem liberdade de atuação, porém, na clínica psicológica dos sofrimentos sociais, a militância pode dialogar diretamente com o falso *self* (protetor) da paciente, levando-a a se submeter às ideias do terapeuta, tomadas como leis. Assim, a paciente pode sofrer novamente por conta de um Outro opressor, ainda que este apresente argumentos libertários. Consideramos fundamental, portanto, que o terapeuta ofereça espaço para que o gesto espontâneo surja e a paciente possa se perceber como uma pessoa capaz de lidar com suas questões e (re)construir sua vida de forma autêntica, criativa e

---

<sup>5</sup> Reconhecendo a riqueza da clínica psicológica que se funda em abordagens compreensivas, não queremos deixar de lembrar que temos adotado, em nossa prática, o estilo clínico Ser e Fazer. Trata-se de uma perspectiva que se volta, fundamentalmente, para um trabalho de superação de dissociações e de despersonalizações/desumanizações, que se caracteriza pelo uso do *holding* como intervenção básica, pela utilização de materialidades mediadoras (argila, papéis, fotografias, cartas, bonecas ou qualquer material que possibilite um fazer criativo) e pela preferência por enquadres grupais (Ambrosio, 2013). Esse estilo abandona sentenças interpretativas, pois não acredita que a simples promoção de conhecimento sobre si mesmo possa gerar mudanças significativas, mas no *holding*, ou seja, na sustentação ambiental que o terapeuta capacitado oferece, a partir do respeito total pelo paciente. Nessa perspectiva, as comunicações verbais servem para que o terapeuta se mostre como um ouvinte atento, presente, solidário e compreensivo. Portanto, o objetivo principal desse estilo clínico é que o paciente possa vir a se sentir vivo e real como ser humano, não humilhado, não objetivado, não animalizado, não despersonalizado e não desumanizado (Aiello-Vaisberg, 2017).

não submissa. Esse processo pode ser lento, mas, como sabemos, mudanças significativas e estruturantes geralmente demandam tempo, espaço e paciência por parte dos envolvidos.

Por fim, ressaltamos que uma sociedade complexa e multifacetada consegue abarcar diversos modos de combater opressões, entretanto, a militância extrema, mesmo fora do contexto terapêutico, também pode ser nociva quando não consegue olhar para o outro como uma pessoa, com limitações, medos, ansiedades e receios, ainda mais após vivências despersonalizantes/desumanizadoras. Frisamos, portanto, que relações éticas e solidárias podem gerar transformações sociais, enquanto relações de poder, desiguais e opressoras, certamente podem piorar o sofrimento das pessoas. Neste sentido, o pensamento winnicottiano, quando associado à psicologia psicanalítica concreta blegeriana, é uma via profícua para lidarmos com o sofrimento feminino na clínica psicológica.

### **Feminismo ou feminismos? Um breve histórico**

Considerando o amplo acesso via internet a extensões significativas da literatura feminista, propomos, no presente trabalho, uma breve apresentação que inclui autoras relevantes inseridas no debate dedicado ao combate às relações de gênero. Destacamos que tal literatura é vasta, complexa, plural e, portanto, heterogênea, lembrando que consideráveis mudanças sociais já ocorreram como resultado de reflexões e ações transformadoras. Entretanto, ainda estamos distantes da equidade de gênero, e, por isso, muito ainda precisa ser questionado, discutido, analisado e transformado. Também vale mencionar que a revisão sobre literatura feminista sofre reflexos diretos do próprio fenômeno que focaliza, como constatamos, por exemplo, quando examinamos a retomada crítica de autores acerca dos valores dos movimentos eurocêntricos, especialmente os movimentos feministas franceses, bem como os constantes questionamentos sobre os feminismos latino-americano e negro, entre outros. Nesse sentido, concordamos com a contribuição valiosa de Crescêncio (2012), que discutiu a

historicidade do vocábulo feminismo bem como os mais variados sentidos a ele atribuídos. Por meio da análise de conceitos de dicionários, das próprias teóricas do feminismo e do uso do termo em uma revista nacional, essa autora concluiu que não existe um feminismo no singular, mas múltiplos feminismos com diversos sentidos, fases e movimentos.

Crescêncio (2012) destaca a dificuldade de se afirmar com exatidão quando surgiu o movimento feminista, por observar sua origem em diversos momentos, a partir de distintas motivações. Nessa linha, lembra que, antes de ser reconhecido como movimento, já se manifestava por meio da conduta de mulheres brancas europeias, que se uniam na defesa da construção de creches, lutavam por acesso à saúde e a melhores condições de vida, sem se reconhecerem como feministas e sem perceber que todas as mulheres, inclusive as mais pobres, seriam atingidas pela opressão.

É comum, entre os estudiosos dos feminismos, a adoção de uma ideia conforme a qual seria possível a distinção de diferentes períodos, comumente designados como ondas. Embora pesquisadoras competentes, como Scavone (2001), considerem tal abordagem útil, pelo menos desde um ponto de vista mais didático, essa vem sendo bastante criticada por outras, como Hemmings (2009), porque, a seu ver, simplificaria demasiadamente a narrativa de um fenômeno altamente complexo. Entretanto, até o momento, o movimento feminista tem sido pensado em termos de três diferentes ondas.

A primeira onda abrangeria as lutas por direitos civis, tais como educação e direito ao voto, que teve lugar no mundo ocidental no fim do século XIX e início do século XX. Assim, as mulheres teriam lutado pelo reconhecimento de direitos análogos aos dos homens, de um modo que não tematizava singularidades da condição feminina.

A segunda onda teria emergido nos Estados Unidos, na década de 1960, e objetivaria a libertação feminina, ultrapassando o ideal de alcançar posição social semelhante à dos homens, para buscar a construção de novos modelos de vida, que levassem em conta as particularidades

da mulher. Essa onda foi fortemente influenciada pela obra “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir (1949/2009), que denunciou e problematizou práticas opressoras que culminavam em colocar a mulher como uma subespécie e não como protagonista de sua vida. Nessa obra, ainda criticada por conservadores, a filósofa estuda teorias e práticas biológicas, psicológicas e sociais que oprimem o sexo feminino. Dentre as reivindicações, que surgem no âmbito dessa segunda onda, figurariam a busca por autonomia sobre o próprio corpo, incluindo maior abertura para a sexualidade, especialmente por conta do advento da pílula anticoncepcional, bem como questionamentos acerca da maternidade, luta pela legalização do aborto, direito ao divórcio e igualdade salarial, entre outras.

A terceira onda, por sua vez, teria surgido em 1990, incluindo discussões sobre formação de gênero, no contexto das quais encontramos a polêmica teoria *queer* que, grosso modo, defende que o gênero seria uma construção social não determinada por condições biológicas. Judith Butler (1990/2003) utiliza o termo *performance* para romper com visões essencialistas ao falar sobre gênero como conjunto de atos praticados e construídos socioculturalmente. Apoiada em concepções pós-estruturalistas foucaultianas, a autora afirma:

Mulheres é um falso e unívoco substantivo que disfarça e restringe uma experiência de gênero variada e contraditória. A unidade da categoria ‘mulheres’ não é nem pressuposta nem desejada, uma vez que fixa e restringe os próprios sujeitos que liberta e espera representar (Butler, 1990/2003, p. 213).

Guacira Lopes Louro (2017, 1997) prolifera, ainda hoje, na área da educação, ideias pós-estruturalistas postuladas por Butler (1990/2003), dissertando sobre dificuldades relacionadas à educação, sexualidade e possíveis modos de lidar com estereótipos de gênero dentro e fora da escola. Também fariam parte da terceira onda o repúdio à romantização da maternidade (Badinter, 2005) e a adesão a teorias críticas e pós-colonialistas, especialmente as que incluem a conscientização do racismo contra a mulher negra (Ribeiro, 2017; Crenshaw,

2012; Hooks, 1995; Gonzáles, 1988,1983), a denúncia e o combate ao feminicídio (Segato, 2012) e a articulação entre saúde mental e gênero (Zanello, 2018), entre outras temáticas.

Clare Hemmings (2009) critica veementemente essa noção de ondas, considerando-a como uma tendência simplista, que limitaria autoras e deturparia fatos relevantes, inclusive por dar a entender que certas lutas teriam sido ultrapassadas e deveriam ser descartadas e substituídas por outras. Também rejeita a idolatria das autoras da terceira onda, em detrimento das pensadoras clássicas, como Simone de Beauvoir (1949/2009) e Betty Friedan (1971), cujas obras são reconhecidas mas não se encaixam facilmente no esquema das ondas. Por outro lado, autoras, como Crescêncio (2012), entretanto, defendem que a questão principal da divergência acerca das ondas derivaria da dificuldade em perceber os feminismos no plural, como amplo movimento que comporta reivindicações múltiplas e variadas.

Essa última ideia converge com os estudos de Crenshaw (2012), quando inaugura o conceito de interseccionalidade para destacar que a mulher negra sofreria discriminações por conta da sobreposição de opressões. Nascido no âmbito do feminino negro, o conceito de interseccionalidade logo demonstrou seu potencial heurístico iluminando variadas condições, como por exemplo, a de mulheres pobres que trabalham como domésticas ou cuidadoras, vale dizer, um tipo específico de interseccionalidade onde se entrecruzam o gênero e uma ocupação laboral que consiste em assumir profissionalmente funções tradicionalmente femininas. Reconhecendo, portanto, que a classe social interfere diretamente no tipo de luta feminista a qual cada grupo se dedicará, lembramos a brasileira Rose Marie Muraro (1991), que introduziu a questão da classe social do gênero por meio de pesquisas de campo, inspirada no marxismo, assim como Heleieth Saffioti (1988), socióloga dedicada aos estudos sobre a condição da mulher na sociedade capitalista e professora dedicada ao estudo de violências de gênero. Muraro (1993) é conhecida, também, por suas contribuições acerca do corpo, sexualidade e política, bem como por ter trazido Betty Friedan (1971) ao Brasil e difundido suas ideias.

Tampouco há unanimidade, entre as autoras, com relação à ideia de patriarcado, ou seja, ao conjunto de sistemas e regras familiares e sociais pautadas no autoritarismo e controle praticado pelo homem. Narvaz e Koller (2006) destacam que algumas teóricas, como Pateman (1993) Machado (2000) e Saffioti (1988), advogam existir uma forma de patriarcado moderno, enquanto outras, como Aguiar (1997) e Castro e Lavinás (1992), postulam que o conceito deveria ser abandonado, uma vez que não se respalda numa teorização confiável.

Butler (1990/2003), Millet (1970) e Pateman (1993) defendem que o poder masculino tende a dominar as mulheres, especialmente pela via de seus corpos. Bartky (1990, 2002) também aborda profundamente esse tipo de dominação e ilustra como os diversos ataques, velados e explícitos, que vão desde um elogio discreto, à alguma parte do corpo feminino, até à violência extrema do estupro, causam sofrimento e cerceiam a liberdade da mulher, numa linha despersonalizante/desumanizadora. Essa autora relata, ainda, que a objetificação feminina pode ser internalizada pela própria vítima, que se identifica defensivamente com o agressor e acaba reproduzindo a violência consigo mesma e com outras mulheres. Essa hipótese poderia explicar também porque a conduta de algumas mulheres, em relação a outras, pode adquirir contornos fracamente violentos e machistas, na medida em que estariam comprometidas com uma espécie de aliança fantasiosa com o opressor, na tentativa de se proteger dos ataques.

Algumas feministas conquistaram alta popularidade na mídia internacional. Dentre elas, vale citar a palestrante nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2017; 2014), que abordou diversos estereótipos vinculados ao termo feminismo e ao modo como esses atrapalham a adesão ao movimento. A autora discorreu sobre possibilidades e desafios no que diz respeito à criação de crianças feministas. Desse modo, pôde compartilhar suas vivências e contribuir por meio de livros curtos e didáticos com a promoção de reflexão acerca do assunto. São dicas relativas a temas variados, tais como sexualidade, submissão e autonomia sobre o corpo.

Adichie (2017) reconhece que “temos um mundo cheio de mulheres que não conseguem respirar livremente porque estão condicionadas demais a assumir formas que agradem aos outros” (p. 49).

E sugere: “Diga-lhe que o corpo dela pertence a ela e somente a ela, e que nunca deve sentir a necessidade de dizer “sim” a algo que não quer ou a algo que se sente pressionada a fazer” (p. 65).

A historiadora feminista Margareth Rago (2000, 2013) contribui expressivamente, ainda hoje, com estudos sobre gênero. Apoiada em uma perspectiva pós-estruturalista, vem combatendo reducionismos biológicos, apresentando desconstruções de mitos relacionados à sexualidade feminina e dissertando sobre conflitos atuais entre as próprias feministas, por exemplo no que diz respeito às concepções ligadas à prática da prostituição. Tem, também abordado uma ideia segundo a qual a sociedade neoliberal pregaria que as pessoas se vissem como empresas. Assim, as mulheres teriam sido afetadas de modo muito particular, pois seriam culpabilizadas por não darem conta das múltiplas tarefas: ser boa mãe, boa profissional, cultivar um corpo belo, conquistar habilidades, enfim, ter sucesso em todas as áreas de sua vida. Tal configuração surgiu com muita clareza em pesquisa qualitativa realizada com o método psicanalítico, que lidou com material expressivo emergente de um campo de sentido afetivo-emocional que se organiza ao redor da crença de que a mulher deve conciliar inúmeras atividades para ser considerada uma boa mãe (Schulte, 2016).

Em entrevista realizada por Estimado, Fortunato, Cruz, Hotimsky e Bassani (2016), Rago revela que existem, a seu ver, diferenças geracionais significativas entre as feministas. De um lado percebe jovens inteligentes ligadas ao movimento, mas de outro, também nota posturas arrogantes ao descartarem ou subvalorizarem os acontecimentos históricos que fomentaram mudanças sociais importantes. Porém, reconhece a originalidade de movimentos mais recentes e jovens, por exemplo, a “Marcha das Vadias”, que pode auxiliar na quebra de

preconceitos, e vêm chamando atenção de outras pesquisadoras que pretendem melhor compreender contrastes e continuidades entre gerações de feministas, mais especificamente, no modo como lidam com questões ligadas ao corpo, raça, geração e sexualidade (Gomes, 2017; Gomes & Sorj, 2014). Vale lembrar que, uma vez que os conflitos intergeracionais ocorrem em diversas áreas do viver, não nos surpreendemos ao constatar que também ocorrem no âmbito dos movimentos feministas, uma vez que são organizados por mulheres de diferentes gerações, que vivem dramáticas bastante diversas, ainda que compartilhem das violências sexistas.

Importante destacar que a feminista Élisabeth Badinter (2005) considera equivocada a postura, frequente nos discursos feministas, de criticar o comportamento masculino, pois afirma que acusar os homens como opressores pode confundir e comprometer esforços para incluí-los no debate sobre igualdade e relações éticas. Afinal, o objetivo feminista não seria exterminá-los, mas estabelecer relações solidárias, construtivas e respeitadas entre homens e mulheres. A francesa responsabiliza feministas da década de 1990 por certo retrocesso, na medida em que teriam apontado que a sexualidade masculina, concebida como instinto, corresponderia a uma das raízes das relações de gênero. A seu ver, estabelece-se, desse modo, uma configuração que, na linguagem da psicologia psicanalítica concreta, descreveríamos como estrutura de conduta paranoide, no interior da qual coexistiriam seres perigosos e vítimas inocentes, algo que incentivaria o distanciamento e desestimularia a busca de formas melhores de coexistência.

Como pesquisadoras dedicadas ao estudo de sofrimentos emocionais socialmente determinados, entendemos que o equacionamento paranoide é improdutivo, na medida em que não contribui para a superação de interações beligerantes que se fundam em atos despersonalizantes/desumanizadores (Aiello-Vaisberg, 2017). Assim, superar a visão do homem como inimigo, segundo o entendimento de que homem e mulher compartilham a

mesma condição humana, parece-nos algo importante tanto do ponto de vista da maturidade emocional como do ponto de vista de uma ética de respeito e solidariedade. Na verdade, entendemos que não é necessário ser mulher para ser sensível à luta por equidade, bem como não é preciso ser índio, judeu, negro ou pobre para perceber que ataques desumanizadores são cruéis, geram sofrimento e impossibilitam a construção de uma sociedade ética, justa e igualitária. Apoiadas em Bleger (1963/2007), destacamos que seria inviável conviver bem em sociedade ao buscar insistentemente por culpados e vítimas, levando em conta que toda conduta é a melhor possível em qualquer situação, pois é a mais organizada estruturalmente em cada momento. Portanto, vale dizer, se um homem objetifica o corpo de uma mulher é porque ele vive em um campo que favorece o aparecimento desse tipo de conduta<sup>6</sup>. Em outros termos, pensar no machismo como fenômeno que existiria, de modo natural e abstrato, no psiquismo masculino, corresponde a uma simplificação tributária de equívocos que desconsideram que a dimensão intersubjetiva é anterior à constituição da interioridade intrapsíquica.

### **Teorias feministas e psicanalíticas: um diálogo possível?**

Lago (2010a) dedicou-se ao estudo da articulação entre psicanálise e teorias feministas, apontando que as traduções podem gerar confusão nos leitores, deturpando, assim, a compreensão fidedigna dos conteúdos. A autora conta que, inicialmente, a psicologia em si não parecia muito envolvida no debate sobre gênero, mas em diferenças individuais e específicas.

---

<sup>6</sup> Os campos vinculares sempre se inserem em contextos macrossociais. Assim, os modos como as pessoas se relacionam não se dissociam das condições concretas da vida material, que sempre detém certa independência diante das ações individuais e coletivas. Essa questão pode ser adequadamente apreendida na obra em que Almeida (2018) aborda o conceito de racismo estrutural, que lhe permite distinguir entre o racismo que se exterioriza por meio da conduta individual e aquele que expressa o modo como a própria sociedade de organiza. A estrutura social pode ser transformada por meio da adoção de políticas sociais de promoção de igualdade e diversidade, de remoção de obstáculos para a ascensão de minorias a posições de liderança nas instituições, de manutenção de espaços para debates e revisão de práticas institucionais e de promoção de acolhimento de conflitos raciais e de gênero. Além disso, Almeida (2018) acredita, apoiando-se na sociologia de Giddens (1989), que atos humanos e estrutura social se implicam reciprocamente. Deste modo, ações repetidas de muitos indivíduos tanto podem reproduzir como alterar a estrutura social. Tal perspectiva coloca sob nova luz a prática clínica psicológica na medida em que, ao libertar as pessoas de condutas que reproduzem a opressão, não apenas diminui o sofrimento, mas também contribui para a mudança social.

Ela cita obras que fizeram sucesso entre as feministas acadêmicas e que dialogaram com a psicanálise, incluindo a obra pioneira “O segundo sexo”, em que Beauvoir (1949/2009), apontou severas críticas à psicanálise tradicional, no âmbito da qual a posição da mulher é tratada de modo bastante insatisfatório, segundo um viés bastante conservador. Seus esforços em apresentar aproximações e tensões entre as diversas teorias psicanalíticas e feministas merecem nosso reconhecimento:

Os feminismos e a psicanálise, como discursos que se articularam a partir dos finais do século XIX e se constituíram como movimentos (d)e pensamentos em diferentes momentos de elaboração e atuação por todo século XX, não foram estranhos desde sempre, mesmo que suas relações tenham sido marcadas por desencontros, polêmicas, oposições. Relações ambivalentes que continuam se fazendo na atualidade (Lago, 2010b, p. 3)

A alemã Karen Horney (1926), talvez a mais importante representante da escola culturalista de psicanálise, é considerada uma das primeiras psicanalistas a perceber que a teoria freudiana era, basicamente, pouco justa com a condição feminina. Reconhecendo que muito dos complexos de inferioridade seriam, de fato, socialmente produzidos, refere-se inclusive a uma possível inveja do útero, baseando-se em estudos desenvolvimentistas que a levaram a concluir que as mulheres seriam invejadas por conta dos aspectos biológicos envolvidos na gestação. A seu ver, o trabalho poderia ser uma forma de compensação da frustração dos homens diante de sua impossibilidade de gestar, com o que se mesclariam temores que estariam na base da necessidade de dominar as mulheres. Alinhada com esse pensamento, Clara Thompson (1943) desenvolve a ideia da simbolização do pênis como o poder e postula que, numa sociedade desigual, seria compreensível que as mulheres invejassem aqueles que estivessem em situações mais favoráveis, como os homens.

A psicanalista Melanie Klein (1959) foi inegavelmente relevante no que diz respeito à retirada da mulher de uma condição inferior, na qual se definia, basicamente, como ser castrado e invejoso, para uma posição de maior valorização, na medida em que reconhecia a importância das fases precoces do desenvolvimento infantil na constituição da personalidade individual. Sendo assim, o pênis deixaria de ser o único objeto parcial invejável, já que o seio farto despertaria esse mesmo tipo de sentimento, no contexto das relações pré-edípicas. Evidentemente, a psicanalista estava interessada em psicopatologias e fixações em estágios do desenvolvimento segundo a teoria da libido, na medida em que suas pesquisas seguiam indicações formuladas por Karl Abraham (1927/1988) sendo, que por outro lado, não se vinculavam a compromissos feministas. De todo o modo, o fato é que, pela via da valorização materna que, a bem da verdade, era considerada predominantemente em função das fantasias do bebê, sua teoria veio a possibilitar que as mulheres ocupassem um lugar diferente daquele que lhes tinha sido destinado no pensamento freudiano.

Betty Friedan (1971), Shulamith Firestone (1976) e Kate Millet (1970) fizeram duras críticas à psicanálise. A primeira criticou a universalização do complexo de castração feminina, bem como o conceito de inveja do pênis, alegando que a teoria se aplicava a uma parcela pequena de mulheres de uma época específica e que teria tido seu uso indevidamente generalizado. Firestone (1976) acusa a teoria freudiana de ter sido mais poética do que científica, reconhecendo que havia algo de real em suas ideias, mas que funcionariam bem como metáforas e não como verdades científicas. Millet (1970), por sua vez, destaca que os conceitos freudianos evidenciam forte preconceito de supremacia masculina, bem como o fato de que a ausência de provas objetivas de suas teorias leva a crer que seriam fruto do seu subjetivismo.

Em 1979, a americana Nancy Chodorow (1990) contribuiu sobremaneira com a psicologia psicanalítica, mais especificamente, com estudos sobre maternidade. A autora se

baseia nas teorias objetais, principalmente nas ideias de Karen Horney (1926) e Melanie Klein (1959), e afirma que seria ideal que houvesse cuidado compartilhado entre os gêneros para que as identificações, transferências e toda a psicodinâmica fosse, de modo geral, menos desigual. Destaca, ainda, que diferenças sobre como os pais criam os filhos podem afetar a vida futura das crianças e critica o fato de as teorias freudianas não valorizarem suficientemente processos anteriores ao Édipo, vale dizer, a função que a mãe acaba desempenhando como ego externo da criança. Assim, as meninas tenderiam a se identificar com a função cuidadora e submissa da mãe e os meninos reproduziriam os papéis masculinos estabelecidos.

Outra americana interessada em articular teorias feministas com psicanálise foi Dorothy Dinnerstein (1976), que abordou minuciosamente as dinâmicas familiares envolvidas na constituição da opressão da mulher que é mãe. Ela critica a ideia de universalização de cuidados maternos e, alerta, principalmente, para os perigos de reproduzirmos modos tradicionais de parentalidade. Sobre essa autora, Steves (2005) comenta:

Dinnerstein nos apresenta rica argumentação para a desconstrução do fato universal de que a responsabilidade básica com o cuidado da criança cabe à mãe, alertando também para os perigos dessa tradicional forma de parentalidade. Ela argumenta ainda que a aceitação da autoridade patriarcal (inclusive pela mulher) tem origem no temor – embora inconsciente – que a criança tem do poder da mãe, o objeto do medo e das fantasias sobre poder e autoridade (Steves, 2005, p. 3).

De nossa parte, consideramos que a contribuição de Dinnerstein (1976) é bastante significativa, à luz dos estudos mais atuais de um campo novo de conhecimento que é a antropologia da maternidade, a partir do qual torna-se bastante evidente que se o problema da dependência do bebê humano tem uma base biológica, os modos solução, encontrados por diferentes sociedades, são múltiplos e determina, em grande parte, os modos adultos de vida (Gottlieb & Deloach, 2016; Gottlieb, 2015).

Muito da discussão entre psicanálise e feminismo também perpassa a crítica marxista. Nessa linha, a psicanalista britânica Juliet Mitchell (1967, 1979, 1988) é conhecida por apontar desigualdades socioeconômicas como prioritárias para a opressão feminina. Além disso, posiciona-se no sentido de compreender a teoria psicanalítica freudiana como obra que fala sobre uma sociedade machista, opressora e patriarcal, na tentativa de reconciliar as relações entre teorias feministas e psicanálise, refutando as opiniões daqueles que a consideram misógina. Nesse sentido, seria melhor, a seu ver, aproveitar as contribuições psicanalíticas em vez de repudiá-las. Analisa, ainda, autores como Laing (1960) e Reich (1978), que são vistos por algumas feministas como pensadores libertários pelo modo como abordam o corpo, lembrando que a obra freudiana foi revolucionária por tratar a sexualidade humana como fenômeno que transcende a reprodução biológica, visão que incentiva feministas a se beneficiarem de teorias psicanalíticas.

Portanto, se para a escola inglesa, baseada nas relações objetais, é fundamental compreender a psicodinâmica relacional desde a primeiríssima infância, a escola francesa, especialmente os estudos lacanianos, prioriza o discurso. Em entrevista concedida a Galster (2003), Michelle Perrot<sup>7</sup> revela que muitas feministas francesas acabaram se restringindo a um círculo fechado de discussão, possivelmente por conta de mal-entendidos com o feminismo americano. A autora diz:

Dessa forma o feminismo, apesar de sua fraqueza organizacional, de uma certa dificuldade de transmissão na nova geração ("eu não sou feminista, mas...", dizem as jovens de menos de 30 anos), não deixa de ser uma força latente, suscetível de modificações eventuais, e uma aspiração que contribuiu para a transformação e debate na sociedade francesa (Perrot, 2003, s.p.d.).

---

<sup>7</sup> Recomendamos a leitura de Michelle Perrot (1984) a aqueles que se interessam pela obtenção de uma visão panorâmica sobre as psicanalistas feministas francesas. Trata-se de tema certamente importante, que não teremos condições de desenvolver no presente trabalho.

Hélène Cixous (1997)<sup>8</sup> e Júlia Kristeva (1979/1986) se destacaram pela oposição à teoria lacaniana, que parece ser predominante entre os franceses, até os dias atuais, por reconhecerem que, quando esta se referia a um sujeito, aparentemente universal, na realidade estava se referindo ao homem branco, enquanto as mulheres sempre foram colocadas como forma inferiorizada de alteridade. Assim, essas autoras chegam a preconizar a rejeição de teorias pré-estabelecidas sobre mulheres que tenham sido propostas por homens<sup>9</sup>, entendendo que esses não podem se basear na experiência das mulheres enquanto sujeitos.

Butler (1990/2003) também tece críticas contrárias à teoria lacaniana, demonstrando claro repúdio contra a universalização de categorias relativas ao feminino e ao masculino, como indicam Vieira e Angonese (2016). Realmente, ao rejeitar a ideia de que o gênero se dá pela presença ou ausência do falo, Butler (1990/2003) destaca que novos gêneros seriam vistos, pela psicanálise lacaniana, como desviantes ou patológicos, o que se constituiria como obstáculo contrário a novas práticas tais como, por exemplo, a da adoção homoparental.

De todo modo, defensores da teoria lacaniana como Cossi e Dunker (2017) alegam que esta autora e outras feministas não compreenderam bem diversos conceitos fundamentais – argumento que não deixa de causar certa estranheza. Além disso, também discutem que seria descabido apegar-se à defesa da exclusividade do lugar de fala, segundo a qual apenas mulheres poderiam desenvolver teorias sobre gênero feminino, para deste modo liquidar com a ideia de que homens não podem estudar e se pronunciar sobre a questão feminina.

Em relação a essa última questão, parece-nos importante considerar a contribuição de Ribeiro (2017), quando esclarece que o termo lugar de fala nada mais consiste que a declaração de privilégios e opressões relativas à classe, gênero, condição socioeconômica e geração, entre

---

<sup>8</sup> Lago (2010) lamenta a falta de tradução para o português das obras de feministas psicanalistas francesas, tais como Kristeva (1980), Cixous (1997); Cixous e Clément (1996) e Irigaray (1984; 1974) interessantes para a compreensão dos entres entre teorias feministas e psicanálise.

<sup>9</sup> Evidentemente, tal posicionamento exige maior reflexão, uma vez que muitas psicanalistas, como Marie Bonaparte (1967), adotaram a perspectiva freudiana conhecida como monismo fálico, de caráter francamente machista. O leitor interessado em conhecer melhor sua obra pode consultar Amouroux (2012).

outras, aquele que se coloca em posição autoral. Desta feita, todos poderiam se manifestar sobre qualquer assunto, mas seria mais respeitoso e ético valorizar a experiência emocional daqueles que se encontram em situações de opressão, em vez de pré-julgarmos que saberíamos mais sobre as vivências alheias, na justificativa de que nos debruçamos intelectualmente sobre um determinado fenômeno. Assim, a narrativa de uma mulher negra e pobre seria muito mais preciosa para compreendermos sentidos emocionais do que uma literatura científica europeia produzida por homens brancos do século passado, já descontextualizada, sobre racismo, por exemplo.

Lembramos, por fim, Jane Flax (1987), feminista americana, também psicoterapeuta psicanalítica, quando discorre sobre o que chama de “pensamentos de transição”, vale dizer, psicanálise, teorias femininas e teorias pós-modernas, que desestabilizariam muitas ideias concebidas na modernidade. Ela analisa obras freudianas e lacanianas, que abordam o feminino, e conclui que, apesar de deficiências inegáveis, a psicanálise apresentaria ótimas teorias que ajudam na compreensão das relações de poder, incluindo suas formas institucionais. Focaliza, também, os modos pelos quais as relações entre dominação e desejo se perpetuam.

Nesse sentido, concordamos, por fim, que as tensões entre a literatura feminista e a psicanálise são complexas e nos auxiliam a refletir e elaborar novos modos de compreender as relações de gênero. Assim, marcamos a necessidade de contextualizar teorias psicanalíticas criadas em contextos ainda mais opressivos contra a mulher, e atentar para a concretude das dramáticas contemporâneas para possamos alcançar diálogos autênticos que contribuam com prevenção e intervenção de práticas que visem atenuar efeitos de sofrimentos sociais contemporâneos.

**Capítulo III**

**Fundamentos e Estratégias Metodológicas**

*Que ninguém se engane,  
só se consegue a simplicidade  
através de muito trabalho.*

*(Clarice Lispector.)*

Neste capítulo apresentamos os fundamentos e as estratégias metodológicas que aqui adotamos para a realização de pesquisa sobre uma produção cultural a partir do uso do método psicanalítico.

O texto é composto por duas seções. Na primeira delas, traçamos um quadro geral situando nossa opção metodológica no vasto campo da psicanálise contemporânea, o que nos permite chegar a apresentar nossa perspectiva teórica, que é a da psicologia psicanalítica concreta, bem como os principais conceitos que dela derivamos com vistas a organizar a pesquisa empírica. Dedicamos a segunda seção às descrições dos procedimentos investigativos a que chegamos a partir de esforços, que temos feito como coletivo de pesquisa, no sentido de operacionalizar o método de modo a facilitar nossa comunicação com pesquisadores que utilizam outros referenciais teórico-metodológicos ou mesmo outras linhas do pensamento psicanalítico.

### **Fundamentação Teórica e Principais Conceitos**

Sabe-se que há algum tempo a psicanálise vem sendo legitimada como uma abordagem profícua para a produção de conhecimento científico, na área da psicologia. Entretanto, notamos, com Herrmann (2001), que diferentes tipos de produção vêm sendo apresentadas como pesquisa psicanalítica, o que não surpreende, uma vez que a complexidade desse campo permite a realização de diferentes abordagens e leituras. Seguindo as indicações desse autor é possível perceber pelo menos três tipos de pesquisas psicanalíticas. Existem as de cunho teórico-conceitual, que se debruçam sobre textos psicanalíticos a partir de métodos

hermenêuticos, como, por exemplo, os trabalhos de Fulgêncio (2017, 2015, 2013) ou de Campos (2011, 2009). O segundo tipo consiste nas que utilizam métodos positivistas e neopositivistas, na consideração de que ciências humanas e ciências naturais devem usar um único método, como as de Kernberg (1975), Simon (2015; 1989) ou Yoshida (2012; 2008). Nesse segundo caso, a psicanálise é usada apenas como referencial teórico. Por fim, existiriam aquelas investigações que fazem uso da psicanálise enquanto método, dentro e fora do contexto analítico, como as de Herrmann (2005) Aiello-Vaisberg (2017), caracterizando-se por buscar manter uma relação não submissa com teorias pré-estabelecidas, de modo a criar e encontrar diferentes sentidos que possam contribuir com estudos compreensivos acerca de diversos fenômenos humanos.

A ideia de uso do método psicanalítico como possibilidade investigativa tem sido bastante defendida por Herrmann (1979) e Herrmann e Lowenkron (2004), mas já está presente no pensamento e mesmo na prática de pesquisa de Freud (1922/1972). Vale a pena lembrar aqui o modo como o verbete psicanálise é apresentado no clássico Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis (1967/2001):

Disciplina fundada por Freud e, na qual, com ele, podemos distinguir três níveis:

A) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.

B) Um método psicoterápico baseado nesta investigação e o especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da

psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou análise).

C) Um conjunto de teorias psicanalíticas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento (Laplanche & Pontalis, 1967/2001, pp.384-385).

Como se vê, manifesta-se aí uma preocupação em definir a psicanálise como primariamente metodológica, o que explica como um campo, tão múltiplo em termos de práticas e de teorias, tenha se mantido relativamente unificado ao longo de mais de um século de existência. Seguindo tal caminho, concordamos com Herrmann (1979) quando afirma que o método é o elemento invariante compartilhado por todas as escolas psicanalíticas.

Entretanto, é importante lembrar que as interpretações psicanalíticas têm dado origem a mais de um tipo de formulação teórica, valendo a pena distinguir, com Greenberg e Mitchell (1994), a prevalência de dois grandes paradigmas nesse campo do conhecimento: o pulsional e o relacional. O paradigma pulsional dá origem a teorizações metapsicológicas, especulativas, abstratas, universalizantes e descoladas da realidade social. O paradigma relacional faculta a proposição de formulações vinculares, dramáticas, experienciais, locais e maximamente ligadas ao ambiente humano. Assim, cumpre deixar claro não apenas que lançamos mão do método psicanalítico, na presente pesquisa, mas também que adotamos uma perspectiva teórica relacional.

Como não é difícil supor, temos hoje, um número relativamente grande de teorias psicanalíticas relacionais, com as quais podemos dialogar. Entretanto, é importante destacar que, em sua maioria, tais perspectivas relacionais assumem que o plano relacional se limita ao âmbito das relações familiares, como o fazem, por exemplo, Mitchell e Aron (1999), Stolorow (2000) e Winnicott (1960/1990; 1949/2000; 1945/1982). Tal posição não nos parece suficiente quando lidamos com sofrimentos que estão claramente associadas a contextos macrossociais

nos quais vigem problemas tais como o racismo, o sexismo e altos níveis de desigualdade social. Por este motivo, temos trabalhado com um referencial psicanalítico relacional que concebe que as interações inter-humanas ocorrem em campos vinculares, dotados de sentidos afetivo-emocionais, que se inserem em contextos sociais mais amplos.

Quando trabalhamos a partir do paradigma relacional, reconhecemos o valor da subjetividade do pesquisador e nos alhamos com aqueles que criticam a aplicação do modelo positivista na produção de conhecimento psicológico. Nessa linha, duvidamos da possibilidade da adoção de posturas neutras e objetivas, concebidas como se o pesquisador não fizesse parte do contexto no qual se situam os fenômenos que estuda. Entendemos, também, que o reconhecimento de que todo pesquisador trabalha a partir de sua própria subjetividade amplia a possibilidade de produção de conhecimento compreensivo, na medida em que permite a percepção dos múltiplos aspectos da experiência humana, que é sempre vincular e concreta. Portanto, consideramos que o modelo intersubjetivo como mais apropriado à pesquisa qualitativa em psicologia, lembrando que a psicanálise corresponde a uma entre várias abordagens compreensivas (Silva, 1993; Turato, 2000).

Seguindo essa linha, escolhemos a psicanálise concreta, fundamentando-nos em Bleger (1963/2007), leitor de Politzer (1928/1998), filósofo que elabora uma crítica fundamentada da metapsicologia, por meio da qual a psicanálise adquire, a seu ver, características de ciência abstrata, universal e descolada dos contextos sociais nos quais se insere. Firmamos, ainda, que a perspectiva blegeriana se diferencia das demais abordagens relacionais (Greenberg & Mitchell, 1994) pela consideração marcante de que os campos vinculares não devem ser abstraídos dos contextos macrosociais em que se constelam (Sas, 2002). Deste modo, a psicologia psicanalítica concreta não reduz o social ao familiar, como o fazem a grande maioria das abordagens psicanalíticas relacionais. Assim, nossa opção sustenta a aspiração a produzir

conhecimento que leve em conta que somos seres sociais, situados em contextos macrosociais, e, portanto, marcados pela historicidade, cultura, economia e diferentes modos de viver.

Ao nos alinharmos à psicologia psicanalítica concreta, encontramos, à nossa disposição, dois conceitos já bem definidos: conduta e campo psicológico – que rebatizamos, a bem da clareza, como campo de sentido afetivo-emocional. Cumpre, portanto, defini-los. Acrescentamos um terceiro conceito, o de imaginário como conduta, que não se encontra no texto de Bleger (1963/2007) mas que pode ser daí deduzido sem dificuldade. É fundamental marcar que consideramos que todo ato humano, ou conduta, carrega sentidos, por mais incompreensíveis ou estranhos que possam parecer (Aiello-Vaisberg, 1999).

O conceito de conduta foi proposto por Bleger (1963/2007) a partir da ideia de drama proposta por Politzer (1928/1998), à qual dedicou um estudo bastante minucioso (Bleger, 1958/1988). Com o termo conduta, visou Bleger (1963/2007) referir-se a atos humanos, carregados de sentidos intersubjetivos, de caráter emocional, que se poderiam expressar em uma das três áreas: 1- mental/simbólica, tais como pensamentos, fantasias, crenças; 2- corporal, por exemplo, reações fisiológicas, movimentos, piscar de olhos; e 3- de atuação no mundo externo, como produções culturais, obras de arte, composições, entre outros. Ou seja, a conduta, na acepção blegeriana, não se confunde com o *behavior*, pois conserva seu caráter de fenômeno molar, unitário e humanamente significativo.

É importante enfatizar que nenhuma conduta nasce de interioridade psíquica individual, mesmo que seja essa a experiência vivida pelas pessoas na sociedade em que vivemos, altamente tributária do pensamento cartesiano e na crença em um certo modo de racionalidade. Outra é a visão da psicologia psicanalítica concreta, para a qual todos os atos humanos emergem a partir de campos intersubjetivos, sendo que a conduta manifesta corresponde sempre à melhor possível em uma dada situação, por ser a mais organizada estruturalmente.

O conceito de imaginário coletivo como conduta foi proposto inicialmente com vistas a delimitar um certo conjunto de atos humanos, tendo em vista conferir precisão a pesquisas que se articulam ao redor do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999), que consiste numa demanda a participantes de pesquisa no sentido de que, usando livremente sua imaginação, desenhem uma determinada figura para, a seguir, inventarem uma história sobre o que tiverem desenhado. Ou seja, corresponde à solicitação de atos humanos, vale dizer, desenhar e inventar histórias, que se associam à capacidade humana de imaginar.

Entretanto, acatando a ideia blegeriana segundo a qual a conduta pode ser estudada psicologicamente em âmbitos individuais e coletivos, passamos a enfatizar que não só indivíduos imaginam, mas que personalidades coletivas, tais como torcidas de times de futebol, consumidores, grupos que tem em comum a idade ou pertencimento a uma certa geração ou moradores de uma mesma localidade, só para dar alguns exemplos, imaginam também. Essa ideia foi bastante desenvolvida por Goldmann (1971), autor que, compartilhando a mesma perspectiva concreta que Bleger (1963/2007), estudou produções culturais como expressão de autoria coletiva, independentemente daqueles artistas que possam efetivamente assinar esta ou aquela obra. Assim, o conceito de imaginário coletivo faz apelo à criação intersubjetiva de atos e produtos de atos humanos – ou seja, de condutas da terceira área de expressão. Cabem aqui tanto quadros de Picasso, enquanto expressão do espírito de um povo em uma determinada época, como um, digamos, dito popular, tal como “bandido bom é bandido morto” ou hábitos aparentemente sem grande importância. Lembremos, por exemplo, que a frase sobre bandidos manifesta um imaginário coletivo que divide o mundo, segundo uma visão essencialista, entre seres maus e perigosos e seres bons, que precisam de proteção. Tomemos, ainda, o hábito, relativamente comum, de muitas mulheres optarem por atravessar a rua quando percebem um

homem andando na mesma calçada que elas, indicando o imaginário de que podem estar expostas a risco que se relacionam à aproximação masculina.

Investigações sobre imaginários coletivos como conduta, realizadas em nosso grupo, tem produzido conhecimentos interessantes, que se revelam úteis tanto no que diz respeito à orientação de práticas psicoterapêuticas e psicoprofiláticas, como em termos de fornecer subsídios para debates no âmbito de movimentos sociais e da sociedade civil. Podemos aqui lembrar, à guisa de ilustração, de algumas de nossas produções, usando diferentes materiais de pesquisa, tais como:

1) entrevistas, que se dividem em: 1.1. entrevistas individuais para abordagem de personalidades coletivas (Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016) e 1.2. entrevistas coletivas (Rodrigues, 2016); 2) estudos de comunicações via internet, tais como *blogs* (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Schulte, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2016); 3) estudos de obras individuais para abordagem de personalidade coletiva (Riemenschneider, 2015) e 4) materiais culturais, tais como filmes (Ferreira-Teixeira, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2014; Arós & Aiello-Vaisberg, 2009), documentários (Chinalia, 2017; 2012), músicas (Aiello-Fernandes, André & Aiello-Vaisberg, 2016; Aiello-Fernandes, Leão & Aiello-Vaisberg, 2015; Aiello-Fernandes, Assis, Silva, Leão & Aiello-Vaisberg, 2014).

Nesse sentido produzimos uma variedade de estudos de imaginários sobre diferentes condições humanas: sobre adolescentes (Assis, Aiello-Fernandes & Aiello-Vaisberg, 2016; Assis et al., 2016; Montezi, Barcelos, Ambrosio & Aiello-Vaisberg, 2013; Botelho-Borges, Barcelos & Aiello-Vaisberg, 2013); sobre prostituição infanto-juvenil (Ferraz, Ferreira, Gonçalves, Almeida, Bechara, Lazarim & Aiello-Vaisberg, 2015), sobre presidiárias (Chinalia, 2017; 2012), sobre adoção homoparental (Ferreira-Teixeira, Gallo-Belluzzo & Aiello-Vaisberg, 2014), sobre ser negro (Aiello-Fernandes, André & Aiello-Vaisberg, 2016; Aiello-Fernandes, Leão & Aiello-Vaisberg, 2015; Aiello-Fernandes et al., 2014) sobre maternidade

contemporânea (Visintin et al., 2016); sobre relações de gênero em contextos amorosos (Assis et al., 2015), entre outros.

Os campos de sentido afetivo-emocional são, simultaneamente, tanto nossas interpretações psicanalíticas, como algo que, ocorrendo na realidade social, deve ser definido como mundos vivenciais habitados intersubjetivamente de onde emergem as condutas. De fato, nossa postura crítica nos impele a reconhecer que certos problemas, como o racismo, o machismo e a exploração das classes subalternas são sociologicamente estruturais (Almeida, 2018). Portanto, buscamos colocar entre parênteses nossos pressupostos teóricos, a fim de que deixemos nos impactar pela comunicação que emerge no encontro com o material.

Devemos, mesmo, afirmar, que tais campos correspondem ao conceito de inconsciente vigente no campo da psicologia psicanalítica concreta que, evidentemente, não o iguala a uma instância psíquica individual, conforme a perspectiva pulsional e metapsicológica. Trata-se, portanto, de um inconsciente intersubjetivo. Produzir interpretativamente campos de sentido afetivo emocional, que paradoxalmente se constelam na realidade social, pode iluminar modos de vida que determinam exclusão, discriminação, humilhação e sofrimento. Assim, ideias, fantasias, crenças, pensamentos ou quaisquer condutas podem ampliar o conhecimento compreensivo acerca de fenômenos humanos em contextos macrosociais.

Portanto, seguimos alinhadas com a psicologia concreta, na medida em que as condutas são humanamente produzidas e passíveis de ser compreendidas também quando comunicadas em produções culturais e não restritas a contextos clínicos. No presente estudo, investigamos uma série televisiva concebendo-a como uma obra ficcional que comunica crenças, ideias, fantasias, pensamentos, enfim, atos humanos produzidos coletivamente. Nesse sentido, sendo uma obra cinematográfica, pode ser considerada como ato de uma subjetividade coletiva transindividual, à qual pertencem atores, diretores, equipes técnicas, dentre outros, que, por outro lado, expressa questões coletivamente postas no contexto social maior no qual a iniciativa

tem lugar. Além disso, como produção buscada e assistida por muitas pessoas, essa série revela despertar forte interesse na audiência que aí vê retratada algumas preocupações, temores, desejos ou aspirações. Assim sendo, estamos, provavelmente, diante de um material altamente significativo em termos do fenômeno que pretendemos abordar, vale dizer, dos imaginários coletivos sobre o sofrimento de meninas adolescentes.

### **Procedimentos Investigativos**

Temos operacionalizado o uso do método psicanalítico, nas investigações realizadas em nosso grupo, em termos de procedimentos investigativos que permitem comunicar os passos que culminarão na produção de um certo tipo de conhecimento compreensivo. Esse abrange tanto as interpretações<sup>10</sup> que propomos, tomando e retomando o material de pesquisa à luz do método psicanalítico, como o colocar em marcha um trabalho de interlocuções reflexivas que, a rigor, é inerentemente inconclusivo, conforme o esperado no campo da pesquisa qualitativa (Galeffi, 2009).

Na presente pesquisa organizamos o método psicanalítico a partir de quatro procedimentos investigativos: a) Seleção do material; b) Encontro e registro do material; c) Interpretação de campos de sentido afetivo-emocionais; e d) Interlocuções reflexivas.

O procedimento investigativo de seleção do material se deu segundo a observação dos seguintes critérios: a) que se tratasse de material disponível na plataforma de *streaming* “Netflix” por meio do marcador “adolescentes”<sup>11</sup>; b) que tivesse sido lançado durante o século XXI; c) que tematizasse manifestamente o sofrimento emocional vivido por adolescentes do sexo feminino; e d) que tivesse alcançado certa receptividade junto ao público.

---

<sup>10</sup> É importante enfatizar que, coerentemente com a perspectiva da psicologia concreta, interpretaremos o enredo da série como conjunto de condutas, a partir do encontro da pesquisadora, e do grupo de pesquisa, com a produção cultural. Não nos pronunciaremos sobre a interioridade psíquica individual do diretor do filme, não porque seja inacessível, mas até mesmo porque a ideia de uma interioridade em termos abstratos, naturais e isolados do acontecer humano, tal como concebida pela psicanálise metapsicológica, é algo de cuja existência duvidamos.

<sup>11</sup> Busca realizada em 14 de setembro de 2017.

Escolhemos a “Netflix” devido à sua crescente popularidade nos últimos anos (Miranda & Souza, 2017; Azevedo, 2016, Kulesza & Santi Bibbo, 2013), que possibilita que o telespectador pague um valor relativamente acessível com a possibilidade de compartilhar a conta. Desse modo, o serviço altera a dinâmica dos espectadores, oferecendo um catálogo de filmes, documentários, séries, desenhos, entre outras produções de diversos países que podem ser assistidas via internet pela televisão (*smartvs*), computadores ou *notebooks*, celulares, *tablets* e outros aparelhos tecnológicos contemporâneos, o que pode facilitar e motivar o acesso ao conteúdo disponível (Saccomori, 2015).

Debruçamo-nos sobre o acervo de filmes e seriados disponíveis na “Netflix” por meio de busca feita a partir do descritor “adolescentes”. Após a aplicação dos critérios, restaram 33 produções<sup>12</sup>. Nesse conjunto de material, escolhemos a série *13 Reasons Why* (Yorkey, 2017) por acreditarmos que se trata de uma obra emblemática e capaz de comunicar expressivamente fenômenos vinculados ao sofrimento de meninas adolescentes. Esse último critério é assumidamente mais subjetivo e baseado na ideia de um sujeito típico (Frederico, 1979), vale dizer, aquele mais emblemático, que tem condições de comunicar algo do contexto em que está inserido, pois não sendo neutro ou mediano, representa de modo único o coletivo do qual faz parte. Esse sujeito, segundo o autor, preserva e/ou desenvolve certa capacidade de comunicação diferente de muitos que habitam contextos institucionais opressivos, como locais de trabalho insalubres ou hospitais psiquiátricos (Machado, 1995). Nesse sentido, o sujeito típico, diferente de muitos, consegue denunciar, de modo expressivo, aspectos e fenômenos vivenciados por outros sujeitos. Além disso, mencionamos o fato de que profissionais de diversas áreas, pais e,

---

<sup>12</sup> Os títulos das outras produções são apresentados como: “Gatos, fios dentais e amassos”, “Meninas Malvadas”, “#Reality High”, “As apimentadas”, “Degrassi:Next Class”, “Fica Comigo”, “Missão Moedas”, “Pretty Little Liars”, “Skins”, “Gossip Girl”, “Jane The Virgin”, “FootLoose: ritmo contagiante”, “Coisas de Meninos e Meninas”, “Between”, “Tudo para ficar com ela”, “Playfool Kiss”, “As excluídas”, “Paixão sem limites”, “Good morning call”, “Divergente”, “The vampire diaries”, “Shadow hunters: the mortal instruments”, “Merlí”, “Scream”, “Speech e debate”, “The OC”, “Beijo Malicioso: 1”, “A saga crepúsculo: amanhecer parte 1”, “A saga crepúsculo: amanhecer parte 2”, “Deidra e Laney”, “Loco love”, “Haters: Back off”.

principalmente, meninas e meninos adolescentes, relataram na internet – e em nossas relações sociais e profissionais – terem assistido e se impactado positiva ou negativamente com os episódios.

Em suma, a série retrata os últimos dias de vida de uma garota adolescente, Hannah Baker, que se suicida e deixa 13 fitas narrando os motivos pelos quais ela decidiu colocar fim à própria vida. Em cada fita ela responsabiliza alguém pelo seu sofrimento e os motivos incluem invasão de privacidade, boatos, traições de amigos, sentimentos de inadequação, estupros, entre outros.

O procedimento investigativo de encontro e registro ocorreu por meio da elaboração uma narrativa transferencial elaborada durante e após sucessivas exposições aos episódios da série. Tal narrativa inclui tanto o registro do enredo, tal como subjetivamente relatado pela pesquisadora, como também diz respeito aos impactos contratransferenciais, vivenciados durante a exposição ao material de estudo, a partir do uso do método psicanalítico (Devereux, 1967/2012). Compreende-se, assim, que consista em relato acerca de lembranças, sensações, emoções, reflexões e associações que surgiram enquanto o material selecionado foi assistido. A narrativa transferencial corresponde a uma forma de registro afinada com uma postura fenomenológica, no sentido de que os pesquisadores se fazem disponíveis no sentido de se deixar impactar pelo acontecer, sem preocupação com teorizações prévias. Desse modo é possível uma aproximação da experiência dramática narrada em uma obra, que, certamente, apresenta múltiplos sentidos existenciais (Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron & Beaune, 2009; Aiello-Vaisberg & Machado, 2005). Também optamos por incluir em anexo uma lista de personagens, no intuito de indicar algumas informações básicas sobre os principais citados durante a narrativa.

No que diz respeito ao procedimento investigativo de interpretação, cabe ressaltar que cumprimos coletivamente a tarefa de criação/encontro de sentidos afetivo-emocionais intersubjetivos a partir do contato com o material clínico, uma vez que consideramos que a multiplicidade de olhares contribui positivamente com a produção interpretativa. Em atenção flutuante e livre associação de ideias, seguimos as recomendações metodológicas de Herrmann (1979) tomadas como guias para a interpretação psicanalítica: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração do sentido afetivo-emocional emergente”. Nesse momento, é imprescindível certa suspensão de conhecimento teórico, para que nos deixemos impactar emocionalmente o máximo possível. Portanto, é necessário exercitar constantemente uma postura de desapego teórico para que o método psicanalítico possa ser colocado em marcha. Desse modo, produzimos interpretações que, sem pretender esgotar a riqueza do material, parecem-nos suficientemente interessantes para a discussão sobre o sofrimento de meninas adolescentes neste momento.

Por fim, no procedimento investigativo de interlocuções reflexivas cessamos o uso do método psicanalítico para dar início ao trabalho reflexivo, num diálogo com autores das ciências humanas que abordam os principais fenômenos surgidos nos campos de sentido afetivo-emocional (Corbett, 2014). O caráter dialógico e reflexivo desta etapa visa produzir conhecimento compreensivo que possibilite pensar questões humanas contemporâneas e subsidiar práticas psicoterapêuticas e psicoprofiláticas. Pensamos que a pesquisa qualitativa com o método psicanalítico tem condições de contribuir com o debate científico sobre práticas que ultrapassem o individual e alcancem transformações coletivas e sociais. Nossos interlocutores, que compartilham uma visão de ser humano como ser social e não natural, isolado e abstrato (Bleger, 1963/2007), são escolhidos após a criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional, pois pensamos que, deste modo, o conhecimento caminha para teorizações mais autênticas e concretas.

**Capítulo IV**  
**Narrativa Transferencial**

*Lembra o tempo  
que você sentia  
e sentir  
era a forma mais sábia  
de saber  
e você nem sabia?*  
*(Alice Ruiz)*

Apresentamos, a seguir, uma narrativa transferencial, que diz respeito aos impactos contratransferenciais vivenciados durante a exposição ao material de estudo (Devereux, 1967/2012). Preocupamo-nos em contar as lembranças, sensações, emoções, reflexões e associações que surgiram enquanto a pesquisadora assistia ao material selecionado. Esse recurso tem sido utilizado como registro clínico que permite o compartilhamento das associações feitas livremente do encontro com o material de pesquisa (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005; Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron & Beaune, 2009).

De fato, quando consideramos a perspectiva do inconsciente intersubjetivo, concluímos que a narrativa transferencial, e não os episódios que compõem a série televisiva, corresponde ao material de pesquisa ao redor do qual essa tese é elaborada, uma vez que é nela que registramos o encontro, ainda que evanescente, com a produção cultural, no caso, a série *13 Reasons Why*. Afinal, os vídeos, em si mesmos, apresentam uma existência potencial, que só se realiza quando pessoas a eles se expõem, não existindo em si mesmos, como mero dado objetivo. Ou seja, podemos afirmar que o seriado, como obra cultural, apresenta um estatuto ontológico peculiar, pois acontece apenas na intersubjetividade.

A série retrata os últimos dias de vida de uma garota adolescente, Hannah Baker, que se suicida e deixa 13 fitas narrando os motivos pelos quais decidiu colocar fim à própria vida. Em cada fita a jovem responsabiliza alguém pelo seu sofrimento, por motivos que incluem

invasão de privacidade, boatos, traições de amigos, sentimentos de inadequação e estupros, entre outros. Sendo grande o número de figuras que participam do enredo, disponibilizamos, em anexo, uma lista de personagens, com uma breve descrição dos principais a fim de que o leitor possa se situar na trama, de modo mais confortável, conforme lê a narrativa.

Vale notar que optamos pelo uso de tipos em itálicos, na apresentação da narrativa transferencial, com o objetivo de lembrar com clareza que se trata de texto confeccionado à luz do método psicanalítico, em estado de cultivo da atenção flutuante e da associação de ideias. O pressuposto subjacente a esse tipo de registro é o reconhecimento de que as comunicações emocionais se fazem pela via de impactos afetivos. Assim, estamos mais próximos daquilo que é fundamental, num estudo psicanalítico, não quando fazemos uma gravação em áudio ou em vídeo, mas quando nos disponibilizamos a ser impactados em encontros com outras pessoas ou com frutos da conduta humana, tais como poesias, letras de músicas, filmes e outras formas culturais de expressão.

### **Narrativa Transferencial**

*Escrevemos esta narrativa após assistir pela segunda vez “13 Reasons Why”. Inicialmente, não havíamos pensado que esta série poderia vir a ser o material de pesquisa da tese, pois estávamos focadas no estudo de blogs de adolescentes que se automutilam, mas como soubemos que se tratava do suicídio de uma menina jovem, ficamos muito interessadas pelo sofrimento que seria retratado ali. Soubemos da série por meio de um movimento rápido na rede social Facebook. Muitas pessoas – jovens e adultos – relataram que a assistiram em um único dia e que tinham ficado bem impressionadas. Em seguida, surgiu uma postagem de um psiquiatra que criticava o fato de estupros e suicídios terem sido retratados nos mínimos detalhes, indo contra algumas orientações da Organização Mundial de Saúde. Assim, quisemos assisti-la logo, em função do receio experimentado diante a perspectiva de que*

*algumas partes fossem retiradas por conta das críticas e preocupações de profissionais da saúde.*

*Como os episódios se organizam em termos das fitas gravadas pela menina que se suicidou, ponderamos que essa seria uma boa forma de narrar o encontro. Assim, os próximos trechos terão como título os destinatários das gravações<sup>13</sup>.*

**1. Fita para Justin, primeiro garoto que decepcionou Hannah após espalhar fotos e boatos sobre o primeiro beijo da garota. Depois, virou namorado de Jessica.**

*Trata-se da vida de Hannah Baker, uma adolescente que se suicida e deixa 13 fitas contando os motivos pelos quais ela decidiu terminar a própria vida. Hannah é uma menina muito bonita, cabelos castanhos, olhos azuis e dona de um belo sorriso. Usa, constantemente, do recurso da ironia em suas falas, mas de forma até que leve e engraçada. Logo no primeiro episódio, começo a ter a sensação de que Hannah é uma menina sem raízes. Ela conta a sua história a partir do momento em que muda de cidade e precisa conquistar novos amigos e encontrar um lugar no meio social em que vive para que não se sinta deslocada. Hannah conhece apenas uma garota, Kat, que acaba tendo também que se mudar de cidade, deixando-a apenas na companhia de Clay, um menino tímido, introvertido, não popular e bastante ansioso, que trabalha na recepção de um cinema. Ele revela ter sido alvo de boatos sobre sua possível homossexualidade na escola. É difícil imaginar o que Clay pode ter feito de ruim à Hannah para que ele seja um dos motivos de seu suicídio. A série traz a perspectiva de Clay sobre tudo o que aconteceu com a protagonista. Ao receber as 13 fitas, ele vai pedir a seu pai um aparelho de rádio antigo. Fiquei pensando que a motivação de gravar uma fita, e não usar, por exemplo, um pendrive, poderia ser um empurrãozinho de Hannah para que seus colegas*

---

<sup>13</sup> As narrativas serão apresentadas na primeira pessoa do singular, forma mais apropriada de comunicar as impressões contratransferenciais provocadas pelo seriado estudado.

*procurassem por seus pais, mais especificamente, para que procurassem suas raízes. Interessante notar que o pai de Clay também é inábil na comunicação com o filho, mas o simples fato de perguntar se o dia havia sido bom na escola e sustentar seu olhar alguns minutos no garoto já poderia significar algum avanço na relação de ambos. Já a mãe de Clay, na tentativa conhecer seu filho, parece forçar uma comunicação, jantares e cafés da manhã, o que acaba por invadir a intimidade e o estilo pessoal do filho.*

*O suicídio de Hannah gerou imensa repercussão na escola, de modo que percebemos que os professores, assim como a mãe de Clay, desesperam-se para falar sobre suicídio e sobre formas de lidar com adolescentes que sofrem. Tanta preocupação parece provocar profundo nos alunos. Por que em vez de promover a saúde no dia a dia, esperamos que desgraças aconteçam para que comecemos a falar sobre formas de prevenção? Os pais de Hannah aparecem na escola e levam um susto quando percebem que seu armário não contém adesivos e não é personalizado como o de outros alunos. Logo penso que eles devem estar procurando por culpados, para que aliviem um pouco suas angústias. No decorrer da série, acompanhamos que eles vão processar a escola e quem irá cuidar da defesa do colégio é a mãe de Clay, que é advogada.*

*Hannah segue explicando, na fita de áudio, que cada pessoa que recebesse o pacote com as gravações deveria ouvir aquela que lhe tinha sido destinada e passar as outras adiante para que o próximo escutasse. Além disso, avisa que todos estariam sendo observados, razão pela qual não deveriam trapacear. Em outro momento, diz “Não me desvalorizem, não novamente...”, indicando que em vida não se sentia reconhecida. Hannah conta que a primeira fita é para Justin, menino que namorava a sua única amiga, que havia ido embora de sua cidade. Hannah parece admirar bastante essa amiga, Kat, que era popular e que havia realizado uma festa para muitos convidados, com a intenção de que Hannah conhecesse os outros estudantes. Tanta admiração, como a vontade de ocupar o lugar valorizado da amiga,*

*que se despedia, parece ter motivado o encantamento de Hannah por Justin, valendo lembrar que Kat chegou a aprovar a união entre Hannah e Justin, alegando que ela própria já estava distante e que já tinha uma nova turma.*

*Entretanto, o começo do fim ocorre quando Hannah dá o seu primeiro beijo em Justin em um parque, de forma bem ingênua e até infantil. Porém, o garoto aproveita a ocasião para tirar fotos dela, que vestia uma saia curta, em um escorregador e mostra-las para os amigos. Durante a interação com os outros rapazes, Justin se vê impelido pelos amigos a relatar a história sobre o ocorrido na noite anterior, dando a entender que Hannah e ele tinham transado. Chega a mostrar uma foto na qual aparecem as pernas e a calcinha de Hannah, para seu amigo Bryce, que dispara essa imagem para todos os seus contatos do celular.*

*Na gravação, Hannah manifesta que a internet pode piorar todos os fatos. Todos na escola, inclusive Clay, parecem acreditar que Hannah havia transado com Justin, fazendo com que se sinta julgada, humilhada e envergonhada. Percebi que eu mesma pensei que Hannah poderia ter transado com Justin, mas mentido que não. Logo, lembrei-me da última notícia<sup>14</sup> sobre o abuso que o ator José Mayer teria cometido contra uma figurinista da rede Globo, Su Tonani. A reportagem veiculava, como informação, que a figurinista teria sido amante do ator, sendo que cheguei a encontrar muitos comentários na internet detonando a reputação da moça. Logo pensei que ainda que fosse mentira, a situação não deixa de ser abusiva, mas fiquei incomodada comigo mesma por ter duvidado, de algum modo, da fala da mulher, assim como questioneei por um minuto se Hannah havia ou não perdido a virgindade com Justin. Acho que isso pode ser reflexo de uma cultura machista em que, ainda que saibamos que os*

---

<sup>14</sup> Uma simples pesquisa no site de buscas *Google* combinando os nomes dos envolvidos retornam diversas notícias do acontecimento. O depoimento de Su Tonani pode ser acessado na íntegra no site: <<http://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/leia-a-integra-do-depoimento-de-su-tonani-figurinista-que-acusou-jose-mayer-de-assedio-sexual/>>. A carta aberta assinada por José Mayer pode ser acessada no seguinte link: <<https://claudia.abril.com.br/famosos/jose-mayer-em-carta-aberta-eu-errei-no-que-fiz/>>.

*homens possam aumentar seus feitos sexuais, para chamarem a atenção de outros homens, nós, mulheres, duvidamos da fala umas das outras.*

## **2. Fita para Jessica, ex-amiga de Hannah, garota que foi estuprada por Bryce.**

*No segundo episódio, a dúvida sobre a veracidade da versão de Hannah fica em evidência. Sua ex-amiga, Jessica, relata não acreditar em Hannah. Outros colegas também desacreditam em sua versão, sendo que até mesmo seu pai revela ter receio de descobrir uma verdade sobre a filha, enfatizando que não gostaria de saber que esta teria se comportado levemente. Após os boatos sobre a possível transa de Hannah e Justin se espalharem pela escola, ela acaba se sentindo extremamente invadida e desrespeitada.*

*Antes disso, a conselheira da escola havia decidido promover maior convivência entre Hannah e Jessica, já que ambas eram novatas e ainda não estavam adaptadas ao ambiente escolar, no qual se viam um tanto deslocadas. Apesar das diferenças, ambas se identificam e iniciam uma amizade. Posteriormente, também incluem Alex, outro garoto novo na escola, como participante de seu pequeno grupo. Percebemos, então, como o vínculo de amizade é retratado como algo transformador, mas também extremamente frágil na adolescência. O triângulo se desmancha quando Hannah é deixada para trás por conta do envolvimento amoroso que tem ocorre entre Jessica e Alex. Hannah, na condição de terceira excluída, começa a se sentir extremamente sozinha, traída e enganada. É também nesse episódio que começamos a perceber a competição entre meninas e certa divisão em garotas certinhas e vadias. Subentende-se, então, que para ser uma garota legal ou certinha, alguns requisitos, como ser popular, bonita, simpática e jamais alvo de boatos, devem ser atendidos. Por outro lado, basta, para ser considerada vadia, ter sido alvo, uma única vez, de história que envolva a própria sexualidade. Fiquei pensando que isso é bastante comum, sobretudo na adolescência. Lembrei de quando eu era adolescente e ficava excessivamente preocupada com*

*o que os outros pensariam sobre minhas atitudes. Além disso, lembrei das diversas situações constrangedoras que passei quando era amiga de meninas de fama ruim, ou seja, que não eram consideradas santinhas naquela época. Eu sofria, pois não pegava bem andar com meninas que não eram aceitas socialmente e, morando em uma cidade pequena, qualquer rumor era facilmente aumentado, qualquer inveja poderia gerar fofocas, ou seja, dificilmente alguém não teria essa fama em algum momento. Resumindo, ou éramos reprimidas sexualmente ou assumiríamos o risco de nos tornarmos mal faladas na cidade. Um horror!*

*Interessante notar que quem começa a causar a competição entre as amigas, na série, é o menino. Alex decide fazer uma lista em que coloca Hannah como a melhor bunda da escola. Muitos garotos acharam que aquilo poderia ser considerado um elogio, mas Hannah sentiu na pele ter sido objetificada daquela forma.*

**3. Fita para Alex, menino novato, ex-amigo de Hannah, que cria uma lista em que vota nela como a melhor bunda do colégio, no intuito de provocar ciúmes em Jessica, sua ex-namorada.**

*No terceiro episódio, começo a ter mais noção da gravidade do sofrimento de Hannah e de como algo aparentemente pequeno pode ser devastador. Trata-se da fita dedicada a Alex e da repercussão que a lista elaborada por ele e outros colegas teve na vida da protagonista. Hannah começa dizendo que sabe que muitas pessoas podem achar que ela exagera no sofrimento e eu me lembro de um campo que produzimos interpretativamente, em outro estudo, sobre o sofrimento da menina adolescente, abordando o filme “Bruna Surfistinha”<sup>15</sup>. Intitulamos esse campo como “Tempestade em copo d’água”, que seria organizado ao redor da crença de que o sofrimento da jovem seria caracterizado pelo exagero de suas*

---

<sup>15</sup> Assis, N. D. P., Melo, C. V., Oliveira, G. C., Carlos, H. G., Nardim, I., Nogueira, L. P., Corsetti, P. H. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). O imaginário coletivo sobre o sofrimento da menina adolescente no filme “Bruna Surfistinha”. In: L. S. de L. P. C. T. (Eds.). Anais da 14ª Jornada Apoiar Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Propostas E Pesquisas (pp. 343-360). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

*manifestações. Desde que fizemos essa pesquisa, comecei a prestar mais atenção na fala dos adultos, profissionais ou não, e até mesmo de adolescentes, quando se referem a problemas vividos nessa fase da vida. É impressionante constatar que muitas pessoas deslegitimam o sofrimento das jovens.*

*Após o suicídio, a mãe de Hannah tenta compreender melhor o que sua filha passou no colégio, pois diz não ter percebido nada de estranho. O diretor diz que só poderia conversar com Sra. Baker na presença do advogado. Logo percebemos que o colégio e alguns estudantes se esforçam para manter uma imagem de que estão fazendo o melhor possível diante da tragédia. Entretanto, seu posicionamento aparente soa de modo falso, superficial. A mãe de Hannah entra no banheiro feminino e fica horrorizada quando percebe a hostilidade expressa por frases tais como “fulana é uma vadia...”, “odeio ciclana”, etc. A aparente perfeição do colégio cai por terra, por exemplo, na cena em que uma estudante, Courtney, arruma um altar com flores e lembranças de Hannah e diz à mãe da aluna que ela tinha muitos amigos na escola. A mãe alega que qualquer amigo saberia que Hannah não gostava de rosas, pois achava muito clichê. Assim, por meio de sua fala, Courtney acaba revelando a superficialidade das relações entre os estudantes e entre todos, na escola, que se dizem preocupados com os alunos e suas famílias, quando, de fato, mal conseguem enxergá-los.*

*Outra adolescente que parece sofrer bastante é Jessica, abandonada pelo namorado que está perturbado. Justin não tem uma vida fácil, sua mãe é alcoolista e os vários padrastos, que já teve, são viciados em drogas. Vemos que quando ocorrem conflitos domésticos, o adolescente abandona a casa e busca abrigo na casa de Bryce, que é rico e parece ter uma família perfeita. Na verdade, Bryce não convive com os pais, que o deixam sozinho na casa grande e confortável, como um típico pobre menino rico que, no decorrer da trama, mostra-se o mais perverso de todos. A parte mais hostil no terceiro episódio ocorre quando Hannah vai a uma loja de conveniência comprar chocolates e lá encontra Bryce. Ele diz que vai pagar*

*seus doces, numa iniciativa aparentemente gentil, mas apertada sua bunda, sem preocupar-se com o que a moça sentiria. A garota sai aos prantos da loja, chora muito e diz que a partir do momento em que foi eleita a melhor bunda do colégio, passou a ser caçada, pois todos passaram a sentir-se no direito de olhar, avaliar, comentar e, por fim, agarrar a sua bunda, como se esta parte de seu corpo fosse um objeto, como se ela não fosse uma pessoa. Senti nojo, senti raiva, bem como vontade de dar uma surra em Bryce. Pior ainda foi perceber que, assim como Clay, há alguns anos eu provavelmente acharia que ser reconhecida por ter um belo corpo poderia soar como um elogio. Outra personagem que foi votada por ter a boca mais bonita ficou visivelmente lisonjeada e, aparentemente, não sofreu por conta disso. Talvez isso revele que muitas de nós estamos acostumadas a ter nosso corpo como mercadoria. Investimos nele, escolhemos roupas, maquiagens, saltos, pintamos o cabelo, etc, para agregar valor à aparência. Parece que há uma divisão: enquanto, por um lado, uma garota que é considerada certinha é elogiada ela fica lisonjeada, do outro lado, uma garota que tem fama de vadia e recebe o título de melhor bunda, peitos ou pernas, pode se sentir humilhada, pois aos olhos dos outros ela é vulgar ou provocativa. Hannah ilustra bem como uma garota pode se sentir quando tem sua vida íntima comentada pelos outros: sente-se invadida e não se reconhece como aquela garota de que falam os demais, pois o que contam a seu respeito são, essencialmente, mentiras. Em outro momento, ela diz a Clay que uma garota jamais faria uma lista como aquela, um ato típico de homens. Eu concordei.*

*Alex, por fim, parece ter se arrependido da lista e confessado que quis apenas colocar Hannah contra Jessica, pois ficou muito bravo pelo fato de Jessica não querer ter relações sexuais com ele. A velha tática de colocar uma amiga contra outra funcionou, mas Alex acaba se sentindo extremamente culpado, pois considerou que se Hannah ainda tivesse a amizade de Jessica, talvez ela não se suicidasse.*

**4. Fita para Tyler, estudante e fotógrafo da escola que persegue Hannah, invadindo constantemente sua privacidade.**

*Começo a pensar que quase todos os adolescentes têm algum nível de paranoia. Mas, em seguida, no quarto episódio, Hannah fala algo interessante, que somos uma sociedade curiosa, que bisbilhota a vida dos outros, somos todos perseguidores via internet. Como não ficar paranoico nessa situação? Ela revela ainda o quão grave é perceber-se sendo perseguida para além da vida virtual. E então nos deparamos com o intenso sentimento de medo vivenciado pela personagem, que foi ficando assustada por perceber que estava sendo vigiada. Courtney, sua colega da escola, oferece-se para ajudá-la a pegar o perseguidor.*

*Enquanto a escola organiza palestras sobre possíveis sinais que podem indicar que o adolescente esteja sofrendo, a mãe de Hannah se depara com os comentários hostis escritos nos banheiros. Os pais dos alunos ficam preocupados e perguntam para o diretor se seus filhos estão sofrendo bullying na escola. O diretor diz que, se comparado a outras escolas do país, eles não têm esse problema. Fiquei irritada com o diretor e conselheiro da escola e a forma protocolar, engessada e insensível com que agem. Parece haver certo esforço em não se envolverem realmente com o drama dos jovens. É nítido que existe bullying, opressão, discriminação e vários outros problemas na escola, assim como existe na sociedade de forma geral. Quando o diretor entra no banheiro dos alunos leva um grande susto por perceber tanta sujeira. Penso que entrar no banheiro pode ser análogo a começar a conhecer a intimidade dos alunos, uma vez que havia enorme distanciamento entre esses e o diretor, questão que a mãe de Hannah denuncia. Por outro lado, percebo que deve ser realmente difícil lidar com essas questões, pois a escola necessita estabelecer alguns limites. Enfim, predomina uma sensação de impotência por não encontrar equilíbrio em relação ao que a escola deve ou não fazer.*

*Voltando à personagem Courtney, ela ilustra muito bem como a adolescente sofre muitas vezes de forma sufocada, pois, aparentemente, ela é uma aluna ótima, boa filha, popular, rica e bem relacionada com outros colegas e professores. Mas sente, intimamente, que não pode se assumir como homossexual, questão que procura ocultar na vida cotidiana. Interessante é que Courtney é filha adotiva de um casal homoafetivo e, justamente por isso, não quer assumir ser lésbica por temor de decepcioná-los, pois poderiam pensar que a influenciaram. A grande questão desse episódio é que Courtney e Hannah bebem um pouco na noite em que preparariam uma armadilha para descobrir quem era o perseguidor de Hannah e acabam se beijando durante uma brincadeira. O perseguidor, Tyler, aluno e fotógrafo da escola, assiste e fotografa a essa cena, espalhando pela escola. Courtney fica com medo de ser descoberta e decide se afastar de Hannah. Além disso, piora os rumores sobre a protagonista ser lésbica. Por fim, ninguém descobriu que a foto era de Hannah e Courtney e, ironicamente, Clay aparece em uma cena usando a foto para masturbar-se, sem imaginar quem seriam as duas garotas. Assim que descobre, por meio da fita, que Hannah era uma das meninas na foto, sente culpa e deleta a imagem. Esse episódio mostra como as mulheres são objetificadas na pornografia, bem como o fetichismo que envolve lésbicas. Parece ser algo frequente e comum, tendo em vista que até mesmo Clay, um adolescente tímido e bonzinho, usa desse artifício para se satisfazer sexualmente.*

*Nem consegui sentir raiva de Courtney, pois vi que ela não passa de uma grande vítima das expectativas sociais, dos pais e das colegas, de modo que só consegui ver ali uma menina desesperada por não ser descoberta, fazendo esforços frenéticos para manter uma aparência perfeita, que apenas sufocava quem ela realmente era. Deve ser realmente muito triste viver – ou representar – assim.*

*Hannah decide se vingar de Tyler pedindo para que todos os que ouvissem as fitas também o observassem e atirassem pedras em sua janela. De fato, eles fizeram isso, e Clay*

*ainda consegue tirar uma foto do garoto nu. Hannah revela que Tyler a deixou paranoica e por isso gostaria que ele sentisse o mesmo. Pela primeira vez eu vejo alguma perversidade em Hannah. Sei que muitas pessoas acharam-na maldosa por ter deixado fitas em que culpabilizava outras pessoas pelo seu ato drástico. Mas, mesmo assim, eu ainda não tinha sentido que Hannah seria uma garota cruel. Nesse episódio eu percebo que, em sua vingança, revela-se uma pessoa mais ativa, vingativa e menos tonta, boazinha e submissa...*

**5. Fita para Courtney, estudante bem popular, que não se assume lésbica e espalha boatos de Hannah.**

*Os pais de Hannah vão aparecendo aos poucos na série e, ao que tudo indica eram pessoas bacanas e carinhosas, embora não muito envolvidos com os dramas da adolescente. Por outro lado, seu pai se mostrou bem sensível quando trocou seu carro por um novo para que ela fosse melhor aceita por colegas da escola. Mais uma vez percebemos a superficialidade das relações, pois um carro novo a deixaria mais sedutora e incluída entre as colegas. Na verdade, seus pais haviam mudado de cidade no intuito de um novo começo. Eles tinham uma farmácia pequena e se esforçavam para não serem engolidos por uma rede de farmácias mais poderosa. Penso que se sentiam oprimidos e ameaçados, assim como Hannah, mas por motivos distintos. Aqui percebo um imaginário organizado ao redor da ideia de que quem tem mais dinheiro oprime quem tem menos. Na verdade, quem tem mais dinheiro tem mais poder, e é nessa lógica que Bryce oprime Justin. Após o suicídio de Hannah, as pessoas começam a evitar sua família, o que os motivou ainda mais a prosseguir na busca das razões do suicídio e dos culpados pela morte da filha.*

*Clay começa a ter pesadelos e sua vida vai ficando muito prejudicada enquanto escuta as fitas de Hannah. Ele tem dificuldades em ouvi-las, demora bastante e vai ficando realmente perturbado. Tom é outro personagem cujo sentido de sua participação ficamos sem entender*

*até o final da série, mas ele está constantemente vigiando Clay. Entretanto, seus pais não se dão conta de sua situação, pois somente após Clay parar de tomar banho e se tornar mais esquivo é que seu pai percebe e assume que o filho está passando por conflitos. Na verdade, Clay não consegue parar de imaginar como seria se, em cada situação em que esteve com Hannah, tivesse feito aquilo que realmente tinha tido vontade de fazer, ou seja, declarar seu amor, beijá-la, abraçá-la, enfim, tomar inúmeras atitudes que a timidez, o medo ou embotamento afetivo o impediram. Surpreendentemente, Clay e Hannah dançam juntos na noite do baile, momento em que facilmente se pensa que um beijo pode acontecer. Entretanto, logo são interrompidos pela amiga – ou ex-amiga - Jessica, que estava bêbada. Além disso, outro garoto diz à Hannah que Courtney espalhou que ela havia feito sexo oral em Justin e que este a tinha masturbado com os dedos. Hannah ficou ainda mais arrasada e o clima de romance se transformou em mais uma vivência de decepção e traição.*

**6. Fita para Marcus, estudante que convida Hannah para sair e a expõe diante de outros colegas, assediando e constrangendo-a.**

*No sexto episódio, Hannah narra que começa a se dar conta de que estava gostando de Clay de uma forma diferente. Ela percebe isso quando faz uma brincadeira que inclui uma outra lista incluindo as características de um namorado ideal, algo que faz parte de um jogo para o dia dos namorados. No entanto, ocorre um desencontro, pois Clay aceita a ajuda de um colega popular para que se torne mais atraente na lista. Assim, Hannah aparece na lista de Marcus Cole, um garoto que parecia ser bacana e que ela admirava. Ele a convida para sair, mas acaba sendo extremamente inconveniente, pois, acreditando que ela seria uma garota fácil, ele a desrespeita no encontro, assediando-a e expondo-a ao ridículo perante seus amigos. Assim, faz com que ela se sinta extremamente abusada, culpada, solitária e infeliz. Fiquei surpresa, pois a minha expectativa era que Hannah e Marcus se dessem bem e até*

*começassem a namorar. Acho que ainda não me desvencilhei da ideia romântica de que um amor poderia amenizar o sofrimento da menina. Noto que a série me deixa decepcionada com os garotos, irritada com Hannah e, por fim, frustrada comigo mesma por esperar frequentemente um final feliz na base do viverem felizes para sempre... Certamente Hollywood nos deixou mal-acostumados com os happy endings e, quando precisamos encarar algo que vai contra nossas expectativas, ficamos frustrados. Penso que talvez por isso eu goste de filmes franceses, pois, jamais começo a assisti-los esperando um final feliz. Percebo que já me preparo, diante do cinema francês, para histórias dramáticas e mais reais, ainda que sejam romances ou comédias.*

*Alex briga com um aluno e acaba simbolizando as incongruências da escola, que tem um conselho para defender alunos, mas que é predominantemente formado por opressores e cínicos. Seu pai é policial e estimula muito os estereótipos de gênero, dizendo que ele precisa ser viril, forte e briguento. No fundo, eu acho que ele é um cara sensível, oprimido também pelo pai.*

*A mãe de Hannah busca incessantemente pelas razões do suicídio e aponta que, se eles não estivessem tão preocupados com a farmácia e seus problemas financeiros, poderiam ter enxergado o sofrimento da filha. O pai se irrita e rebate dizendo que se não tivessem mudado de cidade ela continuaria em uma escola gigante e impessoal repleto de meninas malvadas, dando a entender que ela já sofria bullying – ou que era excluída – em sua outra cidade.*

*Skye é outra personagem emblemática – só se veste de preto, tem várias tatuagens, usa correntes e está sempre sozinha. É uma adolescente mais sombria, que costuma ser ríspida com Clay, de quem antes era amiga próxima. Ela o critica por sair com uma cheerleader, indicando que esperava que ele não fosse fútil. Depois, vamos perceber que Skye se automutila e justifica que faz isso para não se matar, pois se fosse fraca se suicidaria como Hannah. Fiquei instigada com essa fala, pois, aparentemente, a automutilação seria o momento em que*

*a jovem que sofre se sentiria forte, pois conseguiria encontrar uma saída que aliviasse o sofrimento. Fiquei pensando a ideia de eliminar um sintoma, por meio do qual a adolescente pode obter uma sensação de força, pode ser algo perigoso, na medida em que a automutilação poderia estar prevenindo algo pior. Por outro lado, como deixar que as meninas continuem se cortando? Como aceitar um sintoma tão perigoso? Angustio-me novamente por não ter respostas...*

*Jessica, percebendo que seu namorado Justin está com problemas, tenta compensar seduzindo-o para que transem. Ele não responde bem e a empurra. Começo a notar que essa moça não lida bem com angústias e que parece usar da sexualidade como forma de aliviar problemas. Percebo, também, que ela já sofre violência no namoro, pois é ignorada, ridicularizada e agora também empurrada, conduta que anuncia a violência física. Jessica bebe muito e começa a fazê-lo escondido, antes de dormir, para ir para a escola, etc. Questiono-me sobre quais outras angústias ela tentaria camuflar com a bebida...*

*Em outro momento, a mãe de Clay, advogada que vai defender a escola, vai conversar com o filho e lhe pergunta se está sofrendo bullying na escola. Ele ri, ironicamente, e indaga à mãe se já parou para pensar que ele pode ser o agressor. Ela diz que não, pois sabe que ele é um bom garoto, ao que o filho retruca declarando que talvez não existam bons garotos. A meu ver, Clay resumiu, nessa frase, o que eu já estava sentindo, pois em uma sociedade desigual, até mesmo o cara mais bacana e respeitoso pode apresentar atitudes machistas.*

*Algo que prendeu muito a minha atenção na série foi a trilha sonora. Ela é envolvente, interessante e faz com que eu sinta que estou ouvindo-a com fones de ouvidos, talvez por conta das oscilações propositais de volume. É impossível não lembrar da minha adolescência, especialmente quando fui fazer intercâmbio no Canadá, pois precisava fazer amigos para me adaptar na escola e ficar bem durante cinco meses. Eu não estava apreensiva nem ansiosa em relação a isso, pois nunca tive dificuldades em conhecer pessoas e sempre fui extrovertida. No*

*início, conheci alguns colegas e me enturmei, mas, com o tempo, comecei a me sentir sozinha, com saudade dos amigos brasileiros e achava as relações da escola superficiais. Nessa fase, ouvir música aliviava um pouco a minha sensação de estar só. Eu me lembrava dos motivos pelos quais eu estava morando em outro país. Interessante perceber hoje que eu não admitia essa solidão, pois, na minha fantasia, eu não poderia sofrer se estava vivendo algo tão maravilhoso e que tinha sido escolha minha. Era como se eu cobrasse de mim mesma gratidão incessante e sufocasse todo e qualquer problema que passasse lá fora.*

*A trilha sonora também me faz lembrar de como eu sofria por amores não correspondidos e ignorava os garotos que gostavam de mim. Também lembro dos complexos em relação ao meu corpo e da constante comparação que eu e minhas amigas fazíamos sobre nossas aparências: “Fulana é muito magra”, “Beltrana deveria cortar o cabelo”, “Nossa, quanta celulite tem a Ciclana!”, “Ela precisa se depilar”, etc, etc, etc... Quanta judiação fazíamos umas com as outras!*

**7. Fita para Zach, garoto bonito, atlético, que fica revoltado quando Hannah recusa a sua companhia, por conta das experiências ruins pelas quais havia passado.**

*No sétimo episódio, Hannah informa algumas estatísticas sobre solidão. Ela narra que somos seres sociais e que até mesmo uma interação pequena pode ajudar a vida de uma pessoa. Começa, então, a contar que, na aula de comunicação, existia um sistema que permitia que os alunos trocassem recados ou elogios entre si. Hannah verificava, todos os dias, se alguém lhe deixaria alguma mensagem, pois dizia se sentir menos só quando recebia algum bilhete. Surpreendentemente, conta que Zach tinha sido gentil na noite em que Marcus abusou dela. Zach também era da turma dos populares, mas, diante de tudo que Hannah havia sofrido, ela só conseguiu ser ríspida com ele, principalmente depois de dizer que gostava dela por muitos outros motivos e não apenas porque ela tinha uma linda bunda. Como ele não estava*

*acostumado a ser rejeitado, começou a tratá-la mal e a fazer desaparecer os bilhetes que eram tão importantes para ela. Hannah finaliza dizendo que acha que Zach também se sente solitário, um tipo de solidão derivada do fato das pessoas não conseguirem ver bem quem ele é, completando com a declaração de que também vivencia esse tipo de sensação.*

*Na aula de comunicação, Hannah escreve um bilhete anônimo, destacando que talvez o melhor de evitar sofrimento emocional seja não sentir coisa alguma. Penso que ali ela já estava flertando com a ideia de colocar um fim em sua vida.*

*Clay começa a ter alucinações e vê Hannah ensanguentada na quadra do colégio. Ele decide se vingar de Zach e risca seu carro caro. Percebo que, conforme ele ouve as fitas nas quais Hannah narra seu sofrimento, Clay começa a sentir raiva e sair a da posição passiva que ficou tanto tempo. Vivenciando a própria raiva, Clay comporta-se de modo vingativo e parece estar mais vivo, menos apático do que antes. Se de um lado percebemos que Hannah usa Clay para se vingar dos colegas, de outro Clay parece viver uma experiência de libertação quando expressa a raiva até então reprimida. Será que, inconscientemente, ao preparar as fitas com suas narrativas, não estaria Hannah tentando salvar Clay da sua condição meio zumbi?*

#### **8. Fita para Ryan, estudante homossexual que publica o poema de Hannah sem o seu consentimento.**

*No oitavo episódio, Hannah percebe que não tem média escolar suficiente para ganhar bolsa e ir à uma universidade de referência. No entanto, ela se interessa por um grupo de poesias e começa a frequentá-lo. Ela considera, no início, que parecia um grupo de apoio ou alcoólicos anônimos. Por ser apaixonada por poesia, senti que algo muito belo poderia surgir se ela começasse a se expressar pela escrita. Aliás, penso que ela poderia começar a compreender melhor o que sente, sentir-se bem por fazer parte de um grupo e, talvez, elaborar*

*alguns de seus conflitos. Nesse momento percebo que apesar de saber o fim da série, tenho a esperança de que ela não morra, que seja apenas uma simulação para que todos se conscientizassem sobre o sofrimento dos jovens daquela escola.*

*Hannah conta para sua mãe sobre suas dúvidas em relação à escolha profissional e ela é bem acolhedora, aconselhando-a a se permitir sonhar um pouco e a escolher o que ela quiser... As duas conversam, riem, contam histórias... fico pensando que o filme retrata uma mãe bacana, otimista e que oferece abertura para que Hannah conte seus problemas. Daí lembro que em outro momento, Hannah diz que sua mãe jamais saberia como ela se sentia na escola, por ter sido popular quando jovem. O pai confirma a frase de Hannah e me faz crer que talvez a menina sinta um pouco de vergonha de contar para sua mãe que não consegue ter amigos, vale dizer, vergonha por não ser como a sua mãe era na adolescência.*

*Ryan é um garoto homossexual que também participa do grupo de poesias. Ele é responsável por uma revista que circula na escola e Hannah não gosta dele, pois se lembra que divulgou a lista em que foi eleita como a melhor bunda. No entanto, emociona-se quando ouve a poesia de Ryan e os dois começam a interagir. Ela se abre com ele, mostra seus antigos diários, pois quer escrever tão bem como ele e fazer com que os outros sintam o que ela sente também. Depois de um tempo, Hannah escreve o seguinte poema:*

*Today I am wearing lacy black underwear*

*For the sole purpose of knowing I am wearing them.*

*And underneath that?*

*I am absolutely naked.*

*And I've got skin. Miles and miles of skin;*

*I've got skin to cover all my thoughts*

*like saran wrap that you can see through*

*to what leftovers are inside from the night before.*

*And despite what you might think, my skin is not rough; nor is it bullet proof.*

*My skin is soft, and smooth, and easily scarred.*

*But that doesn't matter, right?*

*You don't care about how soft my skin is.*

*You just want to hear about what my fingers do in the dark.*

*But what if all they do is crack open windows?*

*So I can see lightening through the clouds.*

*What if all they crave is a jungle gym to climb for a taste of fresher air?*

*What if all they reach for is a notebook or a hand to hold?*

*But that's not the story you want.*

*You are licking your lips and baring your teeth.*

*Just once I would like to be the direction someone else is going.*

*I don't need to be the water in the well.*

*I don't need to be the well.*

*But I'd like to not be the ground anymore.*

*I'd like to not be the thing people dig their hands in anymore.*

*Some girls know all the lyrics to each other's songs.*

*They find harmonies in their laughter.*

*Their linked elbows echo in tune.*

*What if I can't hum on key?*

*What if my melodies are the ones nobody hears?*

*Some people can recognize a tree,*

*A front yard, and know they've made it home.*

*How many circles can I walk in before I give up looking?*

*How long before I'm lost for good.*

*It must be possible to swim in the ocean of the one you love without drowning.*

*It must be possible to swim without becoming water yourself.*

*But I keep swallowing what I thought was air.*

*I keep finding stones tied to my feet<sup>16</sup>.*

*Li e reli seu poema algumas vezes e fiquei com a sensação de que Hannah era uma garota com desejos infantis, pois queria um amor ingênuo e romântico, mas foi vista como um objeto sexual. Quando diz “Deve ser possível nadar sem se tornar água”, parece relatar sua dificuldade em não se misturar e confundir com o outro. É difícil para ela ser julgada, pois*

---

<sup>16</sup> Hoje eu estou usando lingerie preta rendada  
 Só pelo propósito de saber que estou usando  
 E por baixo dela, eu estou absolutamente nua  
 E eu tenho pele  
 Milhas e milhas de pele  
 Tenho pele para cobrir todos os meus pensamentos como filme plástico  
 Pelo qual pode ver o que restou da noite anterior  
 E apesar do que possa pensar  
 Minha pele é macia, suave  
 E facilmente marcada  
 Mas isso não importa, certo?  
 Você não se importa com o quão macia minha pele é  
 Você só quer saber o que meus dedos fazem no escuro  
 Mas e se tudo que eles fizerem for escancarar janelas,  
 Para que eu possa ver a luz através das nuvens?  
 E se tudo que anseiam é um trepa-trepa para subir e sentir o ar puro?  
 E se tudo que eles alcançam é um caderno para escrever ou uma mão pra segurar?  
 Mas essa não é a história que você quer  
 Você está lambendo seus lábios e rangendo seus dentes  
 Só uma vez, eu gostaria de ser a direção para a qual alguém vai  
 Eu não preciso ser a água na fonte  
 Eu não preciso ser a fonte  
 Mas eu não gostaria de ser o chão novamente.  
 Eu não gostaria de ser a coisa que as pessoas cavam procurando algo que elas possam possuir.  
 Algumas garotas sabem as letras das canções uma das outras  
 Encontram harmonias em seus risos  
 Seus cotovelos ligados ecoam em sintonia  
 E se eu não conseguir cantarolar?  
 E se minhas melodias forem as únicas que ninguém ouve?  
 Algumas pessoas podem reconhecer uma árvore  
 Um quintal, e saber que transformaram isso em um lar  
 Quantas vezes eu tenho que andar em círculos até que desista de procurar?  
 Quanto tempo até que eu me perca para sempre?  
 Deve ser possível nadar no oceano que você ama sem se afogar  
 Deve ser possível nadar sem se tornar água  
 Mas eu continuo engolindo o que pensei que era ar  
 E continuo encontrando pedras amarradas aos meus pés”

*não tem ainda segurança de quem é, parece precisar da opinião do outro – que tem sido constantemente cruel e mentirosa – para ser e existir de verdade e a sua necessidade de aprovação vai engolindo-a aos poucos.*

*Ryan publica seu poema na revista da escola sem que Hannah permitisse. Ela se sente exposta novamente e traída. Quando todos riram do poema, só consegui pensar naquele ditado “Não jogue pérolas aos porcos”. Senti certa náusea quando me coloquei no lugar de Hannah. Sinto irritação por conta da reação dos colegas, da insensibilidade generalizada, do deboche dos sentimentos alheios...É preocupante tamanho descaso.*

*Sendo levado por Tony para escalar, Clay passa por perigos e se sente mais vivo. Parece que por meio de um esporte radical, da vingança, da raiva, Clay sai de uma condição “morto-vivo” e passa a sentir seu sangue correndo pelas veias.*

**9. Segunda fita para Justin, primeiro garoto que decepcionou Hannah após espalhar fotos e boatos sobre o primeiro beijo da garota. Depois, virou namorado de Jessica.**

*O nono episódio é um dos mais polêmicos, pois nele ocorre a primeira cena de estupro. Só aí me dou conta que o nome da escola é “Liberty Highschool” e penso na ironia, pois muitos jovens sentem-se extremamente presos por conta das opressões dos colegas. Por outro lado, penso, também, que o nome da escola faz sentido porque o estuprador, estudante cuja história contarei mais adiante, está livre e os adolescentes que acabam sendo cruéis não são responsabilizados por seus crimes.*

*Hannah conta que durante o período de férias não pôde viajar, então continuou trabalhando. Ela narra então a esperança de um novo começo, de se desvencilhar do passado constrangedor vivido na escola, dizendo que vai começar a ser mais esperta e mais forte, pois acredita que não pode mudar os outros, mas consegue mudar a si mesma. Como consequência desse pensamento, decide cortar o cabelo. Achei sua conduta interessante, pois é comum*

*perceber que muitas pessoas mudam algo na aparência como forma de expressar alguma mudança de hábito ou de ideia. Lembrei-me da cantora Britney Spears<sup>17</sup> que, há uns dez anos, quando se cansou da perseguição constante de inúmeros paparazzi, decidiu raspar a cabeça. Eu era muito fã dela na adolescência e lembro de ter ficado super assustada com aquele ato. Hoje considero que tenha sido uma das primeiras vezes que a cantora conseguiu fazer algo por conta própria, pois, como muitas artistas jovens de sucesso, era apenas uma boneca, uma marionete, a quem cabia seguir o script, ser o que os outros desejavam, vender o que os outros estariam dispostos a comprar, sem ter vontade própria, vivenciando... uma verdadeira despersonalização. Novamente me vem à cabeça a expressão “Pobre menina rica”.*

*Jessica é outra menina rica que sofre muito e não consegue parar de beber. Ela leva vodka para a escola e logo cedo já não está mais sóbria. Organiza uma festa em sua casa e muitos alunos da escola vão. Hannah manifesta que só vai à festa por receio de perder Clay. Na verdade, a moça tenta dar indiretas para que seus pais a proibam de ir, mas, contrariamente ao esperado, seus pais a incentivam a sair de casa. Interessante que seu pai se surpreende quando vê Hannah de cabelo cortado, o que o faz lembrar-se da filha quando criança. Tenho a impressão de que a jovem quer resgatar alguma inocência, alguma representação de pureza, que teria sido perdida por conta de tantos boatos que a retrataram como uma garota vulgar. Ela acredita que pode ser mais feliz se parar de andar com as pessoas erradas e começar a andar com a pessoa certa, vale dizer, com Clay. Mesmo ambivalente, Hannah vai à festa e, inicialmente, sente-se encaixada, pois as pessoas a recebem bem. Ela e Clay conversam, flertam e parece que algo mais romântico pode acontecer. Ela narra que pela primeira vez, em muito tempo, não se sentia invisível e manifesta intensa preocupação por não estragar tudo, uma vez que se sentia feliz.*

---

<sup>17</sup> A notícia sobre a cantora pop ter raspado a cabeça circulou em diversos sites e revistas nacionais e internacionais: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u68592.shtml>>.

*Por algum motivo, que será explicado mais para frente, Hannah esconde-se no quarto de Jessica e testemunha seu estupro. Jessica estava completamente bêbada e quase desacordada. Seria esperável que Justin, seu namorado, quisesse ter relações sexuais com ela, mas é Bryce quem entra no quarto e acaba violentando a garota. Hannah conta que ficou paralisada e não conseguiu ajudar a amiga. Ela sentiu medo e Justin consentiu, pois também é oprimido e empurrado por Bryce, que diz a Justin “O que é meu é seu, certo?”. É em sua casa que Justin se esconde quando sua mãe está drogada e seus padrastos o agridem.*

*Hannah teve uma reação de vômito quando Bryce saiu do quarto e despencou a chorar, cobriu Jessica e pediu desculpas. Fiquei arrepiada só de pensar em como isso ocorre frequentemente. Lembrei de uma conhecida que me contou que se sentiu extremamente mal e até mesmo suja, uma vez que estava bêbada e disse ao garoto, com quem ficava que não queria ter relações sexuais. Quando ela acordou, percebeu que o cara tinha feito sexo com ela, sem consentimento. Ela se sentiu culpada por estar bêbada, ficou horrorizada e nunca mais conversou com ele. Que raiva! Ele jamais foi denunciado pelo estupro, mas certamente as marcas emocionais não serão apagadas de sua memória. Assim como ela, lembro-me de já ter ouvido histórias parecidas em rodas de conversas com amigas. Recentemente a jornalista Clara Averbuck<sup>18</sup> relatou ter sido estuprada por um motorista, enquanto voltava de uma festa para casa. Ela escreveu, em sua coluna, um texto muito interessante contando que não era “A vítima perfeita”, pois tinha bebido, usava roupa curta e não estava voltando da igreja, como muitas outras vítimas. A jornalista conta que apesar de estar sofrendo muito não iria se culpar por ter bebido, como é “cobrado” socialmente da vítima. Fiquei completamente chocada com a situação, pois uma mulher pode optar por sair à noite, beber e não dirigir, pois chamará um motorista para não arriscar a própria vida e a de outras pessoas. Por outro lado, quem garante*

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/claraaverbuck/2017/08/31/clara-averbuck-vitima-perfeita/>>.

*que o motorista não vai abusar dela? Ninguém. Não há garantias. Clara Averbuck escreve que o mundo é um péssimo lugar para ser mulher. Essa frase me entristece profundamente, mas é difícil não concordar com ela.*

*A omissão de Hannah piorou ainda mais o seu sofrimento. Sofrer calada parece ter feito com que ela implodisse emocionalmente. Clay faz um esforço para que Jessica saiba da verdade, mas Justin acha melhor não contar. No entanto Jessica começa a se lembrar de alguns flashes e fica extremamente triste e assustada.*

#### **10. Fita para Sheri, garota simpática e popular que omite ter derrubado uma placa de “Pare”, situação que gera um acidente fatal.**

*No décimo episódio, Hannah aceita carona de Sheri para ir embora. Ela derruba uma placa de “Pare”, mas não quer chamar a polícia, pois fica com receio da punição de seu pai. Em seguida, Hannah sai à procura de um telefone para avisar a polícia, mas fica sabendo que houve um acidente na esquina em que a placa foi derrubada. O acidente ocasionou a morte de Jeff, um amigo de Clay, e Hannah novamente se sente culpada. Acredito que a culpa por não ter contado a ninguém sobre o estupro de Jessica acabou piorando todos os outros acontecimentos que foram surgindo, pois Hannah esteve envolvida direta ou indiretamente. Aqui começo a achar Hannah muito aut centrada, pois não é possível viver bem e se sentir responsável por tudo de ruim que acontece na vida dos outros. Sheri sofre por esconder um erro e tentar seguir sua vida sem que o segredo venha à tona. Percebo que parece haver um sofrimento compartilhado entre os adolescentes relacionado a um viver submisso, medroso, contido, como se não pudessem decepcionar os pais ou simplesmente errar.*

*Hannah tenta contar para Clay sobre o acontecimento da placa, mas ele é hostil com ela, pois não compreende porque ela está chorando se nem era amiga de Jeff. Ela tenta novamente convencer Sheri a contar sobre tudo que ocorreu, mas, mais uma vez, recebe, como*

*resposta, o afastamento da colega. Puxa vida! Tentar ser bacana e coerente acarreta em solidão? As pessoas se afastam apenas por medo de serem descobertas? Que fragilidade de vínculo é essa? Mais uma relação superficial para a conta de Hannah.*

*Jessica provoca Bryce para fazer ciúmes em Justin e o leva até sua casa para, como se diz, ficarem doidos. Ela mostra uma arma meio na brincadeira, dando a entender que também pode ser perigosa e que sabe como se defender. Bryce fica visivelmente amedrontado. Senti que ela poderia atirar nele como que sem querer e, na realidade, torci muito para que isso acontecesse. Sentiria algum alívio, como se a justiça fosse feita. Percebo que eu quero que ele sofra, quero vingança e demoro a lembrar que ele também é vítima de alguma forma – da criação machista, por não ter supervisão dos pais, por precisar oprimir para ser alguém. Ele deve ser o mais infeliz de todos. De que adiantaria ele levar um tiro? O problema não seria resolvido... existem vários outros Bryces por aí!*

**11. Fita para Clay, garoto tímido, que relata ter sido alvo de bullying no passado por suspeitas sobre possível homossexualidade, mas que, de fato, gosta de Hannah.**

*Hannah tem consciência de que sente culpa e raiva, muita raiva, do mundo e de si mesma. No décimo primeiro episódio, finalmente, chegamos à fita de Clay. Ele hesita e apresenta imensa dificuldade em ouvi-la. Tony oferece suporte para Clay sempre que percebe a sua dificuldade. Penso que ele pode querer compensar a ausência de suporte que ofereceu à Hannah.*

*No início da fita, ela relata que admira Clay, pois o considera autêntico e bem resolvido, diferentemente dela, que vive preocupada com o que os outros pensam. Interessante notar que não é bem assim, pois Clay é extremamente preocupado e ansioso com inúmeros detalhes e é nítido o seu receio de ser ridicularizado. Os dois começam a conversar de forma mais íntima na festa e fica claro o interesse mútuo. Ela tenta várias vezes se aproximar para*

*beijá-lo, mas ele fica hesitante. Os dois entram no quarto de Jessica para terem mais privacidade e, finalmente, ele a beija.*

*Hannah se sente muito feliz e realizada e começa a imaginar os dois caminhando juntos no corredor do colégio e sendo admirados pelos colegas. Imagina, também, os dois sorridentes conversando com sua mãe, fantasiando, enfim, uma vida perfeita ao lado de Clay. Ambos começam a ficar mais ofegantes, ele pergunta se ela está bem e ela diz que sim, então começam a tirar a roupa, indicando que fariam amor. Fiquei emocionada! Finalmente aquela menina estava feliz...No entanto, ela se lembra das últimas situações traumatizantes em que foi exposta, ridicularizada e alvo de rumores maldosos. Hannah grita, pede para ele parar e sente raiva de Clay, como se ele representasse todos os homens que tinham feito mal a ela até então. Sente-se dividida, mandando-o embora do quarto. Para Hannah, o grande erro de Clay foi ter-lhe obedecido e se afastado, sem insistir para ficar ao lado dela. Depois disso, Jessica entra no quarto com Justin e Hannah se esconde e acaba presenciando Jessica ser estuprada por Bryce.*

*Hannah diz na fita que ele não deveria ser citado, pois ele não seria tão responsável como os outros pelo seu suicídio. Mas que seria importante ouvir sua parcela na história para que tudo fizesse sentido. Compreendi Hannah quando ela expulsou Clay do quarto, mesmo desejando sua presença. Sei que meninas podem fazer isso de fato... Hoje consigo enxergar a situação de Clay e perceber que é difícil ficar ao lado de uma pessoa que, estando machucada, está sendo hostil... Afinal, ele era apenas um garoto e não seu terapeuta. Mas Clay se sentiu culpado e imaginou o que teria acontecido se tivesse conseguido confessar que estava apaixonado por ela e que não iria deixá-la chorando sozinha. Quantas vezes não sentimos culpa por conta da ilusão de onipotência? Juramos que algum acidente poderia ser evitado se estivéssemos presentes na situação, pensamos que alguns familiares não entrariam em depressão caso fizéssemos algo diferente ou imaginamos que o nosso amor poderia salvar*

*alguém. Qual a medida entre ser cuidadoso na relação sem ser invasivo ou negligente? Não existem fórmulas...*

*As verdades em relação ao estupro vivido por Jessica começam a surgir e Justin, sentindo-se enciumado, briga com Bryce, deixando-a arrasada. Imaginei como seria a sensação de descobrir que algo assim ocorreu. Como seria saber que um colega teria se aproveitado da minha vulnerabilidade daquela forma? Parece que o corpo da adolescente é terra de ninguém e por isso pode ser invadido e explorado facilmente. Por fim, a moça rompe com Justin, que foge da cidade, com o apoio de Bryce.*

## **12. Fita para Bryce, garoto rico, um pouco mais velho que os demais, que estupra Jessica e Hannah.**

*Já quase no fim da série, a mãe de Hannah encontra em suas coisas a lista com os nomes de alguns colegas e, por esse motivo, todos os nomes incluídos na lista teriam que depor à justiça. No episódio 12, lembro do choque que senti quando vi que Hannah também havia sido estuprada. Assistindo pela segunda vez, me dou conta de que a cena inicial é sobre o seu estupro, algo que não tinha percebido até então.*

*Em seguida, uma cena que parece inofensiva me chama a atenção. Os pais de Hannah recebem uma carta de despejo por conta de uma dívida. Hannah oferece as economias que seriam para sua futura faculdade, mas a mãe não quer e diz que vai tentar conversar com o proprietário usando o seu charme pessoal. Novamente algo tão frequente, e, aparentemente inocente, surge, pois usar a beleza ou o carisma para seduzir e resolver um problema parece ser algo comum, banal e até mesmo divertido. Hannah se oferece para fazer um depósito no banco e acaba perdendo uma quantia alta de dinheiro de seus pais, o que a faz sentir-se perdida e ainda mais culpada. Ela começa a pensar como a vida de todos seria melhor sem*

*que ela existisse. Antes disso, tenta conversar com Clay, mas o rapaz está frio e indisponível para comunicação.*

*Para se distrair, Hannah sai à noite para caminhar e vai parar na casa de Bryce, onde havia uma festa. Lá chegando, é bem recebida por todos. Vestindo apenas peças íntima, Jessica estava com alguns colegas numa jacuzzi. Sendo convidada, Hannah entra na água e, olhando para o céu, experimenta uma sensação de paz. Entretanto, passado algum tempo, dá-se conta de que todos tinham ido embora e que está sozinha com Bryce, que começa a assediá-la. Sem conseguir escapar nem reagir, a moça é violentada pelo rapaz, que aparentemente interpreta seus gemidos de dor como expressão de prazer. Entretanto, Hannah revela, na gravação, que naquele momento já estava se sentindo morta, talvez o motivo pelo qual não tenha conseguido se defender. Ali percebo que Hannah já não tem condições de suportar mais nada, pois está se arrastando pela vida, completamente perdida.*

*Depois da morte de Hannah e após ouvir a penúltima fita, Clay consegue fazer com que Bryce confesse que havia transado com Hannah sem que ela dissesse que queria, obtendo como resposta a afirmação de que todas as meninas da escola queriam ser estupradas. Bryce, então, garante que a moça não pronunciou um não, de modo que ele acreditou que queria, sim, ter relações com ele. Os dois brigam e, o que é o mais importante, Clay consegue gravar o depoimento de Bryce.*

### **13. Fita para Sr. Porter, conselheiro da escola que não parece acreditar que Hannah pudesse se suicidar.**

*No último episódio, Jessica hesita em pedir ajuda, pois, assim como Hannah, sabe da complexidade envolvida quando garotas decidem pedir ajuda. Penso que ela tem razão. Parece bonito dizer “Precisamos lutar! Precisamos denunciar!”, mas o processo todo pode ser extremamente exaustivo e frustrante. Lembro novamente do caso de Su Tonani, que optou*

*por retirar a denúncia, possivelmente por conta das inúmeras dificuldades que encontrou no caminho. Clara Averbuck também optou por não denunciar seu estupro, pois relatou não acreditar no sistema, uma vez que conhecia bem como a delegacia da mulher (não) funcionava. A jornalista foi imensamente criticada por não ter denunciado, sofrendo novamente julgamentos de terceiros. Não é fácil ser mulher, tampouco ser menina...*

*Clay oferece ajuda a Jessica e, depois de muito hesitar, ela lhe pede que não queime as fitas, dando a entender que em algum momento conseguiria denunciar Bryce. Justin, ex-namorado de Jessica, diz que pensou em se matar ou matar Bryce, que queria reatar com a garota, mas ignora-o e pede que nunca mais apareça em sua frente.*

*Enquanto os jovens estão depondo na justiça, uma antiga amiga de Hannah, Kat, aquela que mudou de cidade assim que Hannah chegou, fala algo interessante. Ela diz que muitos atletas são babacas e que os professores fazem vista grossa e deixam as violências acontecerem. Assim, eles andam no colégio pensando que os outros apenas existem para servi-los e suprir suas necessidades. Relacionei com o fato de terem estigmatizado Hannah como a menina vadia que serve para se divertir sexualmente. Como sentir-se bem na própria pele quando se percebe sendo vista apenas um objeto sexual?*

*Por fim, Hannah manifesta a sua vontade de dar uma última chance à vida. Ela narra que após gravar doze fitas se sentiu aliviada, e, por um minuto, pensou que poderia vencer sua dor. Então, decidiu pedir ajuda para Sr. Porter, o conselheiro da escola.*

*Ela senta-se na sala com ele e tenta falar. Enquanto isso, o telefone dele toca algumas vezes, o que me incomoda muito, pois parece cortar a expressão de Hannah, que já estava visivelmente apresentando dificuldades para falar sobre algo tão doloroso. O fato é que não conseguindo estabelecer a comunicação que buscava, Hannah viu o processo de construção de confiança, que estava se esforçando para estabelecer, cair por terra. Ela diz que não se incomoda mais com nada, que sente um vazio enorme, como se estivesse se distanciando da*

*realidade que vive, pois não conseguiria ser quem eles precisavam que fosse. Quando foi questionada por ele sobre essa declaração, ela conta que não queria ser um problema, que não tinha amigos e que Clay a odiava. Com os olhos cheios de lágrimas, ela diz que apenas precisa que tudo pare: as pessoas, a vida... Sr. Porter tentou compreender melhor, mas ela desconversou. O conselheiro a induz a dizer que tomou alguma decisão errada e se arrependeu. Sr. Porter a desencoraja de denunciar o abuso, apenas porque Hannah não quis dizer o nome de Bryce e, também, porque não falou a palavra não quando ele a violentou. Ela percebe que Sr. Porter não a compreende e decide ir embora.*

*O Sr. Porter também é submisso, pois precisa agir com extrema cautela e respeitar protocolarmente as regras do colégio. Assim, cria um abismo entre si e a estudante, que está com problemas, não conseguindo ajudá-la. Para piorar, ainda dá a entender que a aluna deveria ser resiliente, esperar o tempo passar e superar a situação, abafando ainda mais o pedido de socorro que lhe era dirigido. A moça espera um pouco, em vão, para confirmar se o conselheiro viria atrás dela. Hannah implorava, como podia, por ajuda, por limites, por compreensão, por justiça, mas ninguém respondeu aos seus chamados.*

*Quando Hannah termina a fita de número 13 e decide mesmo se suicidar, estranhamente, começa a tocar uma música que me lembra alguma vitória. É como se, finalmente, uma verdadeira solução tivesse sido encontrada. Por outro lado, o seu olhar vago na banheira antes de cortar os pulsos seguidos de alta tensão enquanto se corta, provocaram em mim intensa aflição. E se ela tivesse sido ouvida e compreendida suficientemente?*

*O fato de ela ter escolhido sangrar na banheira me fez associar essa cena com um bebê no útero da mãe. Em seguida, veio-me a imagem de um parto na banheira, como se Hannah estivesse dando à luz a si mesma. A primeira pessoa que a encontra é a sua mãe o que, na minha opinião, é a passagem mais triste da série. Fiquei impactada quando, por um pequeno instante, sua mãe parece acreditar que a moça apresenta apenas um machucado, como se*

*algum acidente tivesse ocorrido. O que eu pensaria se encontrasse minha filha na banheira? Creio que eu poderia pensar, talvez, que tivesse sido ferida durante um assalto, mas, provavelmente, não pensaria em suicídio...*

*As conversas posteriores ao suicídio nos inclinam a pensar que Hannah seria uma pessoa frágil, que chega à morte não exatamente por ter sofrido e sim porque não teve forças para superar tudo.*

*Clay entrega as 13 fitas ao Sr. Porter, mas não deixa de incluir, na coleção, aquela em que gravou Bryce dizendo que tinha feito sexo com Hannah porque achou que ela queria, sem que esta tivesse, de fato, manifestado nenhuma disposição erótica em relação ao rapaz. Clay diz que deixará o conselheiro decidir o que deverá ser feito com as fitas.*

*Percebendo que a situação se agravou, Tony, que tinha sido escolhido por Hannah como alguém que zelaria para que o processo de escuta das fitas se desse do modo que planejara, grava as 14 fitas em um pendrive, que entrega aos pais de Hannah, rompendo, assim, a promessa que havia feito à jovem. Fiquei emocionada quando assisti ao casal ouvindo as fitas de mãos dadas, o que indicou que permaneciam juntos e unidos. Vejo-os como pessoas que estavam conseguindo superar a tragédia sem romper seu vínculo e penso que talvez a própria busca pela verdade tenha contribuído para que não caíssem em depressão profunda. Sei que na realidade uma grande maioria dos casais não consegue ficar juntos quando um filho morre, seja por acidente, doença ou suicídio.*

*Justin conta à Bryce sobre as fitas e ele fica preocupado. Jessica desabafa com seu pai e conta, chorando, tudo o que lhe aconteceu. Alex acaba dando um tiro na própria cabeça, sendo levado ao hospital em estado crítico. A tentativa de suicídio de Alex me faz pensar que tão importante como conhecer os motivos do suicídio de Hannah seria compreender a angústia daqueles que ficaram e se sentiram extremamente culpados.*

*No fim da série, Clay se encontra completamente machucado e triste, mas, surpreendentemente, sentindo-se mais vivo e ativo. Ele convida Skye para dar uma volta e mostra que está diferente, pois começa a ter iniciativa de se lançar para a vida apesar de se encontrar em um momento difícil. Na cena final, Tony, seu namorado, Clay e Skye estão juntos no carro, ouvindo música. Essa cena provoca a impressão, em mim, de que estão aliviados, com a sensação de terem cumprido a vontade de Hannah.*

**Capítulo V**

**Interpretações e Interlocuções Reflexivas**

*Reinvenção*

(...)

*Não te encontro, não te alcanço...*

*Só — no tempo equilibrada,  
desprendo-me do balanço  
que além do tempo me leva.*

*Só — na treva,  
fico: recebida e dada.*

*Porque a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.*

*(Cecília Meireles)*

Consideramos importante iniciar o presente capítulo lembrando que, na pesquisa qualitativa com método psicanalítico, que se articula à psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007), os chamados resultados, vale dizer, aquilo que deriva da correta observância do método, são interpretações. Essas, por seu turno, diferem do que classicamente designam, como enunciados sobre um inconsciente intrapsíquico individual, para se conformarem como criação/ encontro de campos psicológicos não conscientes habitados por indivíduos e coletivos.

Nossa primeira tarefa, nesse momento do percurso investigativo que empreendemos, é a de definir campos de sentido afetivo-emocional a partir dos quais emerge o material aqui estudado. A seguir, consideramos nossa produção interpretativa à luz do pensamento de outros autores das ciências humanas, pois pensamos que o conhecimento sobre o humano exige um trabalho de reflexão dialógica sobre as interpretações.

Muitos autores poderiam ser tomados como interlocutores com os quais poderíamos pensar sobre os campos de sentido afetivo-emocional que criamos/encontramos. Entretanto, o formato da pesquisa impõe escolhas, tendo em vista evitar meros sobrevoos, em favor de uma consideração mais consequente dos nossos achados. Assim, decidimos nos concentrar em Simone de Beauvoir<sup>19</sup> (1949/2009) como principal interlocutora, por ser uma pioneira que se mantém, ao nosso ver, bastante atual no modo como aborda a questão do gênero em nossa sociedade. Complementaremos tal interlocução recorrendo, em menor escala, às contribuições de Sandra Lee Bartky (1990, 2002), pois não poderíamos deixar de cita-la tendo em vista que é uma autora relevante no que diz respeito às formas de subjetivação de ataques despersonalizantes pela via do corpo e sexualidade.

Essas autoras foram escolhidas dentre a expressiva e copiosa literatura feminista, por considerarmos suas contribuições significativas e convergentes com nossas concepções do ser humano como essencialmente social. Além disso, reputamos como fundamentais seus esforços por incluírem a todos, e não apenas as mulheres, no debate sobre gênero, segundo uma visão que valoriza o estabelecimento de relações éticas e solidárias entre homens e mulheres. Tal posição não é, a nosso ver, mero detalhe, pois só aparece quando a teoria, obviamente uma sofisticada forma de conduta, não se configura segundo linhas características da estrutura de conduta paranoide (Bleger, 1963/2007), que tende a simplificar os problemas humanos de um modo peculiar que não contribui para sua solução.

Diante do exposto, consideramos que a série *13 Reasons Why* pode ser produtivamente compreendida pela proposição de que emerge a partir de dois campos de sentido afetivo-emocional que intitulamos:

---

<sup>19</sup> A obra “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, representa um marco no pensamento feminista e se mantém como referência capaz de iluminar variadas questões atuais.

**“Vadias ou certinhas”**

Organiza-se ao redor da crença segundo a qual meninas que expressam qualquer sexualidade fora de relacionamento sério comportam-se de modo imoral

**“Sem aprovação não sou ninguém”**

Organiza-se ao redor da crença de que meninas corretas são aquelas que se comportam de modo a obter a aprovação dos outros

A proposição dessas duas interpretações, de caráter abrangente, na medida em que diz respeito a uma complexa configuração sobre a vida das meninas adolescentes no mundo contemporâneo, não corresponde, obviamente, às únicas possibilidades interpretativas passíveis de serem produzidas diante do rico material de que dispomos. Entretanto, o objetivo do pesquisador, que faz uso do método psicanalítico, não é o de esgotar os sentidos de um material, tarefa que reconhece como impossível, mas o de selecionar interpretações que possam contribuir para compreensões satisfatórias sobre a dimensão afetiva-emocional em jogo.

Cabe, ainda, destacar que, correspondendo à visão de inconsciente intersubjetivo, característica da psicologia psicanalítica concreta, o campo não está presente no próprio material, mas a ele subjaz como espécie de fundo a partir do qual emergem as manifestações de conduta, no caso, o enredo fílmico. Assim, quando apelamos para ilustrações, com vistas a chamar a atenção para os aspectos do material, sobre os quais nos apoiamos para propor os dois campos, trazemos condutas que emergem a partir do campo cuja vigência postulamos.

*“Vadias ou certinhas”*

A primeira ilustração do campo “Vadias ou certinhas” pode ser o simples fato da protagonista ter sido vítima de um boato maldoso sobre ter transado com um garoto da escola. Uma foto foi espalhada pelo celular, fora de contexto, e gerou especulações dos colegas sobre a sua vida íntima bem como a formação de uma imagem de acordo com a qual seria apenas uma garota com quem se divertir de modo descompromissado, mas não para namoro.

Até mesmo Clay, que é representado predominantemente como um garoto de boa índole, reproduz frases machistas e faz críticas à Hannah quando ela se constrange por ter sido considerada a melhor bunda da escola. Ele acha exagerada a reação da protagonista, pois acredita que seria um elogio ter alguma parte do seu corpo sendo eleita como a mais bonita. Entretanto, Hannah dá sinais de ter se sentido objetificada. Na verdade, ter ganhado uma espécie de competição estética acerca de suas nádegas, revela-se uma ocorrência que termina por legitimar e encorajar outras violências como, por exemplo, quando decidem, dirigir-lhe olhares causadores de desconforto, ou assedia-la de modo mais brusco, agarrando-a, condutas geradoras de marcado sofrimento.

Nesse sentido, percebemos que a linha divisória entre ser considerada uma garota certinha e uma vadia é muito tênue, pois, de fato, qualquer conduta mal interpretada pode alimentar violências psicológicas e verbais ou até mesmo físicas, uma vez que Hannah, no fim da série acaba sendo estuprada por um garoto da escola, Bryce, que simboliza o modo como a violência é naturalizada, pois agride e oprime praticamente a todos.

Jessica é outra personagem importante que é vista como certinha por uns e vadia por outros. Nesse sentido, a garota se relaciona intimamente, num contexto de namoro, com outros personagens durante a trama, mas acaba sendo estuprada por Bryce quando está desacordada em sua cama, após ter ingerido bebida alcoólica de maneira excessiva na festa. Assim, ele se vê no direito de dizer o seguinte ao namorado de Jessica: “Jessica é uma garota para se divertir, e não para namorar, certo?”.

Podemos pensar que “Vadias ou certinhas” indica a raiz de inúmeras condutas violentas praticadas contra mulheres atualmente – desde as mais aparentemente brandas, como boatos, risadas e deboches, até as mais radicais, incluindo os estupros. O clima judicativo que predomina neste mundo vivencial parece comprometer a forma como as adolescentes

consideram seu próprio valor pessoal, uma vez que notamos nuances da fantasia de que conquistar a aprovação do outro corresponde a um alto valor, pelo qual vale a pena se sacrificar.

De acordo com a lógica afetivo-emocional deste campo, um simples boato pode classificar uma menina como vadia e provocar intenso sofrimento. Sendo considerada uma vadia, a menina seria tratada com desrespeito e teria sua integridade moral questionada pelos outros. Por outro lado, ser considerada certinha pode soar como elogio. Entretanto, ser avaliada como tal, vale dizer, obter reconhecimento de que seria o tipo de menina merecedora de namorar, casar e ter filhos, equivale, de fato, a uma profunda desconsideração em relação à personalidade da adolescente. Nesse imaginário, para casar, a moça deveria ser reservada, pura, obediente, comportada e, claro, sexualmente inibida. Assim, teria melhor chance de ser vista como certinha a garota sem capacidade de viver espontaneamente sua própria sexualidade. Esse campo apresenta caráter francamente conservador, apontando para uma questão que Beauvoir (1949/2009) já denunciava, em sua obra pioneira:

Da moça exige que fique em casa, fiscalizam suas saídas: não a encorajam em absoluto a escolher seus divertimentos, seus prazeres. É raro ver mulheres organizarem sozinhas uma longa viagem, a pé ou de bicicleta, ou dedicar-se a um jogo como o de bilhar, de bolas, etc. Além de uma falta de iniciativa que provém de sua educação, os costumes tornam sua independência difícil. Se passeiam pelas ruas são olhadas, abordadas. Conheço moças que, sem serem absolutamente tímidas, não encontram nenhum prazer em passear sozinhas por Paris porque, importunadas sem cessar, precisam andar sempre atentas: com isso, todo o prazer se esvai. Se as estudantes correrem as ruas em bandos, alegres, como fazem os estudantes, querem se mostrar, andar a passos largos, cantar, falar alto, rir, comer uma maçã são provocações, desde logo são insultadas ou seguidas ou abordadas. A despreocupação torna-se de imediato uma falta de compostura; esse controle de si que a mulher é obrigada, e se torna uma segunda natureza na “moça bem-

comportada”, mata a espontaneidade; a experiência viva é com isso reprimida, do que resultam tensão e tédio (Beauvoir, 1949/2009, p. 438).

Desse modo, podemos inferir que sob a vigência do campo “Vadias ou Certinhas” são incentivadas condutas que geram sofrimentos psíquicos relacionados à dificuldade em viver a sexualidade de forma espontânea, como manifestação de vida e saúde. Interessante notar que essa questão parece ser especificamente feminina, pois meninos parecem usufruir de maior liberdade para se relacionarem sexualmente com outras pessoas, independentemente de estarem em um relacionamento sério. De fato, são, inclusive, bastante estimulados para que isso ocorra, o que algumas vezes pode gerar um problema oposto ao enfrentado pela menina, no sentido de que deve estar pronto a aproveitar toda e qualquer oportunidade de manter uma relação sexual, pois sua recusa pode ser interpretada como sinal de dificuldade sexual. É notável, inclusive, que a sexualidade masculina dê mostras de estar fortemente afetada pela objetificação feminina, reproduzindo formas de violência que denigrem as mulheres (Giffin, 1994).

É perceptível que não apenas o erotismo da jovem é afetado por questões relativas à sexualidade, mas todo o seu modo de vida, pois os constantes assédios vividos nas ruas podem causar tanto desconforto a ponto de a menina limitar suas saídas de casa e oportunidades de se divertir. Esse campo indica a existência de um ambiente hostil, estruturado de modo paranoide, na medida em que as certinhas seriam concebidas como objetos ou entes bons e as vadias corresponderiam a entes ou objetos maus (Bleger, 1963/2007). Claro que, num mundo vivencial onde não existisse divisão entre meninas para ter relações sexuais e meninas para casar, o fato de uma menina se relacionar intimamente ou não com alguém não se constelaria como questão relevante e significativa a ponto de causar desconforto emocional.

Para Bartky (1990, 2002), as constantes violências sofridas nas relações interpessoais seriam, posteriormente, internalizadas pelas vítimas, visão que apresenta ressonâncias e

convergências com a concepção psicanalítica de uma conduta defensiva que tem sido descrita como identificação com o agressor (Freud, 1936/1992; Ferenczi, 1992). Seguindo essa linha, muitas mulheres, que foram violentadas, abusadas ou estigmatizadas acabam por reproduzir condutas hostis e perpetuar o machismo mirando outras mulheres. Vale lembrar que uma das facetas do sexismo contra mulheres consiste na possibilidade de vir a ser mesclado com a ideia de estar ocorrendo como proteção da menina, por exemplo na conduta de uma mãe ou um pai que pede para que a filha não ande com amigas que são má vistas, ou seja, que são consideradas vadias aos olhos da sociedade. A ideia de proteger a filha se mistura com o ataque a uma outra pessoa e por isso o machismo acaba fazendo com que as próprias mulheres reproduzam condutas opressoras.

Quando a mulher é reduzida à condição de objeto sexual, sua subjetividade fica profundamente atingida, pois os ataques despersonalizantes/desumanizadores apresentam caráter traumático e podem prejudicar a saúde mental e a própria estrutura de conduta das meninas adolescentes. Nesse sentido, refletimos que o imaginário sobre a menina adolescente está intimamente ligado ao que compreendemos como despersonalização/desumanização, vale dizer, ataques velados ou explícitos que têm como objetivo retirar toda e qualquer humanidade da mulher (Aiello-Vaisberg, 2017). Nesse sentido, a objetificação feminina é um recurso desumanizador, algo parecido com o que ocorre com negros (Fanon, 1952) e judeus (Levi, 1988), quando se tornam alvos de ações que visam atribuir-lhes uma condição infra-humana.

*“Sem aprovação não sou ninguém”*

Muito do sofrimento da adolescente, que a série apresenta, parece estar vinculado à alta necessidade de aprovação que as meninas apresentam. Grosso modo, ser certinha poderia comportar uma busca por ser aprovada socialmente. A protagonista Hannah sofre do começo ao fim pela procura incessante de aprovação dos colegas. Vale lembrar que ela é recém-chegada

na cidade e na escola, o que faz com que esteja em condição de vulnerabilidade no que diz respeito às ansiedades geradas para o estabelecimento de novas relações.

Outras personagens femininas também sofrem pela busca por aprovação, por exemplo, Sheri, que derruba uma placa de “pare” após ter saído de uma festa e ter bebido um pouco. Ela fica tão apavorada com a possibilidade de precisar assumir seu erro para os pais e decepcioná-los que acaba omitindo o acidente. Na sequência da trama, consequências mais desastrosas vão ocorrendo, incluindo um acidente de carro com vítima fatal. Obviamente, a série pode ser produzida de modo a apresentar um tom exagerado, entretanto, pensamos que isso corrobora o imaginário dramático, que revela a fantasia de fim do mundo caso a imagem da garota seja manchada por decepcionar um outro de algum modo significativo.

As garotas de torcida mais populares, tão presentes em diversos filmes americanos, simbolizam claramente essa constante necessidade de aprovação. É comum que sejam vistas como modelos a serem seguidos, tanto estéticos como de comportamento. Outra personagem, Courtney, ilustra esse campo, pois esconde sua homossexualidade por conta do medo de desaprovar a sociedade. Ela é chinesa e lésbica, e não consegue vivenciar sua sexualidade de modo autêntico, pois teme que seus pais adotivos – um casal gay – sofram por críticas vinculadas à influência da parentalidade homoafetiva. Para proteger a si e sua família de duras críticas imaginadas por ela, opta por abafar sua real vontade, e veste uma máscara de garota comportada, adequada e exemplar.

Se fizéssemos uma leitura psicanalítica estrutural-pulsional, a partir das séries complementares (Freud, 1916/1948), poderíamos pensar que o esforço frenético para obter aprovação derivaria de falhas na constituição psíquica da menina. Nesse sentido, as postulações freudianas indicariam que, para tornar-se mulher, a menina precisaria deixar de perceber a mãe enquanto sujeito fálico, para notá-la como castrada e sentir raiva dessa situação. Assim, ela se afastaria da mãe e se aproximaria do pai, para que o Édipo ocorresse da forma esperada. Desse

modo, aceitar-se como castrada e buscar unir-se a um homem, que não seja o próprio pai, com vistas a vicariamente obter um falo, seria o principal desafio feminino. Segundo essa teoria, a saída mais saudável para a mulher seria, então, ter um filho, que simbolizaria o seu próprio falo (Freud, 1931/1972; 1933/1972). Logo, percebemos que, nessa visão, a mulher precisaria obter aprovação paterna e, posteriormente, aprovação de outro homem para lhe seja concedida a oportunidade de gerar um filho/falo.

Ou então, baseando-nos na visão relacional winnicottiana, concluiríamos que a menina teria sofrido interrupções no desenvolvimento emocional primitivo, em que a mãe precisaria ser sensível às necessidades físicas e emocionais do bebê sem ser invasiva ou negligente. Trata-se, mais especificamente, do olhar da mãe para o filho, reconhecendo-lhe a alteridade, acontecer inter-humano decisivo no processo de constituição do *self* da criança como existência separada, superando o estado fusional que predomina no início da vida (Souza, 2001). Desse modo, o filho desenvolveria uma relação autêntica e não submissa ao ambiente, pois a mãe suficientemente boa seria capaz de acolher o gesto espontâneo, dando espaço para que ele criasse o ambiente, inaugurando um viver criativo, baseado no verdadeiro *self* em oposição ao viver submisso, defensivo, dissociado e falso *self* (Winnicott, 1945/1982).

Essa visão winnicottiana sobre o modo como a mãe pode enxergar o filho merece reflexão. Evidentemente, trata-se de uma perspectiva que supera outras visões, que se baseiam mais diretamente no conceito freudiano de inveja do pênis, segundo as quais a mãe provavelmente veria, no bebê, o falo desejado (Aiello-Vaisberg, 1980). Ora esse seria um modo de considerar as coisas segundo o qual a subjetividade feminina como se constituindo única e primariamente ao redor do desejo de superar, ainda que fantasiosamente, sua condição de ser castrado. Entretanto, caberia questionar a possibilidade concreta dessa interação ocorrer de modo saudável quando mãe e criança se inserem em contextos sociais que concebem a mulher como inferior ao homem. Nesse caso, não teremos dificuldade em imaginar que a mulher-mãe

se sentirá mais valorizada se tiver dado à luz a um menino. Afinal, as mães devotadas comuns não pairam acima dos campos do imaginário socialmente vigentes.

Entretanto, a visão winnicottiana traz consigo outros problemas, que não podemos deixar de focalizar. O principal deles diz respeito a atribuir à experiência precoce *com a mãe* os fundamentos da saúde mental possível do adulto. Tal visão corresponde ao reconhecimento da importância da vida do bebê na constituição da subjetividade, aspecto que reputamos como altamente positivo, mas deixa a desejar quando não chama suficientemente a atenção para o fato de que o cuidado ambiental pode ser concebido de diferentes maneiras, sem recair obrigatoriamente sobre os ombros da mãe biológica. Não fazendo essa diferença com clareza suficiente, tal visão acaba se prestando a ser usada no sentido de atribuir todos os sofrimentos da vida individual a falhas cometidas pela mãe no cuidado do bebê. Como consequência, a psicopatologia winnicottiana tende a reduzir radicalmente a relevância das experiências da vida adulta, cegando-nos em relação aos campos e contextos macrosociais no âmbito dos quais transcorrem os diferentes períodos da vida. No que tange ao assunto que aqui nos preocupa, vale dizer, a adolescência feminina, soaria um tanto ingênuo pensar que apenas meninas mal atendidas na primeira infância enfrentariam problemas a partir da puberdade, principalmente quando levamos as relações de gênero.

Portanto, na medida em que temos ressalvas contra um uso infundado e não verificado da segunda série complementar freudiana (Aiello-Vaisberg, 2017), observamos com extrema cautela e evitamos apelar para o que não passaria de meras ilações. Baseadas na psicologia psicanalítica concreta de Bleger (1963/2007) e Politzer (1928/1998), bem como no estilo clínico Ser e Fazer (Ambrosio, 2013), propomos uma leitura desse segundo campo articulada com o primeiro. Será feita então uma leitura diferenciada da obra winnicottiana, vale dizer, aproximando-nos de uma linha concreta e crítica, segundo o estilo clínico Ser e Fazer (Ambrosio, 2013), em concordância com Aiello-Vaisberg (2017), quando postula o que temos

compreendido por psicopatologia implícita, ou seja, a consideração de que a saúde emocional seria equivalente à autenticidade e espontaneidade por meio das quais seria possível alcançar um viver criativo, afastado da submissão. Firmamos que tal posicionamento existencial é desejável ao longo da vida e não apenas durante as fases do desenvolvimento emocional primitivo.

Desse modo, pensamos que a necessidade de aprovação pode indicar que as meninas adolescentes se submetem constantemente à aprovação de terceiros porque o ambiente em que vivem não promove, tampouco acolhe, suas manifestações autênticas. De fato, o primeiro campo aponta que o ambiente ataca a espontaneidade das meninas adolescentes, prejudicando, assim, a preservação fundamental da personalidade. Ora, se considerarmos que, ao longo da vida, a menina, a partir das mudanças corporais pubertárias, recebe constantemente olhares objetivantes e desumanizadores, é compreensível que surjam fragilidades narcísicas na adolescência feminina.

Seguindo essa linha, a adolescente se coloca – porque é constantemente colocada – numa condição existencial de inferioridade, de mendicância de afeto, a partir da qual implora por atenção e aprovação, pois o ambiente hostil lhe indica que ela não tem valor enquanto pessoa. Mais uma vez, notamos um imaginário conservador, no âmbito do qual a menina sofreria pela tentativa de se transformar no que o outro deseja, em busca de sobrevivência emocional. Essa situação é bem ilustrada por Beauvoir (1949/2009) quando escreve sobre a jovem de sua época:

[...] Da mais servil à mais altiva, todas aprendem que para agradar é preciso abdicar. Suas mães as aconselham a não mais tratar os rapazes como colegas, a não darem os primeiros passos, a assumirem um papel passivo. Se desejam esboçar uma amizade, um namoro, devem evitar cuidadosamente parecer tomar a iniciativa; os homens não gostam de mulher masculinizada, nem da mulher culta, nem de mulher que sabe o que

quer: ousadia demais, cultura, inteligência, personalidade, os assustam [...] A jovem deverá não somente enfeitar-se, arranjar-se, mas ainda reprimir sua espontaneidade e substituir, a esta, a graça e o encanto estudados que lhe ensinam as mais velhas. Toda afirmação de si própria diminui sua feminilidade e suas possibilidades de sedução (Beauvoir, 1949/2009, p. 439).

Se as condições fundamentais de existência são constantemente negadas às meninas adolescentes, por meio dos ataques desumanizadores e da dificuldade de sustentação das manifestações de sexualidade, podemos pensar que a luta por aprovação também pode ser interpretada como uma manifestação de esperança. Exemplo dessa situação pode ser observado em estudo anterior (Chinalia, 2012), realizado com método psicanalítico, em que uma jovem mulher brasileira e pobre foi presa por ter se envolvido com tráfico de drogas. Dentre as várias motivações, percebemos o fato dela ter se submetido às vontades de um traficante, pois se sentia protegida e contemplada narcisicamente, uma vez que ele era considerado poderoso e bem-sucedido no contexto em que viviam. Se relacionamos sua entrada no tráfico com o contexto precário, opressivo e perigoso em que a garota vivia, podemos considerar sua conduta como a melhor possível diante das possibilidades (Bleger, 1963/2007). Constatamos, nesse sentido, que a necessidade de aprovação é danosa também por motivar, em certos casos, que a menina se coloque em situações perigosas.

Outro exemplo foi identificado em estudo sobre o sofrimento da adolescente no filme “Bruna Surfistinha” (Assis et al., 2016). Nele constatamos uma crença, segundo a qual despertar o desejo sexual do outro poderia fazer com que se sentisse reconhecida enquanto pessoa, levou a menina a se colocar em inúmeras situações de risco, inclusive autodestrutivas, por exemplo, despir-se para estranhos via internet durante a adolescência, aderir à prostituição, usar drogas em excesso, para que aguentasse se prostituir compulsivamente, ganhar bastante dinheiro para provar para si e para os outros que conseguiria ser autônoma financeiramente,

ou até mesmo escrever um diário público online sobre seus clientes, buscando reconhecimento, como uma saída para a sua condição desumanizada.

Beauvoir (1949/2009) lembra, ainda, que a transição entre a infância e a vida adulta da mulher é marcada por oscilações que podem ser vividas de modo confuso, pois a submissão feminina muito se parece com a condição infantil:

[...] mas ainda um conflito se estabelece entre sua reivindicação original, que é de ser indivíduo em atividade, liberdade, e suas tendências eróticas e solicitações sociais que a convidam a assumir como objeto passivo [...] Oscilando do desejo à aversão, da esperança ao medo, recusando o que almeja, está ainda em suspenso entre o momento da independência infantil e o da submissão feminina: é essa incerteza que lhe dá, ao sair da idade ingrata, um gosto ácido de fruto verde (Beauvoir, 1949/2009, p. 440).

Desse modo, consideramos que seja inegável constatar que apesar das diversas transformações sociais ocorridas no século XX, ainda encontramos em Beauvoir (1949/2009) teorias que permanecem fazendo sentido no contexto atual. Essa interlocução evidencia que no que diz respeito ao sofrimento feminino – especialmente na adolescência -, ainda circulamos em ambientes bastante conservadores que muito prejudicam a saúde emocional das mulheres em geral.



*pequeno  
tinha um pensamento  
a selva  
quando crescer  
em algum lugar  
da selva  
corre grande  
um pensamento  
(Alice Ruiz)*

Quando lançamos um olhar interseccional para a série *13 Reasons Why* reconhecemos que não tematiza, de modo aprofundado, diferenças entre classe social, cor, etnia e homossexualidade. Isso ocorre, aliás, de modo bastante peculiar, pois aparecem personagens brancos, negros, latinos e asiáticos, heterossexuais e homossexuais, com certas diferenças em termos de poder aquisitivo. Entretanto, tais diferenças interferem pouquíssimo na trama, uma vez que a escola surge como uma comunidade que parece compartilhar o mesmo mundo cultural. Por esse motivo, chama a atenção, ainda que não disponhamos de estatísticas precisas, o fato de a série ter alcançado uma grande audiência em nosso país, apesar das condições de vida da sociedade brasileira serem diferentes, em muitos aspectos, daquelas retratadas ao longo dos episódios.

Se focalizarmos, ainda que rapidamente, as questões relativas à classe social, notaremos que a série não deixa de trazer menções a disputas por poder econômico e outros privilégios, bem como referência a dificuldades financeiras. A própria prática do estupro se associa a uma condição na qual se combinam riqueza, solidão e autoafirmação. Entretanto, é necessário reconhecer que a situação apresentada na série é suficientemente igualitária do ponto de vista econômico, pois permite que todos na cidade frequentem a mesma escola e as mesmas festas,

o que corresponde a um quadro que difere marcadamente do que encontramos em nosso país devido as desigualdades econômicas abissais entre os mais favorecidos e as classes subalternas. Assim, é importante destacar que o material apresenta características que não coincidem com o que é vivido pela maior parte da sociedade brasileira, mas apenas por camadas das classes médias – que mantém filhos adolescentes na escola.

Por outro lado, tampouco encontramos paralelo entre nossa realidade e o modo como as diferenças de etnia e raça são tratadas na série. Negros, brancos e asiáticos parecem enfrentar, na produção, as mesmas questões existenciais. No ambiente brasileiro vivemos uma situação bem diferente no que diz respeito ao racismo, prevalente desde a escravidão, mas oficialmente reconhecido apenas em 1988. A condição dos afrodescendentes brasileiros é difícil de muitos pontos de vista. As estatísticas mostram que pertencem maciçamente às classes subalternas, estudam menos, ocupam postos de trabalho com remuneração mais baixa, encabeçam as estatísticas das mortes por assassinatos e representam parcela expressiva da população carcerária. Mesmo quando conseguem completar curso de nível superior e conhecem ascensão social, não deixam de se sentir discriminados socialmente (Akotirene, 2018; Almeida, 2018; Ribeiro, 2017; Aiello-Fernandes, 2013).

Contudo, no que diz respeito ao sexismo, que se apresenta como a principal questão da série – lembremos aqui que, contrariamente ao que muitos acreditam, não estamos frente a uma série que versa principal e primordialmente sobre suicídio<sup>20</sup>, mas diante de uma produção que focaliza o estupro e outras formas, mais ou menos intensas, de violência sexual contra a mulher, sendo a suicida uma presença plena ao longo dos episódios. Parece-nos, assim, que a questão

---

<sup>20</sup> Evidentemente, não negamos a importância do suicídio de adolescentes, questão de grande gravidade, que aponta sempre para a vigência de um sofrimento insuportável. Tampouco negamos que a própria série, *13 Reasons Why*, possa ser produtivamente abordada por psicólogos clínicos e psicanalistas a partir da questão do suicídio, como o faz Levinzon (2018). Entretanto, consideramos fundamental entender que o suicídio de meninas adolescentes muitas vezes resulta e se vincula diretamente ao modo como é considerada a sexualidade feminina, não nos surpreendendo quando Tardivo (2004), ao pesquisar meninos adolescentes indígenas, que tentavam suicídio, deparar-se com um quadro bastante diverso daquele que aqui encontramos, ligado a expectativas de vida do homem adulto pertencente a uma etnia inferiorizada e discriminada.

da violência sexual contra a mulher atravessa condições sociais diversas e se encontra, provavelmente, no foco da motivação que gerou a grande audiência à série. Em outros termos, parece-nos que a série chama a atenção de muitos porque, mesmo passando de um modo um tanto vago e impreciso sobre questões fundamentais, como classe e raça, considera a questão principal de um modo bastante preciso. Isso é possível, a nosso ver, porque realmente a opressão feminina é uma forma de violência que atravessa classe e raça, sendo essa uma característica que devemos ter sempre em mente.

Como constatamos, em nossa pesquisa, as meninas, retratadas na série, são pressionadas a entender que serão consideradas vadias caso não se conduzam de modo correto, o que significa manter-se discreta, silenciosa, comportada e submissa. Colocar-se de qualquer outro modo, que possa deixar clara uma certa vivacidade erótica, não integrada a fantasias de namoro e casamento, produzirá uma rotulação humilhante, no âmago da qual a grande questão, que faz da mulher uma vadia, é a possibilidade de vivenciar desejo sexual fora de situações de namoro ou casamento. Trata-se, evidentemente, do exato oposto daquilo que é a exigência dos imaginários coletivos ao homem, ou seja, de que revele capaz de estabelecer relações sexuais com qualquer mulher e em todas as oportunidades que possam aparecer. Quando vive seu desejo, o homem é visto como potente, viril e digno de admiração. O desejo da mulher, por outro lado, deve se manter refém do compromisso, pois um erotismo livre revelaria a vadia, a chamada vagabunda. O desejo masculino se manifesta como algo de que se orgulhar. O desejo feminino deve ser oculto porque é algo de que se envergonhar.

A questão do sentido do desejo feminino eclodiu, no Canadá, em 2011, sob a forma de um movimento original que ficou conhecido como “Marcha das Vadias”. Consistiu numa resposta contra a tendência social de classificar as mulheres, em termos de seu comportamento sexual, como vadias ou certinhas, motivada por um comentário, feito por um policial, sobre vários estupros que ocorreram na Universidade de Toronto. Esse homem teria declarado que

as mulheres não deveriam se vestir como vadias se quisessem evitar estupros, declaração que alcançou alta repercussão na mídia internacional e fomentou protestos em diversos países, colocando uma interrogação importante sobre o lugar do corpo no processo de libertação da mulher<sup>21</sup>.

Então, muitas mulheres saíram às ruas seminuas ou com roupas curtas, reivindicando respeito independente da forma como se vestissem. Tal ação provocou, como seria de se imaginar, muitas reações, não apenas entre o público em geral, mas também entre as mulheres e as mulheres feministas. Assim, muitas mulheres, sobretudo pertencentes a gerações mais velhas, criticaram a iniciativa que, a seu ver, não seria suficientemente politizada e comprometida com temas ditos mais sérios, tais como trabalho e maternidade. Outras, criticaram o que lhes pareceu uma banalização do corpo e da sexualidade femininas. Além disso, algumas feministas negras e pobres entenderam a marcha como expressão burguesa de caráter perigoso para aquelas que pertencem a camadas desfavorecidas da população, na medida em que reforçaria estereótipos ligados à hiperssexualização e inferiorização, alimentando, assim, o assujeitamento daquelas que já sofrem, interseccionalmente, outras opressões (Gomes, 2017).

Por outro lado, as jovens que participaram desse ato coletivo estavam bastante dispostas a usar seus próprios corpos, que podem ser vistos como o *locus* da opressão, como concretude a partir da qual reivindicações e protestos podem se expressar com notável intensidade (Gomes & Sorj, 2014). A partir dessa ótica, seus corpos manifestaram um brado por libertação e autonomia (Gomes, 2017) que simultaneamente estaria trazendo para o feminismo, como movimento dominado por certo adultocentrismo, novos ares plenos de energia erótica e juvenil,

---

<sup>21</sup> Segundo Gomes e Sorj (2014), o slogan "Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias" e frases escritas no corpo das participantes tais como "Meu corpo, minhas regras", "Putalivre" e "Meu útero é laico", entre outras, representam algumas ideias manifestas nos protestos.

o que, convenhamos, não é pouca coisa. Assim, não é surpreendente constatar que a resposta das universitárias canadenses tenha inspirado várias outras marchas ao redor do mundo.

O ponto que mais nos interessa, razão pela qual optamos por encerrar a tese trazendo à baila esse acontecimento, diz respeito ao fato de que a questão do corpo feminino e do erotismo, que nos parece central na opressão feminina, é aqui posta com muita clareza. A nosso ver, a possibilidade mesmo da ocorrência da “Marcha das vadias”, colocando tais questões de modo absolutamente manifesto, deve ser considerada como tributária de toda luta feminista que, sob variadas bandeiras, a antecede.

Acreditamos ser fundamental um movimento de conscientização sobre o fato de a sociedade ainda lidar, na contemporaneidade, de modo muito diferente com o desejo do homem e com o desejo da mulher, cuja existência não nos parece plenamente assimilada nos imaginários coletivos. De fato, a virilidade pode ser vivida com orgulho e alegria, enquanto o desejo feminino é considerado como algo condenável e vergonhoso.

Nesse sentido, vale refletir acerca do papel do corpo feminino nessa trama complexa, uma vez que é a sede tanto da possibilidade da mulher se sentir viva e real, como do seu desejo, que entendemos como parte de sua gestualidade espontânea (Machado & Aiello-Vaisberg, 2004), mas, ao mesmo tempo, o objeto do ataque sexual e da interação violenta e despersonalizante.

Podemos perceber, facilmente, que o corpo feminino, como *locus* carnal do estar viva como presença humana e da capacidade de sentir desejo sexual, sendo simultaneamente objeto de violência, coloca importantes desafios para a mulher e, sobretudo, para a menina adolescente. Evidentemente o corpo, enquanto base psicossomática do sentir-se viva e real (Winnicott, 1949/2000) demanda ser assumido e celebrado com alegria. Por outro lado, quando objeto de ataque, talvez provoque uma reação na qual um contra-ataque possa ser feito pelo próprio corpo – desde que devidamente protegido pelo coletivo feminista.

De todo o modo, cabe lembrar que conforme as conquistas femininas vão sendo adquiridas, novas formas de protestos surgem, revelando opressões culturais a que estão sujeitas as jovens nos dias atuais:

Para as gerações anteriores de feministas, a autonomia sobre o corpo aparecia atrelada às reivindicações pela descriminalização do aborto, pelo planejamento familiar e pela saúde da mulher. Para as gerações contemporâneas, o corpo assume um significado mais amplo. Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindida de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. Assim, nas marchas, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a menstruação é positivamente assumida. A nudez, importante instrumento de impacto nas marchas, parece condensar a um só tempo a capacidade de criticar as normas de gênero e de expressar este modo subjetivo de "libertação" do corpo. (Gomes & Sorj, 2014, s.p.e).

Pensamos que muitas jovens, que aderiram às manifestações, visavam serem vistas como pessoas, lembrando a todos que os corpos femininos não são objetos de prazer masculino, mas corpos reais, que sangram, têm pelos, são diversos em sua forma e aparência, e, em sua vivacidade, ultrapassam sua condição de objeto sexual, tal como costumam ser representados, nas revistas masculinas, nus, sob uma aparência plastificada, que lhes rouba sua condição verdadeira.

Concluimos, enquanto psicólogas/psicanalistas que reconhecer que a transformação corporal que vive a menina, em sua adolescência, coloca-se muitas vezes, na sociedade em que vivemos, como fonte de sofrimentos sociais importantes, que pedem cuidado se queremos

favorecer o amadurecimento da adolescente como pessoa. Claro que a questão deve ser debatida no âmbito dos movimentos feministas e sociais, requerendo posturas militantes, mas certamente uma abordagem desse tipo não nos dispensa de atuação clínica que, pela via do *holding*, possa amenizar o efeito violento de interações objetificantes e contribuir para a restauração da dignidade da menina adolescente, em particular, bem como da mulher.



- Aberastury, A. & Knobel, M. (1989) *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. (S. M. G. Ballve Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abraham, K. (1988). A Short Study of the Development of the Libido Viewed at the Light of Mental Disorders. *Selected Papers*. London: Maresfield Library (Obra original publicada em 1927)
- Adichie, C. N. (2014). *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Adichie, C. N. (2017). *Para educar crianças feministas: um manifesto*. (D. Bottmann Trad.). São Paulo: Companhia das Letras
- Aguiar, N. (1997). Perspectivas feministas e conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. Em \_\_\_\_\_ (Org.), *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres* (pp. 161-191). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Aiello-Fernandes, R., André, D. P. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). “Pretobrás: Porque eu não pensei nisso antes”: racismo em composições de Itamar Assumpção. In: L. S. de L. P. C. Tardivo (Eds.). *Anais da 14ª Jornada Apoiar Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Propostas e Pesquisas* (pp. 372-387). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Fernandes, R., Leão, T. S. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015). “Maldito Vírgula”: Imaginário sobre Racismo na Obra de Itamar Assumpção. Em: L. S. de L. P. C. Tardivo (Eds.). *Anais da XIII Jornada Apoiar: Cuidado e Prevenção em Saúde Mental: propostas e Pesquisas* (pp. 344-357). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Fernandes, R. Assis, N. D. P., Silva, R. D. M.; Leão, T. S. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Racismo na MPB: um estudo psicanalítico. Em: L. S. de L. P. C. Tardivo (Eds.). *Anais da XII Jornada Apoiar – “A clínica social – Propostas, Pesquisas e*

*Intervenções*” (pp. 184-201). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Aiello-Fernandes, R. (2013). *Da entrada de serviço ao elevador social*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo Clínico ser e fazer: resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), pp. 41-62. Obtido em 12 de novembro de 2017. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v37n92/v37n92a05.pdf>

Aiello-Vaisberg, T.M.J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de livre-docência não publicada. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999b). O Uso do objeto "teoria": desconstrução e mudança de representações sociais de estudantes de Psicologia sobre o doente mental. *Interações*, 4(7), pp. 77-98. Obtido em 12 de janeiro de 2017. Recuperado de <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2013/09/ARTIGO-aiello-vaisberg-INTERACOES-1999.pdf>

Aiello-Vaisberg, T.M.J & Machado, M.C.L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. Em: F. Milnitzky, G. Haddad, M. P. Fuks & S. Goldberg (Coords.). *Anais do IV Encontro Latino Americano dos Estados gerais da psicanálise* (CD-ROM). Rio de Janeiro, RJ. Rio de Janeiro: Estados Gerais da Psicanálise.

Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R. & Beaune, D. (2009). Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition

méthodologique. Em: D. Beaune (Org.), *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues* (pp. 39-52). Paris: L'Harmattan.

Akotirene, C. (2018). *O que é interseccionalidade*. Belo Horizonte- MG: Letramento

Alberti, S. (2002). O Adolescente e seu Pathos. *Psicologia USP*, 13(2), pp.183-202. Obtido em 12 de janeiro de 2016. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642002000200011>

Almeida, S. (2018). *O que é racismo estrutural*. Belo Horizonte- MG: Letramento

Ambrosio, F. F. (2013). *O estilo clínico ser e fazer na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.

Amouroux, R. (2012). *Marie Bonaparte: Entre biologie et freudisme*. Rennes: Presses universitaires de Rennes.

Assis, N. D. P., Aiello-Fernandes, R. & Vaisberg, T. M. J. A. (2016). 'Problemáticos ou Invisíveis': o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. *Memorandum*, 31, pp. 259-275.

Assis, N. D. P., Melo, C. V., Oliveira, G. C., Carlos, H. G., Nardim, I., Nogueira, L. P., Corsetti, P. H. A. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). O imaginário coletivo sobre o sofrimento da menina adolescente no filme “Bruna Surfistinha”. Em: L. S. de L. P. C. Tardivo (Eds). *Anais da 14ª Jornada Apoiar Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Propostas e Pesquisas* (pp. 343-360). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Assis, N. D. P., Carrilho, C.; Ferreira, D. V., Erbolato, G.; Donato, J. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015). “Mulher inexistente”: O imaginário coletivo sobre a mulher nas relações amorosas dos dias atuais. Em: L. S. de L. P. C. Tardivo (Eds). *Anais da XIII Jornada*

*Apoiar: Cuidado e Prevenção em Saúde Mental: propostas e Pesquisas*, (pp. 322-334).

São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Arós, A. C. S. P. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(2), pp. 3-17. Obtido em 08 de fevereiro de 2015. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v11n2/v11n2a02.pdf>

Ayub, R. C. P. & Macedo, M. M. K. (2011). A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), pp. 582-601. Obtido em 08 de fevereiro de 2015. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932011000300011>

Azevedo, E. C. (2001). Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(4), pp. 66-77. Obtido em 08 de fevereiro de 2015. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932001000400008>

Azevedo, J. C. (2016). *A experiência televisiva: o Netflix e a cultura da recepção audiovisual on demand no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Estudos Culturais Contemporâneos, Universidade FUMEC. Belo Horizonte, MG.

Badinter, E. (2005). *Rumo equivocado: feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bartky, S. L. (1990). *Femininity and Domination: Studies in the Phenomenology of Oppression*. New York: Routledge.

Bartky, S. L. (2002) *Simpaty and Solidarity and Other Essays*. Laham, Maryland: Rowman & Little Field.

Barus-Michel, J. (2005). Entre sofrimento e violência: a produção social da adolescência. Em S.G. Pimenta, A. J. Melfi & J. B. A. David (Orgs.) *Anais Simpósio Internacional do Adolescente*. Obtido em 14 de maio de 2017. Recuperado de

[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000082005000100018&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100018&lng=en&nrm=iso)

- Barcelos, T. F. (2014). *A História da menina-morta: (des) esperança de adolescentes em situação de precariedade social*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Barreto, M. A. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. (2007). Escolha profissional e dramática do viver adolescente. *Revista Psicologia & Sociedade*, 19 (1), pp. 107 – 114. Obtido em 14 de maio de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n1/a15v19n1.pdf>
- Barreto, M. A. M. & Aiello-Vaisberg, T. M.J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista*, 16(2), pp. 310-329. Obtido em 14 de maio de 2017. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n2/v16n2a06.pdf>
- Barros, P. C., Monteiro, F., Frej, N. Z. & Vilar de Melo, M. F. (2017). Na exclusão social, palavras que alimentam e incluem o sujeito. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(3), pp.743-752. Obtido em 11 de dezembro de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v20n3/1809-4414-agora-20-03-00743.pdf>
- Beauvoir, S. (2009). *O Segundo Sexo*. (S. Milliet Trad.) (2º ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1949).
- Bento, V. E. S. (1998). Formulando uma Psicopatologia Fundamental, justificando-a e ilustrando-a a partir da psicanálise da adolescência de Dora. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 1(4), pp.11-29. Obtido em 11 de dezembro de 2018. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/1415-47141998004002>
- Bleger, J. (2007). *Psicologia de la Conducta*. Buenos Aires: Paidós. (Obra original publicada em 1963).

- Bleger, J. (1988). *Psicoanálisis y dialéctica materialista*. Buenos Aires: Paidós. (Obra original publicada em 1958).
- Bonaparte, M. (1967). *Sexualité de la femme*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Botega, N. J. (2015). *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Botelho-Borges, A. A., Barcelos, T. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Leal a si mesmo: um diálogo com o filme “Meu tio matou um cara”. Em: L. S. L. P. C. Tardivo. & T. M. J. Aiello-Vaisberg (Eds.). *Anais da XI Jornada Apoiar – Adolescência: Identidade e Sofrimento na Clínica Social* (pp. 104-113). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Brancaglioni, B. C. A. & Fonseca, R. M. G. S. (2016). Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(5), pp. 946-955. Obtido em 30 de setembro de 2018. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408>
- Bremm, E. S. & Bisol, C. A. (2008). Sinalizando a adolescência: narrativas de adolescentes surdos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(2), pp. 272-287. Obtido em 30 de setembro de 2018. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932008000200005>
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990)
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Cabreira, J. C., Pontes, M. D. S., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2007). Ódio e discriminação contra “emos”: um estudo sobre o imaginário coletivo de adolescentes. Em: Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região (Org.). *Anais da Jornada sobre a criança e o adolescente*. Campinas: Núcleo de Psicanálise de Campinas e Região.

- Campos, E. B. V. (2009). *Representação e afeto no segundo modelo tópico e pulsional freudiano*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Campos, E. B. V. (2011). Limites da representação na metapsicologia freudiana. *Psicologia USP*, 22(4), pp. 851-878. Obtido em 07 de setembro de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v22n4/aop3711.pdf>
- Campos, C. H. (2015). Femicídio no Brasil: Uma análise crítico-feminista. *Sistema Penal & Violência*, 7(1), pp.103-115. Obtido em 07 de setembro de 2018. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/20275/13455>
- Carneiro, C. (2018). O estudo de casos múltiplos: estratégia de pesquisa em psicanálise e educação. *Psicologia USP*, 29(2), pp. 314-321. Obtido em 30 de novembro de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v29n2/1678-5177-pusp-29-02-314.pdf>
- Carreiro, T.C. (2003) Sofrimentos Sociais em Debate. *Psicologia-USP*, 14 (3), pp. 57-72. Obtido em 06 de outubro de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v14n3/v14n3a06.pdf>
- Castro, M. & Lavinias, L. (1992). Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. Em A. Costa & C. Bruschini (Orgs.). *Uma questão de gênero* (pp. 216-251). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Chinalia, M. J. S. (2012) *Mulheres na prisão: um estudo psicanalítico de um documentário brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.
- Chinalia, M. J. S. (2017). “*Cadê o leite do meu neto?*”: *A relação entre os crimes de bagatela e o sofrimento social*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.

- Chinalia, M. J. S., Assis, N. D. P., Visintin, C. D. N. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2018). Furtos de bagatelas e sofrimento social: uma Interlocução com o pensamento winnicottiano. *Psicologia Revista*, 27(1), pp. 35-56. Obtido em 06 de outubro de 2018. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/32096/26210>
- Chodorow, N. (1990). *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos
- Cixous, H. (1997). *The laugh of the Medusa. Feminisms: An anthology of literary theory and criticism*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press
- Cixous, H. & Clément, C. (1996). *La jeune née* (vol. 24). Londres: IB Tauris.
- Conte, M., Henn, R. C., Oliveira, C. S. de, & Wolff, M. P.. (2008). "Passes" e impasses: adolescência - drogas - lei. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(4), pp. 602-615. Obtido em 06 de outubro de 2018. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142008000400007>
- Conte, M., Silveira, M., Torossian, S. D. & Minayo, M. C. S. (2014). Oficinas de história de vida: uma construção metodológica no enlace entre psicanálise e saúde coletiva. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), pp. 766-778. Obtido em 06 de outubro de 2018. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000300025>
- Coutinho, L. G., Carneiro, C., & Salgueiro, L. M. (2018). Vozes de crianças e adolescentes: o que dizem da escola?. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22(1), pp.185-193. Obtido em 06 de outubro de 2018. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/2175-35392018014739>
- Coutinho, L. G.; Rocha, A. P. R. (2007). Grupos de reflexão com adolescentes: elementos para uma escuta psicanalítica na escola. *Psicologia Clínica*, 19(2), pp. 71-85. Obtido em 06 de outubro de 2018. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000200006>

- Coutinho, L. G., Souza, S. N. & Oliveira, B. O. (2012). Encontros e desencontros entre adolescência e educação: relato de pesquisa-intervenção. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(2), pp. 341-352. Obtido em 06 de julho de 2017. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922012000200009>
- Corbett, E. (2014). “*Contos sem fadas*”: *Mães e filhos em situação de violência doméstica*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.
- Cossi, R. K. & Dunker, C. I. L. (2017). A diferença sexual de Butler a Lacan: gênero, espécie e família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, pp.1-8. Obtido em 06 de julho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v33/1806-3446-ptp-33-e3344.pdf>
- Costa, P. R., Grossi, M. P. & Macarro, M. J. M. (2017). “Não dói o útero e sim a alma”: A violência sexual que fere, que mata, que dilacera as mulheres do Brasil. *Caderno Espaço Feminino*, 29(2), pp. 124-149. Obtido em 06 de julho de 2018. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/35644/pdf>
- Crescêncio, C. L. (2012). Quem tem medo do feminismo?. *Historiæ*, 2 (2), pp.137-151. Obtido em 06 de julho de 2017. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/hist/article/download/2499/1330>
- Crenshaw, K. (2012). A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. *Cruzamento: raça e gênero*. Obtido em 16 de março de 2017. Recuperado de <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>
- Cunha, C. F. & Lima, N. L. (2012). Uma delicada transição: adolescência, anorexia e escrita. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(4), pp. 798-811. Obtido em 16 de março de 2017. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142012000400004>

- Das, V. (2007). *Life and Words. Violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press.
- Devereux, G. (2012) *De l'angoise a la methode dans les sciences du comportement*. Paris: Flammarion (Obra original publicada em 1967).
- Dinnerstein, D. (1976). *The mermaid and theminotaur Sexual arrangements and human malaise*. New York: Harper & Row.
- Estimado, R. B., Fortunato, T., Cruz, J. F. A., Hotimsky, M. C. N. & Bassani, A. D. (2016). Entrevista: Margareth Rago. *Humanidades em diálogo*, 7, pp.15-43. Obtido em 10 de março de 2017. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/113330/111278>
- Fanon, F. (1952). *Peau Noire, Masques Blancs*. Paris: Du Seuil.
- Ferenczi, S (1992). *Psicanálise IV: Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferraz, M. M., Ferreira, F. E. C., Gonçalves, A. F. B., Almeida, B. P., Bechara, G. M. R., Lazarim, K. G. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015). “Anjos do Sol”: Imaginário Coletivo sobre Prostituição de Crianças e Adolescentes. Em: L. S. de L. P. C. Tardivo (Eds.). *Anais da XIII Jornada Apoiar: Cuidado e Prevenção em Saúde Mental: propostas e Pesquisas* (pp. 237-246). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Ferreira, M. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). Concepções sobre adoção entre psicólogos e psicanalistas: observações iniciais. Em: Federação Psicanalítica da América Latina (Orgs.). *Anais do XIII Encontro Latino-Americano sobre o Pensamento de Donald W. Winnicott* (pp. 155-159). Porto Alegre: Rio Grande do Sul.
- Ferreira-Teixeira, M. C., Gallo-Belluzzo, S. R. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O imaginário da adoção homoparental no filme “Patrick, 1.5”: considerações preliminares. Em: L. S. de L. P. C. Tardivo (Eds.). *Anais da XII Jornada Apoiar – “A*

*clínica social – Propostas, Pesquisas e Intervenções*” (pp. 144-157). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Firestone, S. (1976). *La dialéctica del sexo*. Editorial Kairós.

Flax, J. (1987). Postmodernism and gender relations in feminist theory. *Signs: Journal of women in culture and society*, 12(4), pp.621-643. Obtido em 9 de janeiro de 2017. Recuperado de [https://www.jstor.org/stable/3174206?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/3174206?seq=1#page_scan_tab_contents)

Formiga, N. S. (2007). Valores humanos e sexismo ambivalente. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, 19(2), pp. 381-396. Obtido em 10 de abril de 2017. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000200009>

Fredrickson, B. L. & Roberts, T. A. (1997). Objectification Theory: toward understanding women's lives experiences and mental health risks. *Psychology of women quarterly*, 21, pp. 173-206. Obtido em 9 de janeiro de 2017. Recuperado de [https://www.researchgate.net/publication/258181826\\_Objectification\\_Theory\\_Toward\\_Understanding\\_Women's\\_Lived\\_Experiences\\_and\\_Mental\\_Health\\_Risks](https://www.researchgate.net/publication/258181826_Objectification_Theory_Toward_Understanding_Women's_Lived_Experiences_and_Mental_Health_Risks)

Frederico, C. (1979). *A Vanguarda Operária*. São Paulo: Ed. Símbolo

Freud, A. (1992). *The ego and the mechanisms of defence*. Londres: Karnac Books. (Obra original publicada em 1936).

Freud, S. (1972) Sexualidade feminina. Em: \_\_\_\_\_ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (pp. 231-251). (J. Salomão Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1931).

Freud, S. (1972). A feminilidade. Em: \_\_\_\_\_ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (pp. 113-134). (J. Salomão Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1933).

- Freud, S. (1972). *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905). Em: \_\_\_\_\_ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas* (pp. 15-116). (J. Salomão Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- Freud, S. (1972). *Dois verbetes de enciclopédia - (A) Psicanálise*. Brasil: Edição Standard Brasileira. (Obra original publicada em 1922).
- Friedan, B. (1971). *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes.
- Fulgêncio, L. (2013). Pode haver uma ciência psicanalítica sem uma metapsicologia especulativa? *Scientiae Studia*, 11(3), pp. 491-510. Obtido em 9 de março de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ss/v11n3/03.pdf>
- Fulgêncio, L. (2015). Apontamentos para uma análise da influência do existencialismo moderno na obra de Winnicott. *Ciência e Cultura*, 67(1), pp. 36-39. Obtido em 9 de janeiro de 2017. Recuperado de <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v67n1/v67n1a13.pdf>
- Fulgêncio, L. (2017). Compulsão à repetição no contexto analítico para Winnicott. *Revista de Filosofia Aurora*, 23(33), pp. 493-506. Obtido em 9 de janeiro de 2018. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/1588/1495>
- Galeffi, D. (2009). O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. Em: R. S. Macedo, D. A. Galeffi & A. Pimentel. *Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa* (pp.13-73). Salvador: EDUFBA.
- Gallo-Belluzzo, S. R., Ferreira-Teixeira, M. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). O imaginário de adolescentes sobre o vestibular: um estudo psicanalítico. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 27(Suppl. 1), p. 404-412. Obtido em 03 de abril de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v27s1/1982-4327-paideia-27-s1-404.pdf>

- Galster, I. (2003). Cinquenta anos depois de O segundo sexo, a quantas anda o feminismo na França?: uma entrevista com Michelle Perrot. *Revista Estudos Feministas*, 11(2), pp. 513-521. Obtido em 9 de janeiro de 2017. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200010>
- Giddens, A. (1989). *A constituição da sociedade* (Vol. 458). São Paulo: Martins Fontes.
- Giffin, K. (1994). Violência de gênero, sexualidade e saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 10, pp.146-155. Obtido em 9 de janeiro de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csp/v10s1/v10supl1a10.pdf>
- Goldani, A. M. (2010). Desafios do "preconceito etário" no Brasil. *Educação e Sociedade*, 31(111), pp. 411-434. Obtido em 9 de janeiro de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a07.pdf>
- Goldmann, A. (1971). *Cinéma et Societé moderne – Le cinema de 1958 a 1968: Godard, Antonioni, Resnais, Robbe – Grillet*. Paris: Anthropos.
- Gomes, C. C. & Sorj, B. (2014). Corpo, geração e identidade: a Marcha das Vadias no Brasil. *Sociedade e Estado*, 29(2), pp. 433-447. Obtido em 9 de janeiro de 2017. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922014000200007>
- Gomes, C. C. (2017). Corpo e emoção no protesto feminista: a marcha das vadias do Rio de Janeiro. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (25), pp.231-255. Obtido em 5 de janeiro de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/sexs/n25/1984-6487-sexs-25-00231.pdf>
- Gómez-San L. A. H. & Almanza-Avedaño, A. M. (2013). Análisis crítico de discursos sobre prostitución de niñas y adolescentes. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 11(2), pp. 647-658. Obtido em 31 de maio de 2017. Recuperado de [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1692-715X2013000200014&lng=en&tlng=](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2013000200014&lng=en&tlng=)

- Gonzalez, L. (1983). Racismo e sexismo na cultura brasileira. Em: L. A. M. Silva, A. Zicardi, E. Nunes, P. Jacobi, A.L.S. Souto, J. A. Moisés, L. P. Valladares, P. M. Fontaine, C.A. Hasenbalg, N. V. Silva, L. Gonzalez, C. B. R. Silva, P. Fry, C. Vogt, M. Gnerre, B. Sorj & A. Seeger (Orgs.). *Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos* (pp. 223-244). Brasília: Ciências Sociais Hoje, ANPOCS.
- Gottlieb, A. & DeLoache, J. S. (2016). *A world of babies: Imagined childcare guides for eight societies*. Reino Unido: Cambridge University Press.
- Gottlieb, A. (2015). *The afterlife is where we come from*. EUA: University of Chicago Press.
- Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. (E. O. D.Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1983)
- Guerra, A. M. C.; Cunha, C. de F.; Costa, M. H.; Silva, T. L. (2014). Risco e Sinthome: A Psicanálise no Sistema Socioeducativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), pp. 171-177. Obtido em 31 de maio de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n2/06.pdf>
- Gurski, R. & Pereira, M. R. (2016). A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, 27(3), pp. 429-440. Obtido em 31 de maio de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v27n3/1678-5177-pusp-27-03-00429.pdf>
- Habigzang, L. F., Hatzenberger, R., Corte, F. D., Strocher, F. & Koller, S. (2006). Grupos de terapia cognitivo-comportamental para meninas vítimas de abuso sexual: descrição de um modelo de intervenção. *Psicologia Clínica*, 18(2), 163-182. Obtido em 31 de maio de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v18n2/a12v18n2.pdf>
- Hemmings, C. (2009). Contando estórias feministas. *Estudos Feministas*, 17(1), pp. 215-241. Obtido em 31 de maio de 2017. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100012>

- Herrmann, F. (2005). Psicanálise e Pesquisa. *Jornal de Psicanálise*, 38 (69), pp. 259-271.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. Em: F. Herrmann e T. Lowenkron. *Pesquisando com o Método Psicanalítico* (pp. 43-83). São Paulo, Casa do Psicólogo.
- Herrmann, F. (1979). *O método da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- Horney, K. (1926). The flight from womanhood: the masculinity-complex in women, as viewed by men and by women. *The International Journal of Psychoanalysis*, 7, pp. 324-339.
- Hooks, B. (1995). Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, 3(2), 464-478.
- Hough, C. A. (2008). The Afterlife Is Where We Come From: The Culture of Infancy in West Africa, by Alma Gottlieb. *American Ethnologist*, 35(1), pp.1034-1038.
- Irigaray, L. (1984). *L'éthique de la différence sexuelle*. Paris: Les Éditions de Minuit,
- Irigaray, L. (1974). Ce sexe qui n'en est pas un. *Les cahiers du GRIF*, 5(1), pp. 54-58. Obtido em 31 de maio de 2017. Recuperado de [https://www.persee.fr/doc/grif\\_0770-6081\\_1974\\_num\\_5\\_1\\_964](https://www.persee.fr/doc/grif_0770-6081_1974_num_5_1_964)
- Jordão, A. B. & Ramires, V. R. R. (2010). Vínculos afetivos de adolescentes borderline e seus pais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), pp. 89-98. Obtido em 31 de maio de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a11v26n1.pdf>
- Jucá, V. & Vorcaro, A. M. (2018). Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. *Psicologia USP*, 29 (2), pp. 246-252. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v29n2/1678-5177-pusp-29-02-246.pdf>
- Kernberg, O. (1975) *Borderline conditions and pathological narcissism*. New York: Jason Aronson.
- Kessler, F., von Diemen, L., Seganfredo, A. C., Brandão, I., Saibro, P., Scheidt, B., Grillo, R. & Ramos, S. P. (2003). Psicodinâmica do adolescente envolvido com drogas. *Revista*

- de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25 (Suppl. 1), pp. 33-41. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v25s1/a05v25s1.pdf>
- Klein, M. (1959). The effects of early anxiety-situations on the sexual development of the girl. Em: \_\_\_\_\_ *The psycho-analysis of children* (pp. 268-325). London: Hogarth Press,
- Kristeva J. (1986). *Women's Time*. Em: Moi, T. (Org.). *The Kristeva Reader* (pp. 187-214). Oxford: Blackwell Publishers. (Obra original publicada em 1979).
- Kristeva, J. (1980). *Pouvoirs de l'horreur: essais sur l'abjection*. França: Seuil.
- Kulesza, J. & Santi Bibbo, U. (2013). A televisão a seu tempo: Netflix inova com produção de conteúdo para o público assistir como e quando achar melhor, mesmo que seja tudo de uma vez. *Revista de Radiodifusão*, v. 7(8), pp. 44-51. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/artigo%20netflix.pdf>
- Kyriillos Neto, F. & Dunker, C. I. L. (2004). O ineditismo na adolescência: originalidade, igualdade e repetição. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 7(3), pp. 56-66. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v7n3/1415-4714-rlpf-7-3-0056.pdf>
- Lago, M. C. S. (2010). Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções. *Estudos Feministas*, 18(1), pp.189-204. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a12.pdf>
- Lago, M. C. S. (2010b) A psicanálise nas ondas dos feminismos. Em: C. Rial, J. M. Pedro & S. M. F. Arend (Org.). *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade* (pp. 287-306). Florianópolis: Mulheres.

- Laing, R. (1960). *The divided self. A study of sanity and madness*. London: Tavistock Publications.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. (P. Tamen Trad.). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1967).
- Levi, P. (1988) *Si c'est un homme*. Paris: Pocket (Obra original publicada em 1947).
- Levinzon, G. K. (2018). Thirteen Reasons Why: suicídio em adolescentes. Em: I. F. Motta, A. S.R. Rosal & C.Y.G. Silva (Orgs.). *Psicologia: relações com o contemporâneo* (pp. 137-148). São Paulo: Ideias e Letras.
- Levisky, D. L. (1997). *Adolescência: pelos caminhos da violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2017). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. São Paulo: Autêntica.
- Machado, L. Z. (2000). Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? *Série Antropológica*, (284), pp. 2-19. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de [http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/08/MACHADO\\_GeneroPatriarcado2000.pdf](http://www.compromissoeatitude.org.br/wp-content/uploads/2012/08/MACHADO_GeneroPatriarcado2000.pdf)
- Machado, M. C. L.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2004). O brincar e a sexualidade: considerações sobre o erotismo e o desejo à luz da psicanálise winnicottiana. Em: T. M. J. Aiello-Vaisberg & Ambrosio, F. F. (Orgs.) *Cadernos Ser e Fazer: o brincar* (pp.18-23). São Paulo: IPUSP.
- Machado, M. C. L. (1995). *Universo em desencanto: conceitos, imagens e fantasias de pacientes psiquiátricos sobre loucura e/ou doença mental*. Tese de doutorado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

- Marin, I. S. K. (2003). Violência e transgressão: interrogando a adolescência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 6 (3), pp. 94-109. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v6n3/1415-4714-rlpf-6-3-0094.pdf>
- Matheus, T. C. (2008). Quando a adolescência não depende da puberdade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(4), pp. 616-625. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v11n4/v11n4a08.pdf>
- Matheus, T. C. (2012a). Diálogos sobre a adolescência e a ameaça de exclusão dos privilegiados. *Psicologia USP*, 23(4), pp. 721-735. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v23n4/v23n4a06.pdf>
- Matheus, T. C. (2012b). O sujeito adolescente e a ameaça de exclusão na contemporaneidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(1), pp.82-93. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v15n1/07v15n1.pdf>
- Marini, M. (2016). “Você poderá vomitar até o infinito, mas não conseguirá retirar sua mãe de seu interior” – psicanálise, sujeito e transtornos alimentares. *Cadernos Pagu*, (46), pp. 373-409. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n46/1809-4449-cpa-46-0373.pdf>
- Martins, C. R. & Petroski, E. L. (2015). Insatisfação com a imagem corporal em adolescentes do sexo feminino de uma cidade de pequeno porte: prevalência e correlações. *Motricidade*, 11(2), pp. 94-106. Obtido em 31 de maio de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/mot/v11n2/v11n2a10.pdf>
- Millet, K. (1970). *Sexual politics*. New York: Doubleday & Company.
- Miranda, S.P & Souza, J. L. F. (2017). Agenda-setting na Netflix: um estudo de caso da série 13 Reasons Why. Em: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares

- da Comunicação. *Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* (pp. 269-378). Curitiba, PR: Intercom
- Mitchell, J. (1967). Mulheres: a revolução mais longa. *Revista Civilização Brasileira*, ano III, n. 14, pp. 5-41.
- Mitchel, J. (1979). *Psicanálise e feminismo. Freud, Reich, Laing e mulheres*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Mitchel, J. (1988). *Psicanálise da sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Campus.
- Mitchell, S. A. & Aron, L. E. (1999). *Relational psychoanalysis: The emergence of a tradition*. Inglaterra: Routledge.
- Monteiro, K. C. C. & Lage, A. M. V. (2007). A depressão na adolescência. *Psicologia em Estudo*, 12(2), pp. 257-265. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a06.pdf>
- Montezi, A. V., Zia, K.P., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2011). Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2), pp. 299-305. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a13v16n2>
- Montezi, A. V., Barcelos, T. F., Ambrosio, F. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Linha de Passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19(1), pp. 74-88. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v19n1/v19n1a07.pdf>
- Moura, F. C. (2005). Adolescência: efeitos da ciência no campo do sujeito. *Psicologia Clínica*, 17(2), pp.113-125. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v17n2/v17n2a09.pdf>
- Muraro R. M. (1993). *Os seis meses em que fui homem*. (4ª ed.). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, 11(3), pp. 647-654. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>
- Nogueira, C., Saavedra, L. & Costa, C. (2008). (In)Visibilidade do gênero na sexualidade juvenil: propostas para uma nova concepção sobre a educação sexual e a prevenção de comportamentos sexuais de risco. *Pro-Posições*, 19(2), pp. 59-79. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a06v19n2.pdf>
- Oliveira, H. M. & Hanke, B. C. (2017). Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(2), pp. 295-310. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v20n2/1809-4414-agora-20-02-00295.pdf>
- Oliveira, D. M. & Fulgencio, L. P. (2010). Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação. *Psicologia em Revista*, 16(1), pp. 64-80. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n1/v16n1a06.pdf>
- Pateman, C. (1993). *O contrato sexual*. Rio: Paz e Terra.
- Pedro, J. M. (2005). Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância. *História Unisinos*, 9(3), pp.170-176. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/6426>
- Pereira, M. R. & Gurski, R. (2014). A adolescência generalizada como efeito do discurso do capitalista e da adultez erodida. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), pp.376-383. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/144310/000985063.pdf?sequence=1>

- Perrot, M. (1984). *Une histoire des femmes est-elle possible?* Paris: Rivage.
- Pichon-Rivière E. (1998). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1983).
- Poli, M. C. & Faissol, K. R. (2016). Adolescer com Arte (e psicanálise): projetos escolares. *Educação & Realidade*, 41(3), pp. 833-851. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v41n3/2175-6236-edreal-51152.pdf>
- Politzer, G. (1998). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Unimep. (Obra original publicada em 1928).
- Pontes, M. L. S. (2011). *A hora H: o imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre adolescência*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.
- Pontes, M. L. S., Barcelos, T. F., Tachibana, M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia: teoria e prática*, 12(1), pp. 85-96. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v12n1/v12n1a08.pdf>
- Quaresma da Silva, D. R. (2016). Exclusão de adolescentes grávidas em escolas do sul do Brasil: uma análise sobre a educação sexual e suas implicações. *Revista de Estudos Sociais*, (57), pp. 78-88. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.org.co/pdf/res/n57/n57a07.pdf>
- Rago, M. (2000). O elogio do sexo da mulher. *Cadernos Pagu* (14), pp. 291-297. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51336>
- Rago, M. (2013). Poéticas e políticas das indígenas na Bolívia. Em: M. Rago & A.C. A. T. Murgel (org.). *Paisagem e tramas: o gênero entre a história e arte* (pp.87-100). São Paulo.

- Reich, W. (1978). *A função do orgasmo*. São Paulo: Brasiliense.
- Renault, E. (2008). *Souffrances sociales. Sociologie, psychologie et politique*. Paris: La Découverte.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento Editora e Livraria LTDA.
- Riemenschneider, F. (2015). *Buscando a cura pelo conhecimento: imaginário de estudantes sobre o curso de psicologia*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.
- Rodrigues, L. M. (2016). *O imaginário de adolescentes sobre o esporte: um estudo psicanalítico*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.
- Ruiz-Juan, F., Baena-Extremera, A. & Baños, R. (2017). Nivel de actividad deportiva en el tiempo libre desde las etapas de cambio y motivación en estudiantes de Costa Rica, México y España. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 17(2), pp. 53-64. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <https://revistas.um.es/cpd/article/view/301891>
- Sacomori, C. (2015). Qualquer coisa a qualquer hora em qualquer lugar: as novas experiências de consumo de seriados via Netflix. *Temática*, 11(4), pp. 53-68. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/23903/13106>
- Saffioti, H. (1988). Movimentos sociais: a face feminina. Em N. V. Carvalho (Org.). *A condição feminina* (pp. 143-178). São Paulo: Vértice.
- Safra, G. (2001). Investigação em psicanálise na universidade. *Psicologia USP*, 2(12), pp.171-175. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200014)
- Santos, B. D. S. (1999). *Um discurso sobre as ciências*. Porto (Portugal): Afrontamento.

- Santos, E. G. & Sadala, M. da G. S. (2013). Alteridade e adolescência: uma contribuição da psicanálise para a educação. *Educação & Realidade*, 38(2), pp. 555-568. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n2/v38n2a12.pdf>
- Santos, K. F. & Motta, I. F. (2014). O significado da maternidade na trajetória de três jovens mães: um estudo psicanalítico. *Estudos de Psicologia*, 31(4), pp. 517-525. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v31n4/a06v31n4.pdf>
- Sas, S. A. (2004). L'interprétation dans le trans-subjectif. *Psychothérapies*, 24(4), pp. 207-213. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-psychotherapies-2004-4-page-207.htm>
- Sas, S. A. (2002). Situations sociales traumatiques et processus de la cure. *Revue française de psychanalyse*, 66(3), pp. 923-933. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2002-3-page-923.htm>
- Savietto, B. B. & Cardoso, M. R. (2009). A drogadicção na adolescência contemporânea. *Psicologia em Estudo*, 14(1), pp.11-19. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a03v14n1.pdf>
- Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 5(8), pp. 47-59. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/04.pdf>
- Schulte, A. D. A., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). Postagens em blogs pessoais: aproximação do acontecer humano em pesquisas psicanalíticas. *Psicologia Revista*, 25(2), pp. 227-241. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/30138/21350>

- Schulte, A. A. (2016). *Maternidade contemporânea como sofrimento social em blogs brasileiros*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP.
- Segato, R. L. (2012). Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *e-cadernos ces*, (18), pp. 106-131. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <https://journals.openedition.org/eces/1533>
- Silva, D. G. D. & Dell'Aglio, D. D. (2016). Exposure to domestic and community violence and subjective well-being in adolescents. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 26(65), pp. 299-305. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v26n65/1982-4327-paideia-1982-43272665201603.pdf>
- Silva, M. E. L. (1993). *Investigação e psicanálise*. Campinas, São Paulo: Papiros.
- Simon, R. (1989). *Psicologia clínica preventiva: novos fundamentos*. São Paulo: EPU.
- Simon, R. (2015). A psicoterapia no século XXI: possibilidades, novas perspectivas, desafios. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 23(2), pp. 69-74. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/6696>
- Sorj, B. (2013). Arenas de cuidado nas interseções entre gênero e classe social no Brasil. *Cadernos de pesquisa*, 43 (149), pp. 478-491. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/cp/v43n149/06.pdf>
- Sousa, R. (2017). Cultura do Estupro – A prática implícita de incitação à violência sexual contra mulheres. *Estudos Feministas*, 25(1), pp. 09-29. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/48512/33659>

- Souza, J. M.; Silva, J. P. & Faro, A. (2015). Bullying e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(2), pp. 289-298. Obtido em 4 de junho de 2018. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192837>
- Souza, O. (2001). Os continentes psíquicos e o vazio em psicanálise. Em: C. Poian (Org.). *Formas do vazio: desafios ao sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera.
- Stenzel, M. & Darriba, V. A. (2011). O ato na adolescência como resposta à inconsistência do Outro. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 14(3), pp. 472-484. Obtido em 3 de agosto de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v14n3/05.pdf>
- Steves, C. (2005). Resignificando a maternidade: psicanálise e literatura. *Revista Gênero*, 5(2), p. 65-79. Obtido em 3 de agosto de 2017. Recuperado de [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3781/1/ARTIGO\\_ResignificandoMaternidade.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3781/1/ARTIGO_ResignificandoMaternidade.pdf)
- Stocker, P. C. & Dalmaso, S. C. (2016). Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. *Revista Estudos Feministas*, 24(3), pp. 679-690. Obtido em 3 de agosto de 2017. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/46743/32489>
- Stolorow, R. (2000). Psicanálise relacional: entrevista com Robert Stolorow. *Percurso*, 13 (24), pp. 97-102. Obtido em 3 de agosto de 2017. Recuperado de [http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p24\\_entrevista.pdf](http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p24_entrevista.pdf)
- Tachibana, M., Montezi, A. V., Barcelos, T.F., Sirota, A. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2015). Who are the teenagers of today? Collective imaginary of Brazilian teachers. *International Journal of Information and Education Technology*, 5(1), pp.47-49. Obtido em 3 de agosto de 2017. Recuperado de <http://www.ijiet.org/show-50-526-1.html>

- Tardivo L. S. P. C. (2004). *O Adolescente e Sofrimento Emocional nos Dias de Hoje: Reflexões Psicológicas. Encontros e Viagens*. Tese de Livre Docência, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Teixeira, L. C. (2014). O sujeito adolescente e a intervenção psicanalítica: notas a partir de um caso clínico. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3, Suppl. 1), pp. 797-804. Obtido em 3 de agosto de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v17n3s1/1415-4714-rlpf-17-03-s1-00797.pdf>
- Teixeira, R. A. A., Zachi, E. C., Roque, D. T., Taub, A. & Ventura, D. F. (2011). Memory span measured by the spatial span tests of the Cambridge Neuropsychological Test Automated Battery in a group of Brazilian children and adolescents. *Dementia & Neuropsychologia*, 5(2), pp. 129-134. Obtido em 3 de agosto de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/dn/v5n2/1980-5764-dn-5-02-00129.pdf>
- Thomazini, I. F. S., Wysocki, A. D., Cunha, M. C. B, Silva, S. R. & Ruiz, M. T. (2016). Factores de riesgo relacionados con el Trabajo de Parto Prematuro en adolescentes embarazadas: revisión integradora de la literatura. *Enfermería Global*, 15(44), pp. 416-427. Obtido em 13 de março de 2017. Recuperado de [http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1695-61412016000400017&lng=es&tlng=es](http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412016000400017&lng=es&tlng=es)
- Thompson, C. (1943). "Penis Envy" in Women. *Psychiatry*, 6(2), pp.123-125. Obtido em 13 de março de 2017. Recuperado de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00332747.1943.11022443?journalCode=upsy20>
- Tomasi, L. O.; Macedo, M. M. K. (2015). Adolescência em conflito com a lei: a intensidade da história de vida em ato. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), pp.53-63. Obtido em

13 de março de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n1/0102-3772-ptp-31-01-0053.pdf>

Tostes, G. W., Assis, N. D. P., Corbett, E. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2018). Dor cortante: sofrimento emocional de meninas adolescentes. *Contextos Clínicos*, 11(2), pp. 257 – 267. Obtido em 13 de novembro de 2018. Recuperado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/viewFile/ctc.2018.112.10/60746306>

Tsu, T. M. J. A. (1980). *Análise de sonhos de gestantes: um estudo sobre regressão*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Turato, E. R. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa – definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(1), pp. 93-108. Obtido em 1 de maio de 2010. Recuperado de <http://sppsicossomatica.org/Publicacoes/Revista-daSPP/Volume-2-N1-1>

Uziel, A. P. & Berzins, F. A. J. (2012). Adolescências, autonomia e direitos sexuais: fragmentos de histórias de meninas abrigadas. *Psicologia Clínica*, 24(1), pp. 105-115. Obtido em 13 de março de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v24n1/08.pdf>

Valverde, B. S. C. L., Vitalle, M. S. D. S., Cintra, I. D. P. & Schoen, T. H. (2012). Levantamento de problemas comportamentais/emocionais em um ambulatório para adolescentes. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), pp.315-323. Obtido em 13 de março de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v24n1/08.pdf>

Vieira, J. V. & Angonese, M. (2016). Clínica dos gêneros não inteligíveis: Judith Butler e psicanálise. *Revista Estudos Feministas*, 24(1), pp. 369-372. Obtido em 13 de março de

2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v24n1/1805-9584-ref-24-01-00369.pdf>
- Vinet, E. & Alarcón Bañares, P. (2009). Caracterización de personalidad de mujeres adolescentes infractoras de ley: un estudio comparativo. *Paideia*, 19(43), pp. 143-152. Obtido em 13 de março de 2017. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305423765002>
- Viola, D. T. D. & Vorcaro, A. M. R. (2015). O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. *Psicologia USP*, 26(1), pp. 62-70. Obtido em 13 de março de 2017. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n1/0103-6564-pusp-26-01-00062.pdf>
- Virole, B. (2001). *Développement psychologique de l'enfant sourd: Moments critiques*. Obtido em 15 de novembro de 2006. Recuperado de [www.benoitvirole.com](http://www.benoitvirole.com)
- Virole, B. (2003). *Apports de l'utilisation précoce de la langues de signes à la dynamique des relations familiales*. Obtido em 15 de novembro de 2006. Recuperado de [www.benoitvirole.com](http://www.benoitvirole.com)
- Virole, B. (2005). *Adolescence et surdit e*. Obtido em: 7 de maio de 2006. Recuperado de [www.benoitvirole.com](http://www.benoitvirole.com)
- Visintin, C. D. N. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Maternidade e sofrimento social em mommy blogs brasileiros. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, 19(2), pp. 98-107. Obtido em 13 de março de 2018. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v19n2/v19n2a05.pdf>
- Visintin, C. D. N., Paulo, F. M., Sampaio, J. P., Pereira, M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). "Que horas ela volta?": Investigando psicanaliticamente o imaginário coletivo sobre a maternidade. Em: L. S. de L. P. C. Tardivo (Eds.). *Anais da XII Jornada Apoiar – "A*

- clínica social – Propostas, Pesquisas e Intervenções*” (pp. 269-378). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Winnicott, D. W. (2000). A mente e sua relação com o psicossoma. Em: \_\_\_\_\_ *Da pediatria à psicanálise - Obras escolhidas* (pp. 332-346). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1949).
- Winnicott, D. W. (1990). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1960).
- Winnicott, D. W. (1982). Desenvolvimento emocional primitivo. Em: \_\_\_\_\_ *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 247-268). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Obra original publicada em 1945).
- Yorkey, B. (2017). *Thirteen reasons why* [série]. Estados Unidos: July Moon Productions. Distribuidora Netflix.
- Yoshida, E. M. P. (2008). Significância clínica de mudança em processo de psicoterapia psicodinâmica breve. *Paidéia*, 18(40), pp. 305-316. Obtido em 13 de março de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n40/08.pdf>
- Yoshida, E. M. P. (2012). Psicoterapias psicodinâmicas. Em: M. E. N. Lipp & E. M. P. Yoshida (Orgs.). *Psicoterapias breves: nos diferentes estágios evolutivos* (pp. 1-17). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.
- Zornig, S. M. A. (2014). O abuso de substâncias tóxicas na adolescência: uma tentativa de incorporação do objeto? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17(spe), pp. 51-62. Obtido em 13 de março de 2018. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v17nspe/05.pdf>



### **Apêndice 1- Narrativa da Trajetória da Pesquisadora**

O presente anexo inclui a “Narrativa da Trajetória da Pesquisadora”, que traz algumas das motivações profissionais e pessoais da pesquisadora. Ela foi elaborada a fim de atender a certas exigências epistemológicas enunciadas por Santos (1999), do campo das ciências humanas, ao afirmar que as trajetórias pessoais e coletivas dos pesquisadores e das comunidades científicas estão intimamente vinculadas à produção de conhecimento compreensivo. Trata-se de posicionamento que converge com considerações de Bleger (1963/2007), discípulo de Pichon-Rivière (1983/1998), quando lembra que a personalidade do pesquisador interfere no fenômeno estudado, tornando desejável a explicitação do chamado esquema conceitual, referencial e operativo (ECRO), que inclui não apenas opções teóricas, epistemológicas, éticas e metodológicas, como também história e estilo pessoal. Desta feita, incluímos, nessa narrativa, elementos relativos a motivações profissionais e pessoais para favorecer uma visão da subjetividade da pesquisadora, que certamente atua no processo de criação/encontro dos campos de sentido afetivo-emocional. Assim, deixamos claro que se trata do registro de impactos contratransferenciais vividos por uma mulher, psicóloga clínica, de classe média, de cor branca, que cresceu em ambiente suficientemente protegido e é sensibilizada pelo drama adolescente.

Visamos, também, contemplar um conceito relevante que vem sendo melhor abordado por Ribeiro (2017) que consiste em considerar um fenômeno declarando nossas posições de privilégios e opressões. Desse modo, concordamos com as críticas da autora à ciência eurocêntrica, produzida predominantemente por homens cis brancos, em detrimento de certa invisibilidade de produções escritas por mulheres, especialmente as negras. Tal conceito também se revela fundamental para refletirmos sobre os feminismos - e o modo como nós, mulheres brancas, somos oprimidas, mas também estamos sujeitas a reproduzir opressões contra negras ou índias. Lembramos que concordamos com a defesa do reconhecimento de

diferenças interseccionais que precisam ser expostas e melhor esclarecidas socialmente. Portanto, decidimos incluí-la em anexo, para que o leitor possa ler em estado de atenção flutuante e livre associação de ideias, bem como a narrativa transferencial do filme.

### ***“Narrativa da Trajetória da Pesquisadora”***

*A seguir, contarei eventos relativos à minha trajetória como psicóloga e pós-graduanda stricto sensu em psicologia. Além disso, esclarecerei o motivo pelo qual, diante de tantos materiais interessantes, escolhi a série “13 Reasons Why” para estudar o imaginário sobre sofrimento feminino vivido na adolescência. Algumas motivações, certamente, ultrapassam o meu entendimento e talvez não consiga expressar, mas sei que é imprescindível apresentar o meu caminho profissional – e alguns aspectos relevantes da vida pessoal – ao leitor para auxiliar na compreensão acerca da intersubjetividade envolvida na criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional.*

*Ingressei no curso de psicologia em 2008 e, durante os cinco anos da graduação, não me interessei muito pelo tema da adolescência. Evitava estágios com jovens e sempre preferi lidar com crianças. Talvez eu ainda estivesse mergulhada nos meus próprios “dramas adolescentes”, mas, pelo que recordo, prevalecia a minha pouca empatia pelo sofrimento de jovens. Eu queria trabalhar com adultos ou crianças, mas adolescentes sempre foram pessoas difíceis de lidar na minha imaginação. Além disso, eu ouvia histórias de colegas que sofriam nos estágios com adolescentes porque diziam que eram mal-educados, estúpidos e inconvenientes. Frequentemente os estágios estavam vinculados à alguma escola e isso acarretava em desmotivação, pois não era comum encontrar alunos felizes e dispostos no colégio. Já na clínica, quando eu e minhas colegas tínhamos que atender um(a) jovem, nos deparávamos com silêncios constrangedores e constantes questionamentos que eram, basicamente, interpretados por nós como simples resistências ou rebeldias “típicas” da fase.*

*Mas tudo começou a mudar no mestrado, quando diversos estudos me fizeram perceber que, frequentemente, adultos caem na armadilha de patologizar a adolescência, naturalizando diversos fenômenos sociais ou, então, são hostis e insensíveis com os jovens. Isso me lembrou professores da graduação que criticavam veementemente toda e qualquer psicologização. Eu sabia daquilo na teoria, mas não vivenciava essa postura na prática. Quantas vezes eu ouvi a velha frase “Fulano está na aborrecência...”. Comecei a notar que muitos dramas jovens eram subvalorizados pelos adultos. Todo o processo da pesquisa me fez abrir os olhos e me solidarizar com esse grupo etário, que parecia ser visto pelos idosos – participantes da minha pesquisa de dissertação – como seres nefastos, perigosos, problemáticos, ou então como crianças grandes, tolas, bobas e fúteis, que, basicamente, desperdiçavam as oportunidades da vida. Encontramos no imaginário dos idosos, também, algo na linha do “Quem trabalha, não dá trabalho”, que seria uma ideia segundo a qual os adolescentes que trabalhavam eram maduros e, por isso, nem poderiam ser considerados adolescentes. Por fim, fiquei perplexa quando notamos que “ser adolescente” era sinônimo de “ser um problema” no imaginário coletivo. Como poderia contribuir mais ativamente com a desmitificação do adolescente como um ser problemático ou invisível?*

*Ingressei no doutorado inclinada a pensar que precisava continuar os estudos sobre adolescência. Por outro lado, sempre me interessei bastante pelas temáticas de outros integrantes do grupo de pesquisa, possivelmente por conta do meu gosto pela clínica psicológica. A diversidade temática sempre me atraiu e isso permitiu aproveitar oportunidades preciosas de coautoria. Em suma, os estudos sobre maternidade despertaram em mim um olhar diferenciado no que diz respeito às relações de gênero. Questionava-me os motivos por que a sociedade sempre cobrou tanto das mulheres e parecia ser tão permissiva com as falhas dos homens com relação à parentalidade. A tese da colega psicóloga-pesquisadora Elisa*

*Corbett<sup>22</sup>, sobre mulheres-mães em situações de violência doméstica, me fez atentar para um fenômeno tão relevante e resgatou reflexões ocorridas na graduação durante estágio na delegacia da mulher com vítimas de violência doméstica, quando ouvia histórias terríveis de mulheres machucadas, abusadas e extremamente desrespeitadas em suas personalidades.*

*Além disso, passamos a investigar obras cinematográficas sobre a mulher nas relações amorosas e encontramos um campo em que, basicamente, a mulher ideal seria aquela que adivinhasse os desejos masculinos e suprisse todas as suas vontades. Seria cômico se não fosse trágico! Em pleno século XXI? Eu não queria acreditar... Sendo mulher, branca, classe-média, sempre vivi sob condições privilegiadas, mas só mais tarde fui perceber que a opressão pode ocorrer de forma velada também. Já no segundo ano do doutorado fui convidada a auxiliar alunos da graduação em uma disciplina sobre pesquisa e, juntos, abordamos outra obra cinematográfica para investigar o imaginário coletivo sobre o sofrimento da menina adolescente. Escolhemos o filme “Bruna Surfistinha” e nele identificamos que algumas meninas podem usar o corpo, sexualmente, para serem vistas e aceitas como pessoa. A protagonista, ao se tornar uma mulher fatal, passa a ser independente financeiramente. Por outro lado, a prostituição, tal como é retratada no filme, evidencia alguns revezes de uma objetificação sexual e como é complicado falar em “escolha” quando nos deparamos com relações de gênero, desigualdades históricas e violentas. Atentei-me para a intensa solidão que certamente muitas meninas tentam encobrir com um corpo sensual e desejado, bem como o despreparo social para lidar com sofrimentos femininos vividos na adolescência.*

*Em seguida, o fenômeno da prática do cutting por meninas adolescentes ficou em evidência na clínica psicológica e em vários outros âmbitos. Intriguei-me com os sentidos deste ato e iniciei, então, estudos preliminares sobre a prática de automutilação por meninas*

---

<sup>22</sup> Corbett, E. (2014). "Contos sem fadas": Mães e filhos em situação de violência doméstica. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.

*adolescentes. Percebemos no grupo de pesquisa que falar de escarificações ficava abstrato se não contemplássemos o contexto de vida da adolescente e sua dramática, pois o pano de fundo de toda a nossa preocupação não era tanto o ato em si, mas sim o sofrimento subjacente da menina adolescente que o praticava. Passei a investigar blogs de meninas que se cortavam para compreender melhor suas experiências emocionais e notei o fato de que o sofrimento da adolescente parece estar intimamente ligado à dimensão estética do corpo, bem como ao desejo frustrado em conquistar um amor ideal. Grosso modo, parecia que meninas precisariam ser lindas para, finalmente, terem mais chances de serem escolhidas pelo ser amado. Como não lembrar dos Contos de Fadas? A leitura do livro “Complexo de Cinderela”, de Colette Dowling (1981/1995)<sup>23</sup>, certamente me auxiliou no questionamento sobre a necessidade de um amor ideal que salvasse e protegesse a mulher do mundo e de si mesma. Em seguida, comecei a perceber que esse imaginário pode afetar os homens de forma terrível também. Quem é que consegue se sentir feliz tendo a incumbência de ser ideal para outra pessoa? Estaríamos criando uma legião de meninos mimados, mal-acostumados e, principalmente, inseguros?*

*Impossível não levar em conta o modo como isso é aproveitado pela mídia, no sentido de despertar necessidades e induzir meninas muito novas a se transformarem em verdadeiras máquinas sexuais. Muitas vezes, conforme adolecem, viram bonecas lindas, porém vazias de si mesmas. Assim, li diversos trabalhos que mencionavam o modo perverso como a mídia, e a sociedade capitalista de forma geral, se aproveitam da insegurança feminina para vender produtos e encobrir os chamados “defeitos estéticos”.*

*Vale lembrar que, no período que atendi na clínica, praticamente todas as minhas pacientes – meninas e mulheres – relatavam algum desconforto, em maior ou menor intensidade, em relação à estética de seus corpos. Não demorava muito para que as*

---

<sup>23</sup> Dowling, C. (1995). *Complexo de Cinderela*. (A. M. F. Miazzi, trad.) São Paulo: Melhoramentos. (Original publicado em 1981).

*inseguranças sobre sexualidade, aparência e competência pessoal surgissem: “Será que transo pouco?”, “Será que transo muito?”, “Será que ele me acha gorda?” “Estou muito magra?”, “Meu bumbum é flácido”, “Preciso ter um corpo sarado!”, “Homem nenhum gosta de mulher preguiçosa!”, “Queria casar com um homem rico”, “Não dou conta de fazer isso porque sou mulher”, entre várias outras frases depreciativas. Notei que muitas mulheres viviam na base do (suposto) desejo masculino sobre elas e que aquilo parecia limitar imensamente suas vidas. Fui atrás de pesquisas que contemplassem esse fenômeno e, além disso, cuidei em terapia pessoal dos aspectos contratransferenciais envolvidos.*

*Minha família sempre foi muito presente em minha vida. Além disso, nunca passamos por dificuldades financeiras. Fui ensinada, desde criança, que o conhecimento seria o único bem que jamais perderíamos, sendo assim, sempre fui incentivada a estudar e viajar, diferente de grande parcela da nossa população. Cresci no interior de Minas Gerais, em uma cidade pequena, onde praticamente todos se conheciam e os vizinhos eram a extensão da nossa família. Sou a filha mais nova, tenho uma irmã e um irmão, ambos mais velhos que eu. Portanto, reconheço a condição privilegiada em que cresci. Ainda assim, não deixei de viver inúmeros conflitos e desconfortos que eu julgava como “naturais” na adolescência. Desde a puberdade, vivi constantes aflições acerca do meu peso – que só hoje percebo que não oscilava tanto como eu achava –, inseguranças sobre sexualidade, estética, sobre como deveria me vestir, me comportar, etc. Além disso, percebia, dentro e fora da minha casa, que meninas não podiam muitas coisas que meninos podiam. A explicação “Meninas são mais frágeis” era constantemente seguida de “Fazemos isso para te proteger”. Eu ficava pensando: que tipo de proteção meninas precisam tanto e meninos não?*

*Já adulta, na vida social, também é extremamente comum ouvir em rodas de conversas colegas e amigos criticando o modo como as mulheres são “fáceis” nos dias de hoje, pois não se preservam e são muito atiradas ou explícitas quando querem ter relações sexuais. Ora,*

*quando eu questiono sobre a hipótese de eles também julgarem essa atitude como errada no caso de um homem eles se contorcem ao tentarem me convencer de que a mulher é “naturalmente” mais reservada e o homem não. Para eles, dizer que está disponível sexualmente só é correto quando parte do homem, mulher nenhuma jamais deveria deixar claro os seus desejos. Respiro fundo e reflito que esse pensamento conservador é um perigo. Por outro lado, se essa crença existe é porque vivemos em ambientes que cultivam esse modo de ser.*

*Essas questões despertaram o meu interesse em estudar de forma mais aprofundada o sofrimento feminino vivido na adolescência. Sempre soube que a pesquisa precisa ser relevante para além do meu próprio umbigo. Os meus conflitos pessoais, complexos e reflexões sobre “tornar-se mulher” são cuidados em ambiente terapêutico protegido há anos. No entanto, não pude deixar de perceber que venho colhendo frutos conforme enxergo que ser mulher em uma sociedade desigual é um verdadeiro desafio e que precisamos questionar as relações de gênero constantemente e, principalmente, o “lugar” que está reservado à mulher na sociedade. Percebo a cada dia que ele é extremamente limitado e que precisamos observar, questionar e compreender o sofrimento feminino se intencionamos viver relações mais éticas e solidárias. Assim, acredito que este trabalho poderá iluminar práticas psicoprofiláticas, bem como contribuir com a discussão sobre relações de gênero e adolescência feminina, tal como ela é vivida atualmente.*

*É nesse contexto que me deparo com “13 Reasons Why”. Lembro que estava navegando pelo Facebook e vi a postagem de uma frase irônica de uma página que produz e reproduz “memes”<sup>24</sup>, dizendo que esperava que na prova do dia seguinte caísse algum conteúdo sobre a série, dando a entender que não havia estudado a matéria por ter ficado entretido com a trama, situação compartilhada por internautas que assistiram a série em um*

---

<sup>24</sup> Piadas ou imitações que viralizam rapidamente na internet e alcançam alta popularidade.

*curto período de tempo. Não demorou para que a repercussão tomasse conta da internet e diversos profissionais da saúde comentassem e se posicionassem criticamente em relação à série, alertando sobre os possíveis danos de mostrarem o suicídio de Hannah de forma romantizada.*

*Como eu já estava interessada em assuntos ligados à adolescência, embora ainda sem considerar que poderia vir a ser meu material de pesquisa, decidi assistir rapidamente a série, pois fiquei com receio de que censurassem alguma cena, seja pelo suicídio, estupro ou demais tipos de violência.*

*Fiquei envolvida, não tanto pelo tema do suicídio em si, mas porque percebi que não havia lido comentários sobre a objetificação das meninas na série, algo que fica tão explícito, no meu ponto de vista. Várias discussões importantes foram surgindo, mas sem um recorte mais específico que abordasse essa dimensão de gênero. Pensei que poderíamos então contribuir com a produção de conhecimento, pois de um lado vejo adolescentes se identificando e aplaudindo a produção, de outro vejo adultos preocupados e exaltados, com medo que seus filhos adolescentes se suicidem incentivados pela obra.*

*À parte de tudo o que se têm dito sobre o assunto, questiono-me: “O que a trama nos oferece como comunicação sobre sofrimento de meninas adolescentes?”. Penso que nosso grupo de pesquisa, atento aos sofrimentos sociais, por meio do método psicanalítico, poderá contribuir significativamente com essa questão.*

## Apêndice 2 - Lista de personagens da série “13 Reasons Why”

**Alex Standall:** menino novato, ex-amigo de Hannah, que cria uma lista em que vota nela como “a melhor bunda” do colégio, no intuito de provocar ciúmes em Jessica, sua ex-namorada.

**Bryce Walker:** garoto rico, um pouco mais velho que os demais, que estupra Jessica e Hannah.

**Clay Jensen:** garoto tímido, que relata ter sido alvo de bullying no passado por suspeitas sobre possível homossexualidade, mas que, de fato, gosta de Hannah.

**Courtney Crimsen:** estudante bem popular, que não se assume lésbica e espalha boatos de Hannah.

**Hannah Baker:** a protagonista que se suicida e deixa 13 fitas contando os motivos pelos quais ela se decidiu por este ato.

**Jessica Davis:** ex-amiga de Hannah, garota que foi estuprada por Bryce.

**Justin Foley:** primeiro garoto que decepcionou Hannah após espalhar fotos e boatos sobre o primeiro beijo da garota. Depois, virou namorado de Jessica.

**Kat:** primeira amiga de Hannah que precisou se mudar de cidade.

**Kevin e Olivia Baker:** pais de Hannah e donos de uma farmácia. Apresentam algumas dificuldades financeiras, porém são atenciosos e amorosos com a filha.

**Lainie e Matt Jensen:** pais de Clay. Lainie é uma advogada bem-sucedida e proativa, responsável por defender a escola do processo iniciado pelos pais de Hannah. Matt é professor, mais tímido e retraído, que também parece ter sido vítima de bullying quando adolescente.

**Marcus Cole:** estudante que convida Hannah para sair e a expõe diante de outros colegas assediando e constrangendo-a.

**Ryan Shaver:** estudante homossexual que publica o poema de Hannah sem o seu consentimento.

**Sheri Holland:** garota simpática e popular que omite ter derrubado uma placa de “Pare”, situação que gera um acidente fatal.

**Skye Miller:** estudante que trabalha como garçonne, tem poucos amigos e se automutila.

**Sr. Porter:** conselheiro da escola que não parece acreditar que Hannah pudesse se suicidar.

**Tony Padilla:** amigo de Clay e estudante com quem Hannah deixou as fitas e confiou que ele supervisionasse que Clay ouvisse até o fim.

**Tyler Down:** estudante e fotógrafo da escola que persegue Hannah, invadindo constantemente sua privacidade.

**Zach Dempsey:** garoto bonito, atlético, que fica revoltado quando Hannah recusa a sua companhia, por conta das experiências ruins que havia passado.